



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
CAMPUS AVANÇADO DE ASSÚ
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - UNIDADE ASSÚ

TATIANA SIMÃO DE CARVALHO

LEITURA LITERÁRIA: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA A PARTIR DE
CONTOS TRADICIONAIS DO BRASIL DE CÂMARA CASCUDO

ASSÚ/RN

2021

TATIANA SIMÃO DE CARVALHO

**LEITURA LITERÁRIA: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA A PARTIR DE
CONTOS TRADICIONAIS DO BRASIL DE CÂMARA CASCUDO**

Trabalho de Conclusão Final apresentado ao
Mestrado Profissional em Letras
(PROFLETRAS), da Universidade do Estado do
Rio Grande do Norte, Unidade Assú, vinculado à
linha de pesquisa Leitura e produção textual:
diversidade e práticas docentes, como requisito
parcial para a obtenção do Título de Mestre em
Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Maria da Conceição
Silva Dantas Monteiro

ASSÚ/RN

2021

Catlogação da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

C331I Carvalho, Tatiana Simão de
LEITURA LITERÁRIA: UMA PROPOSTA
METODOLÓGICA A PARTIR DE CONTOS
TRADICIONAIS DO BRASIL DE CÂMARA CASCUDO. /
Tatiana Simão de Carvalho. - Assu, 2021.
148p.

Orientador(a): Profa. Dra. Maria da Conceição Silva
Dantas Monteiro.

Dissertação (Mestrado em Programa de Mestrado
Profissional em Letras). Universidade do Estado do Rio
Grande do Norte.

1. contos populares;. 2. ensino básico;. 3. letramento
literário;. 4. animação. I. Monteiro, Maria da Conceição
Silva Dantas. II. Universidade do Estado do Rio Grande do
Norte. III. Título.

TATIANA SIMÃO DE CARVALHO

LEITURA LITERÁRIA: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA A PARTIR DE CONTOS
TRADICIONAIS DO BRASIL DE CÂMARA CASCUDO.

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional
em Letras (PROFLETRAS), do Departamento de
Letras Vernáculas, da Universidade do Estado do
Rio Grande do Norte, como requisito parcial para
obtenção do Título de Mestra em Letras.

Aprovada em: 11 de junho de 2021.

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Maria da Conceição Silva Dantas Monteiro (Orientadora)

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Prof. Dr. Éldio Pinto da Silva

Universidade Federal Rural do Semiárido - UFERSA

Examinador Externo

Profa. Dra. Nádia Maria Silveira Costa de Melo

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Examinadora Interna

À Maria Laura de Carvalho Barbosa, que me proporcionou a descoberta de um sentimento genuíno, puro e incondicional. Minha filha, minha flor, minha incentivadora, meu maior amor.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que sempre esteve comigo nessa caminhada: “Porque eu, o Senhor, teu Deus, te tomo pela tua mão direita e te digo: não temas, que eu te ajudo!” (ISAÍAS, 41: 13).

À minha família, pelo incentivo e apoio incondicional.

Aos amigos, que se alegram com minha caminhada e torcem para meu êxito.

Aos professores da Escola Estadual Luiz Gonzaga, do turno matutino, que me enriqueceram com seu fazer pedagógico e luta constante em busca da superação dos desafios cotidianos de ser escola.

À Aldineide Sales Silva, exímia cordelista, pela valiosa contribuição.

À direção da Escola Estadual Luiz Gonzaga, lócus da pesquisa, por contribuir e facilitar, no que foi e é possível, meu trabalho no ambiente escolar.

À coordenação do PROFLETRAS-UERN/unidade Assú, pela dedicação e esforço em promover um ensino de qualidade e pelo reconhecimento e valorização da formação continuada do professor.

Ao corpo docente do PROFLETRAS, que contribuiu significativamente para meu aprendizado, ajudando a transformar dúvidas e questionamentos e meios para alargar meu horizonte de expectativa ao ampliar meus conhecimentos.

À minha orientadora, Prof^{fa}. Dra. Maria da Conceição Silva Dantas Monteiro, pelo seu incentivo, prestimosa paciência e zelo por esta pesquisa a esta pesquisadora.

À banca examinadora, pelas contribuições durante a qualificação, pelo tempo dedicado à leitura e avaliação deste trabalho e preciosas sugestões para aperfeiçoar este TCF.

À CAPES¹, pelo incentivo à pesquisa e valorização da formação do Professor.

À direção da escola onde a pesquisa foi realizada, por contribuir e facilitar, no que é possível, meu trabalho no ambiente escolar.

Aos alunos por terem aceitado participar desta caminhada comigo.

Aos pais dos alunos por acreditarem em meu trabalho.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para esta conquista. Conhecimentos que levarei para toda vida. Meus sinceros agradecimentos.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 (Portaria n. 206, de 4 de setembro de 2018/ Diário Oficial da União n. 172, quarta-feira, 5 de setembro de 2018).

“É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo”

Paulo Freire

RESUMO

A abordagem dos contos, na sala de aula, tem sido objeto de inúmeras pesquisas, aparentando ser um gênero de aparente facilidade. O conto possui várias camadas que se desvelam à medida que avançamos na leitura. Estudá-lo em sala de aula, pode tornar o ensino de leitura mais diversificado e significativo. Nessa perspectiva, esta pesquisa tem como objetivo propor uma estratégia de ensino de leitura literária intervindo no processo escolarizado da formação de leitores, numa turma do 4º ano do Ensino Fundamental I, da Escola Estadual Luiz Gonzaga, no município de Pendências/RN, utilizando a metodologia da sequência básica de Letramento Literário proposta por Cosson (2016) a partir de contos populares, coletados por Câmara Cascudo. Para fundamentar a pesquisa foram consideradas as concepções de letramento (SOARES, 2001; 2017), de letramento literário (COSSON, 2018; PAULINO; COSSON, 2009; BELINTANTE, 2013; ZAPONE, 2007); de leitura (FREIRE; JOUVE, 2012; SOLÉ, 1998; KLEIMAN, 2013); de contos (BOSI, 2015; CASCUDO, 2000;2001; DE MARIA, 2004; e GOTLIB, 2006); de práticas de leitura literária (COLOMER, 2007; PAULINO, 2001; LAJOLO, 2001); (ZILBERMAN, 2012; (COMPANGNON, 2012). Sobre a literatura e formação humana alicerçadas nos estudos de Candido (2001, 2012). Além disso, foram considerados os fundamentos metodológicos de Cabral (2016), Santos Marques e Kleiman (2019) sobre oficinas, assim como, o desenvolvimento de habilidades norteado pela BNCC (2018) para as práticas de linguagem. Por se tratar de uma pesquisa-ação, de natureza qualitativa, os dados da análise foram coletados das oficinas realizadas na escola, no período de novembro a dezembro de 2019. Os resultados atestam que a aplicação das atividades de intervenção contribuiu para o desenvolvimento da leitura do texto literário dos alunos envolvidos na pesquisa no que tange à formação de leitores, direcionando às práticas sociais de leitura e letramento. O conhecimento da literatura popular, através dos contos e das animações de caráter lúdico, contribuiu na construção de sentidos através da linguagem. Dessa maneira, os resultados mesmo em pequena escala, apontaram para avanços no letramento e na formação leitora dos alunos envolvidos.

Palavras-chave: contos populares; ensino básico; letramento literário; animação.

ABSTRACT

The approach to short stories in the classroom has been the subject of numerous researches, appearing to be a genre of apparent ease, the short story has several layers that are unveiled as we advance in reading. Studying it in the classroom can make teaching reading more diverse and meaningful. In this perspective, this research aims to propose a strategy for teaching literary reading intervening in the schooling process of training readers, in a 4th grade class of Elementary School I at Luiz Gonzaga State School, in the municipality of Pendências/RN, using the methodology of the basic sequence of Literary Literacy proposed by Cosson (2016) based on popular tales, collected by Câmara Cascudo. To support the research, the conceptions of literacy were considered (SOARES, 2001; 2017), of literary literacy (COSSON, 2018; PAULINO; COSSON, 2009; BELINTANTE, 2013; ZAPONE, 2007); reading (FREIRE; JOUVE, 2012; SOLÉ, 1998; KLEIMAN, 2013); of short stories (BOSI, 2015; CASCUDO, 2000; 2001; DE MARIA, 2004; and GOTLIB, 2006); of literary reading practices (COLOMER, 2007; PAULINO, 2001; (LAJOLO, 2001); (ZILBERMAN, 2012; (COMPANGNON, 2012). On literature and human formation based on Candido's studies (2001, 2012). the methodological foundations of Cabral (2016), Santos Marques and Kleiman (2019) on workshops were considered, as well as the development of skills, guided by the BNCC (2018) for language practices. Qualitative in nature, the analysis data were collected from the workshops held at the school, from November to December 2019. The results attest that the application of intervention activities contributed to the development of reading the literary text of the students involved in the research in which it concerns the formation of readers, directing the social practices of reading and literacy. The knowledge of popular literature, through short stories and playful animations, contributed to the construction of meanings above. through language. Thus, the results, even on a small scale, pointed to advances in literacy and in the reading training of the students involved.

Key words: popular tales; basic education; literary literacy; animation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa do LP (<i>Long Play</i>) Villa-Lobos	35
Figura 2 – Imagem da escola (lôcus da pesquisa)	42
Figura 3 – Convite	50
Figura 4 – Capa do livro Maria Gomes	53
Figura 5 – Apresentação da imagem aos alunos.....	62
Figura 6 – Bilhete	64
Figura 7 – Capa do livro Era uma vez um conto	69

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Advinha	69
Quadro 2 – Los primos	75
Quadro 3 – Diálogo sobre a caveira	78
Quadro 4 – Vestimenta da morte	79
Quadro 5 – Compadre da Morte	80
Quadro 6 – Compadre médico.....	80
Quadro 7 – Compadre médico 2.....	81
Quadro 8 – Compadre médico 3.....	81
Quadro 9 – Compadre médico 4.....	82
Quadro 10 – Compadre médico 5.....	83
Quadro 11 – Método da cura	83
Quadro 12 – Método da cura 2	83
Quadro 13 – Método da cura 3	83
Quadro 14 – Falso médico.....	84
Quadro 15 – A Morte	85
Quadro 16 – A festa no céu	87
Quadro 17 – A festa no céu 2	87
Quadro 18 – O urubu	89

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	12
2	LEITURA LITERÁRIA NOS ANOS INICIAIS	18
2.1	Letramento e letramento literário na escola	21
2.2	A formação do leitor literário	25
2.3	Sequência básica do letramento literário	28
2.4	O gênero conto.....	30
2.5	Contribuições da literatura popular	34
2.6	Câmara Cascudo e a literatura popular	38
3	ESCOLHAS PERTINENTES À PESQUISA	41
3.1	Tipos de pesquisa	41
3.2	Lócus da pesquisa	42
3.3	Participantes	43
3.4	Oficinas literárias	43
3.4.1	Oficinas aplicadas	45
3.4.1.1	Oficina 1 - O compadre da morte (conto de ciclo da morte)	46
3.4.1.2	Oficina 2 - A festa no céu (conto etiológico)	48
3.4.2	Oficinas propostas	51
3.4.2.1	Oficina 1 - Maria Gomes (conto de encantamento)	51
3.4.2.2	Oficina 2 - Quirino, o vaqueiro do rei (conto do exemplo)	55
3.4.2.3	Oficina 3 - A raposa e o canção / o gato e a raposa / a raposa e o timbu (conto de animais)	58
3.4.2.4	Oficina 4 - Adivinha, adivinhão! (conto de facécia)	60
3.4.2.5	Oficina 5 - Os rins da ovelha (conto religioso)	63
3.4.2.6	Oficina 6 - O afilhado do diabo (conto de demônio logrado)	66
3.4.2.7	Oficina 7 - Frei João sem cuidados (conto de adivinhação)	68
3.4.2.8	Oficina 8 - As testemunhas de Valdivino (conto de natureza denunciante)	71
3.4.2.9	Oficina 9 - O macaco perdeu a banana (conto de natureza denunciante)	73
4	PRÁTICAS EM CONSTRUÇÃO	78
4.1	Relato de experiências das oficinas aplicadas	78

4.2	Avaliação em literatura	91
4.3	Os atos de ensinar e aprender literatura	92
4.4	A literatura faz parte do nosso cotidiano	93
4.5	Diferentes possibilidades de expressar a aprendizagem	95
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
	REFERÊNCIAS	99
	APÊNDICES	103
	APÊNDICE A - Interpretação do texto com base no estudo de um conto	103
	APÊNDICE B - Interpretação do texto com base no estudo de um conto	104
	APÊNDICE C - Interpretação do texto com base no estudo de um conto	104
	APÊNDICE D - Interpretação do texto com base no estudo de um conto	105
	APÊNDICE E - Interpretação do texto com base no estudo de um conto	106
	APÊNDICE F - Interpretação do texto com base no estudo de um conto	106
	APÊNDICE G - interpretação do texto com base no estudo de um conto	107
	APÊNDICE H - Questionário	108
	ANEXOS	110
	ANEXO A - CORDEL APRESENTADO EM AGOSTO/2019 - PROJETO CESTA DE ARTE	110
	ANEXO B - EVENTO EM PRAÇA PÚBLICA DE PENDÊNCIAS/RN (ATO QUE PROPORCIONOU VISIBILIDADE AO PROJETO DE MESTRADO E GEROU IMPACTO SOCIAL - APRESENTADO EM AGOSTO/2019	112
	ANEXO C - REGISTROS DA SEGUNDA APRESENTAÇÃO NO MÊS DE DEZEMBRO DE 2019. APRESENTAÇÃO NO PROJETO CESTA DE ARTE (EVENTO OCORRIDO EM PRAÇA PÚBLICA	

DA CIDADE DE PENDÊNCIAS/RN). CONTO: O COMPADRE DA MORTE (1ª. APRESENTAÇÃO)	112
ANEXO D - SESSÃO DE AUTÓGRAFO DO PERSONAGEM SAPO (SEGUNDA-FEIRA, PÓS-APRESENTAÇÃO)	116
ANEXO E - TEXTOS DAS OFICINAS LITERÁRIAS	117
ANEXO F - TEXTOS PRODUZIDOS PELOS ALUNOS A PARTIR DO CONTO O COMPADRE DA MORTE	135
ANEXO G - PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA	144

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Leitura move o mundo e todos nós somos movidos por diversas leituras. A prática leitora impacta de forma única os indivíduos que nela imergem. Porém, nem sempre é vista como uma experiência agradável para determinados alunos. Torná-la significativa e habitual, deveria ser uma prática construída logo na primeira infância, no ambiente familiar; mas essa possibilidade nem sempre corresponde ao perfil leitor dos alunos. De maneira geral é na escola que a experiência leitora se torna regular.

A partir desse entendimento o ato de ler é uma prática que vai muito além de decodificar letras, mas também a compreensão do que se lê e a relação do que se lê com outros conhecimentos acumulados. Segundo Kleiman (2002), a compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimentos prévios, ou seja, é mediante a interação com diversos níveis de conhecimento que o leitor consegue construir o sentido do texto. Constitui-se, portanto, como uma habilidade imprescindível para o homem contemporâneo. Implica em o sujeito compreender a si e ao mundo que o rodeia, assim como, por meio dela se promove o acesso aos bens culturais de natureza escrita que predominam numa sociedade grafocêntrica como a nossa.

Em consonância a essas concepções, a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) tem como objetivo nortear o que deve ser ensinado nas escolas. Sobre a temática leitura, o documento inicialmente destaca que o principal objetivo de trabalho com a Língua Portuguesa é o desenvolvimento da escuta, de modo a construir sentidos coerentes para os textos orais e escritos, produzir textos adequados às diversas situações de interação e apropriar-se de conhecimentos e recursos linguísticos que contribuam para o uso adequado da língua oral e escrita. Ela divide as práticas de linguagem em quatro categorias: Leitura/escuta (compartilhada e autônoma), Produção de textos (escrita compartilhada e autônoma), Oralidade e Análise linguística/semiótica. No eixo leitura, concebe as práticas de linguagem que se realizam a partir da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para fruição estética de textos e obras literárias.

O referencial esclarece ainda que

Ao componente Língua Portuguesa cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens (BRASIL, 2018, p. 67-68).

Dessa forma, evidencia-se que a leitura é umas das ferramentas essenciais que contribui para o letramento e senso crítico dos discentes na disciplina de Língua Portuguesa, adotando assim, o texto como centralidade e unidade de trabalho e a linguagem concebida como enunciativa-discursiva.

Nesse sentido, destaca-se, em consonância à BNCC, o Documento Curricular do Rio Grande do Norte (2018) compreendendo que

O ensino de língua portuguesa tem como desafio nos Anos Iniciais ampliar os letramentos que os educandos já trazem consigo, fomentando-lhes o desejo e a necessidade de expandi-los, na medida em que são apresentados novos estímulos de participação na cultura letrada (DCRN, 2018, p. 61).

Entretanto, mesmo entendendo que a prática da leitura deve ser construída ao longo da vida, da sua importância na constituição do sujeito e do que está previsto nos documentos oficiais. A leitura ainda está inserida de forma secundária na vida de algumas pessoas, inclusive daquelas que frequenta(ram) a escola, principal agência de letramento e espaço oportuno para leitura. Fatos que são evidenciados as avaliações escolares internas e nas externas, tais como os Índices do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), têm mostrado que os alunos que concluem o Ensino Fundamental ainda apresentam dificuldades na compreensão da leitura, o que implica na necessidade de melhoria nesses resultados já que, segundo o documento o “letramento em leitura”, entendido como compreensão, reflexão e utilização de textos tem essencial importância na promoção da participação social ativa dos sujeitos não está ocorrendo de forma qualitativa na escola.

Quando tratamos da prática leitora no âmbito escolar percebemos que se trata de uma preocupação recorrente, pois professores buscam estratégias para dinamizar e tornar significativa suas aulas, além dos projetos pedagógicos que a equipe pedagógica organiza, porém parte dos alunos não conseguem apreender sentido nas aulas de leitura. Quando nos deparamos com essas questões, é preciso refletir sobre quais fatores interferem nesta relação: da prática de leitura e leitores em formação. Assim, também se faz oportuno considerar como se dá as aulas de leitura e quais tempos elas ocupam no cotidiano escolar, se consideram fatores como a ponderação entre as necessidades formativas dos alunos e os interesses destes.

De maneira usual, não é raro encontrar nas práticas de sala de aula, apenas a execução do plano de aula sugerido pelo livro didático e o cronograma a ser cumprido. Além disso, não há uma frequência satisfatória de alunos nas salas de leitura. Em relação a isso, um dos problemas encontrados é a falta de espaço e/ou mobiliário adequado, e dos espaços e tempos

que a leitura ocupa na rotina escolar. Não queremos aqui apontar que são apenas esses fatores que condicionam o desempenho leitor dos alunos, por entendermos que a ótica do professor sobre todo o processo de formação leitura também favorece ou não tal processo. As práticas leitoras na escola constituem um complexo processo que precisa de sistematização, (re)planejamento e acompanhamento constante.

Por conseguinte, oportunizar a prática leitora na vida dos discentes de forma significativa é um desafio para os professores, uma vez que, constituem-se como personagem que interferem, propõe em ambiente escolar, nessa construção cotidiana, a prática de leitura. Partindo desse paradigma, o presente estudo visa colaborar, por meio das oficinas apresentadas, oferecer estratégias metodológicas para que a leitura, em especial, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, efetive como atividade lúdica, cotidiana, mas essencialmente construtora de sentido para os leitores. Oportunizada pela interação entre sujeitos e a leitura, através da mobilização dos saberes prévios estabelecendo uma relação entre o que se sabe e o que a leitura acrescenta ao leitor como afirma Koch e Elias (2013, p. 11):

[...] o sentido de um texto é construído na interação texto-sujeitos e não algo que preexistia a essa interação. A leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo.

Nessa perspectiva, são os saberes que os sujeitos já possuem e a aproximação ao texto que acreditamos ser substanciais para o processo de formação leitora dos alunos. Dessa forma, os textos literários podem aproximar os saberes dos sujeitos, permitindo um encontro vivo e real com as práticas de leitura para dentro e fora da escola.

O texto literário é plurissignificativo e por isso está presente nas nossas vidas desde as cantigas de ninar. Contudo, há um apagamento na escola para as diversas possibilidades de saberes linguístico e cultural que estes são capazes de experienciar aos alunos. A esse respeito Lajolo (2000) discute a relação sala de aula e os textos literários. Para a autora, em sua maioria, os professores (ainda) não sabem como conduzi-los adequadamente nas aulas. Assim, entendemos que a leitura do texto literário está perdendo espaço na escola. Outro fator é a elaboração das atividades que fica a cargo das editoras com os encartes que vêm nos livros. Ler é aqui entendido, como atividade para responder fichas ou sugestões de atividades que acompanham os livros indicados para leitura nas escolas. Desvaloriza-se, então, a leitura literária propriamente dita, e o aluno apreende uma visão superficial do texto e uma

interpretação que considera apenas os saberes da leitura para sala de aula. Muitas vezes, o único texto literário presente no cotidiano escolar são aqueles constantes no livro didático, às vezes, apenas fragmentos e que contemplam leitura para responder atividades gramaticais.

Diante do exposto, quando ingressamos no Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), mestrado ofertado nacionalmente, surgiu uma oportunidade de discutir e ampliar o entendimento de questões teóricas que sustentam a prática docente do professor de Língua Portuguesa, contribuindo e dando voz àqueles que no seu fazer pedagógico, buscam caminhos metodológicos que efetivem as práticas pedagógicas de leitura significativas para os alunos. Nos associamos então, a linha de pesquisa Leitura e produção textual: diversidade social e práticas docentes, por compreendermos que ela acolhe e oportuniza a reflexão sobre a leitura como prática emancipadora e formativa do aluno.

O interesse pelo tema leitura nasce a partir das nossas vivências. Primeiro, por termos experienciado desde a infância o contato com o universo literário e sabermos quão importante é embarcar num universo lúdico e de aprendizagens. Segundo, por percebermos que nossa maior dificuldade, enquanto professor(a) de língua portuguesa, se dá justamente em oportunizar práticas de leitura significativas que atendam às necessidades de formação dos alunos e que os possibilitem a vivenciarem a leitura dentro e fora da escola. O PROFLETRAS oportuniza uma experiência singular de reflexão sobre essa questão.

A escolha do gênero eleito para esta pesquisa deu-se por considerar uma experiência ocorrida em julho de 2019. Apresentamos aos alunos o conto O marido da mãe d'água. Ao término da leitura houve um “hiato silencioso”. Quando questionados se gostaram responderam afirmativamente e em seguida solicitaram outra leitura. Continuamos a leitura com o conto A princesa e o gigante, ambos coletados por Luís da Câmara Cascudo e publicados na obra **Contos Tradicionais do Brasil**² (CASCUDO, 2000). Daí nasceu nosso projeto interventivo por considerarmos que a leitura dos contos impactou os alunos e provocou interesse em razão das aventuras do enredo, que estimulava sua imaginação e lhes dava oportunidade de interagir com os textos lidos, quando se colocavam no lugar dos personagens confirmando ou refutando suas ações. Com isso, ao percebermos que esse caminho contemplava nossa proposta, optamos pela leitura literária para oportunizar um conhecimento que vai além do ensino de conteúdo, trata-se sobretudo do fomento à capacidade crítica, do aguçamento da sensibilidade leitora e do desenvolvimento das práticas de linguagem.

² Grifo da autora do trabalho.

Embasados por um arcabouço teórico-metodológico nos aproximamos mais do gênero conto e a partir desse momento elegemos nossa questão de pesquisa: considerando o nível de proficiência leitora dos nossos alunos, o gênero conto popular pode representar uma experiência instigadora e propícia para intervir significativamente na ampliação da formação leitora?

Essa questão base emergiu das observações e reflexões sobre o desempenho leitor dos estudantes do 4º ano do Ensino Fundamental - Anos Iniciais. Por se tratarem de alunos ainda na infância era preciso investigar e atuar no processo leitor.

Diante disso, elaboramos nosso objetivo geral: elaborar uma proposta de ação pedagógica, por meio de oficinas literárias, subsidiadas por contos populares coletados por Câmara Cascudo, envolvendo atividades de leitura, oralidade e escrita experienciando a literatura como componente de formação humana. Esse objetivo desdobrou-se nos objetivos específicos: a) intervir no processo de formação leitora dos alunos aperfeiçoando a compreensão leitora, b) desenvolver atividades de leitura do texto literário, com ênfase nos contos populares coletados por Câmara Cascudo através de oficinas para a formação de leitor crítico; c) contribuir para o processo de leitura significativa, por meio de experiências relacionadas, entre outros elementos, aos aspectos linguísticos bem como a cultura de origem popular, d) oportunizar exercício da criação literária de gênero literário, e) fruição do texto literário e o desenvolvimento do processo de letramento

Nessa linha, Compagnon (2009) esclarece que a literatura oferece um conhecimento capaz de esclarecer os comportamentos e as motivações humanas, pois dessa forma, ela nos ensina a melhor sentir por ser “um exercício de pensamento e a leitura, uma experimentação dos possíveis” (COMPAGNON, 2009, p. 66-67), isto é, ao nosso aluno é necessário exercitar o pensamento e experienciar novas possibilidades no universo da leitura literária.

A metodologia utilizada nesse processo foi a pesquisa-ação. Inicialmente, nosso trabalho se constituía na aplicação de cinco oficinas a serem executadas. Ainda em 2019, implementamos as duas primeiras, entre novembro e dezembro desse ano. Nossa intenção era dar sequência ao trabalho pedagógico no ano letivo seguinte (2020), mas em razão da pandemia aplicamos duas oficinas e as outras, não puderam se efetivar. Mesmo assim foram elaboradas outras nove propostas, constante neste documento, como proposição de material didático, que poderão auxiliar professores que se interessem por esta temática, oferecendo exemplos de como apresentar e nortear atividades de leitura com os contos populares de Cascudo (2000). São atividades a partir das quais o docente pode planejar e/ou adaptar suas intervenções didáticas considerando as características de sua realidade. Nesse entendimento,

acreditamos que o letramento literário, discutido por Cosson (2012), consoante a experiência proporcionada pelo texto literário poderá além dos aspectos linguísticos corroborar na formação de um sujeito letrado e humanizado, como assim salienta Candido (2004, p. 117) que a humanização é

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos à natureza, à sociedade e ao semelhante.

Desse modo, a literatura única de saberes tanto ensina a ler, a escrever, quanto forma culturalmente e humanamente o sujeito. A leitura é uma atividade de decodificação, percepção e interpretação e a literatura integra um sistema cultural amplo que estimula a experiência e o diálogo com outras linguagens.

A partir das observações em sala de aula, percebemos que os alunos tinham especial atenção quando utilizávamos vídeos durante as oficinas. As cores, sons, imagens e a escuta da narrativa conduzem os alunos a um espaço lúdico materializado pela linguagem e a imagem, que seduzem e envolvem o espectador. Funciona como se fosse a materialização da imaginação do aluno quando esteve em contato com texto impresso. Esse entrelaçamento entre literatura e sua adaptação para linguagem audiovisual evidencia complementaridade de leitura. De acordo com Candido (1985, p. 51), “(...) a extrema plurivalência da palavra confere ao texto uma elasticidade que lhe permite ajustar-se aos mais diversos contextos.”. Ao ver/assistir a adaptação do texto escrito para a linguagem audiovisual não devemos entender como uma cópia, mas uma relação que se constrói entre linguagens. Esse entendimento é ancorado em Barthes (1992) que argumenta que “o texto é um tecido de citações saída de mil focos de cultura”, ou seja, textos escritos e audiovisuais possuem características semelhantes, como por exemplo, são narrativos e a narração não se dá apenas de um único modo.

Em vista desse aspecto elencado iniciamos uma busca em sites de vídeos por animações de conto. Alguns dos contos apresentados aqui possuem material audiovisual já postados na *internet*, mas em sua maioria são histórias narradas por fantoches ou contadoras de histórias. Esse modelo de vídeos, em nossa avaliação, não atendia ao gosto dos alunos, preferindo estes a animação. Diante disso, refletindo sobre essa situação, procuramos um *webdesigner* que pudesse produzir animações para utilizarmos em sala de aula com os alunos.

O aplicativo utilizado é o *Video Scrib*, um software para criar animações de quadro branco automaticamente.

A intenção aqui é ampliar o conteúdo simbólico cultural, pois essas animações, junto ao texto literário impresso mediam a leitura. Não propomos que a animação tome o lugar do texto escrito. As oficinas devem ter o texto impresso, na centralidade do trabalho pedagógico. A animação é um elemento lúdico que contribui no processo da aprendizagem.

Sendo assim, a proposta de intervenção aqui relatada se propõe a desenvolver práticas de letramento literário na tentativa de elevar a proficiência leitora dos alunos a partir do texto literário. Para isso, práticas significativas são necessárias através de escolhas metodológicas que dialoguem com nosso entendimento sobre aulas de leitura e as necessidades formativas dos alunos, baseadas nos programas curriculares e, ao mesmo tempo, propondo atividades que contemplem a formação leitora e humana dos sujeitos envolvidos.

Considerando todas essas questões, organizamos o texto dividido em capítulos, além desta apresentação inicial, que se trata de uma seção introdutória sobre os percursos que nos trouxeram à realização desta pesquisa, delimitando a questão deste estudo e os objetivos dela decorrentes.

No primeiro capítulo, apresentamos um panorama sobre leitura. No segundo capítulo, há as escolhas teóricas, que são as concepções sobre letramento literário, a formação do leitor literário, nortear e suscitar reflexões no leitor sobre a leitura, e a sequência metodológica que embasou as oficinas.

No terceiro capítulo, abordamos uma historiografia do conto, as contribuições da literatura popular para o conhecimento linguístico e cultural dos alunos e a importância de Câmara Cascudo para esses estudos, através da coleta e divulgação às gerações posteriores sobre a cultura e a literatura popular. No quarto capítulo, apresentamos os sujeitos e o lócus da pesquisa, bem como a justificativa dessas escolhas. No quinto capítulo, trazemos a intervenção ancorada na escolha metodológica, que julgamos dialogar com a nossa intenção de trabalho aqui apresentada, bem como as oficinas propostas para continuidade dos trabalhos com os contos populares. E por fim, no último capítulo, discutimos avaliação em literatura e as nossas apreciações em torno da questão que buscamos responder.

2 LEITURA LITERÁRIA NOS ANOS INICIAIS

Dá para imaginar que, por maiores e mais avançados que sejam os recursos contemporâneos de transmissão da informação, uma educação de qualidade pode se dar ao luxo de dispensar a

leitura de literatura, ou de ter dúvidas sobre a sua importância, ou de ficar discutindo em círculo sobre as diversas firulas que podem (ou não) caracterizar métodos de se chegar lá? Ou entendemos que não há educação sem leitura e nos alarmamos com a situação brasileira, ou estamos perdidos (MACHADO, 2007, p. 168).

A escola possibilita aos alunos a ampliação de diversas habilidades e competências, dentre essas, a leitura é possivelmente a questão mais representativa e substancial para uma formação dos educandos. De maneira, que o tema inquieta a todos os envolvidos no processo de ensino que em maior ou menor grau buscam aprofundar seus conhecimentos debruçando-se sobre teorias que promovem a reflexão sobre a prática pedagógica. Trata-se de uma das mais relevantes atividades desenvolvidas pelo ser humano, atuando na interação entre os sujeitos, aprimorando o senso crítico e ampliando o conhecimento sobre os diversos assuntos acerca do mundo que o rodeia, através da produção de sentido, modelando a formação crítico-reflexiva do indivíduo.

Nos anos iniciais do ensino fundamental, os alunos tem um contato maior e mais abrangente com um tipo de literatura específico, a literatura infantil. O que a caracteriza são as temáticas e a linguagem, que alguns teóricos afirmam ser compatíveis com a maturidade dos alunos dessa faixa etária. Além de serem curtos, expressivos e lúdicos. Contudo, mesmo esses textos considerados adequados, a faixa etária dos anos iniciais ocupam cada vez menos espaço nas rotinas escolares, e mesmo quando ocupam o espaço nas aulas, nem sempre a maneira como ele é apresentado é capaz de propiciar uma experiência exitosa com a leitura.

A literatura está posta na BNCC (BRASIL, 2018) contemplada no campo artístico-literário no qual, segundo o documento, se dá nas manifestações artísticas, em especial, a arte literária deve oferecer as condições para que se possa reconhecê-las valorizá-las e fruí-las, pois busca-se a continuidade da formação do leitor literário, com destaque para o desenvolvimento da fruição, evidenciando a condição estética desse tipo de leitura e de escrita. Embora se perceba o avanço da discussão, o papel e a importância da literatura na BNCC, ainda é vista como manifestação artística e cultural. Quando se trata das competências específicas da área de linguagens, em nenhuma das seis competências, a palavra literatura aparece. O que reforça a discussão da literatura, como linguagem, fato que ainda precisa avançar no debate. No entanto, ao trazer o campo artístico-literário já chama a atenção para que o aluno participe de situações de leitura, fruição e escrita do texto literário, porque a literatura é mais que arte construída pelas palavras. Concebê-la para além dessa perspectiva é compreender que a literatura tem saberes que favorecem os saberes linguísticos.

As relações entre literatura e escola expõem aspectos relacionadas a questões teórico-metodológicas sobre ensino da leitura literária. Essas aberturas mostram que há um descompasso entre os estudiosos que buscam resguardar o valor social e estético da literatura, enquanto bem cultural a ser preservado e reconhecido como formativo que permite a interação entre texto e leitor, e os de outra corrente que executam ações nas escolas explorando o **caráter utilitário**³ da literatura, utilizando-a para discutir sobre valores morais ou aprendizagem de elementos linguísticos.

Quando se considera a leitura literária um objeto de aprendizagem, a escola deve estimular o aluno a perceber a complexidade e as relações desses textos com outros. Como por exemplo, HQ's que possam abordar temas apresentados nos textos literários. Linguagens diferentes, mas capazes de dialogar entre si e de remeter a campos significativos passíveis de apreensão por parte dos alunos. O que se busca através do texto literário, é estimular os alunos a perceberem que a leitura não é uma mera atividade que **vale nota**⁴, mas que é indispensável para sua formação, para o seu conhecimento de mundo, para sua inserção em outros contextos. Sobre essa questão, Zilberman (2012) destaca que é dever da escola despertar o gosto pela literatura, o que pode ser explicado por pelo menos duas razões: pela capacidade que o texto literário apresenta de suscitar a imaginação, a criatividade, a descoberta de contextos distintos a partir da fruição poética e estética; e pela potencialidade de nos fazer pensar e refletir sobre o mundo, ampliando nossos horizontes de leitura. Além disso, a leitura de textos literários propicia conhecer diversos contextos culturais e linguísticos em épocas e cenários diversos.

Ademais a literatura também possui a dimensão humanizadora que diz respeito à formação do homem. A literatura é então um produto social, do homem para o homem. Nessa abordagem a fabulação é um dos fatores que contribuem para o processo de humanização, pois, o homem, segundo Candido, tem a necessidade pela ficção e a literatura. A partir desse instrumento, criando outra realidade, o homem pode alcançar uma supra realidade. Experimentar a vida é outro aspecto que contribui para este processo, a literatura forma e educa como se fosse algo experienciado pelo leitor/sujeito (CANDIDO, 2002).

Considerando os aspectos aqui já elencados, consideramos primordial que a leitura, em especial nos anos iniciais da educação básica, nas aulas de língua portuguesa possa oportunizar maior tempo dedicado aos textos literários, pois além do fato de possuir linguagem plurissignificativa, oportuniza elevar o capital cultural, linguístico e humano dos

³ Destaque da autora do trabalho.

⁴ Grifo da autora do trabalho.

alunos. Nesse pensamento, as singularidades do texto literário permitem reconhecer e compreender distintos modos de ser e estar no mundo.

Partindo desses pressupostos, destacamos Vygotsky (1984) ao evidenciar a importância da mediação das relações sociais para o desenvolvimento da criança. Para isso, a escola é vista como a responsável pela reelaboração de conhecimentos através do contato com os saberes científicos, permitindo uma nova relação cognitiva com o mundo e transformando modo de agir e pensar dos discentes. Freire (2017) reforça essa relação ao destacar a importância da compreensão do mundo que o rodeia para desenvolver a leitura. Por sua vez, Solé (1998) salienta a relevância de saber exatamente o objetivo da leitura ao destacar que essa habilidade é um processo que promove a interação entre leitor e texto, por meio da obtenção de informações pertinentes aos objetivos da leitura. Isso significa que o texto só tem sentido se a criança souber o quê e porque o lê. Todas essas afirmativas acolhem nosso entendimento de que a leitura é um processo complexo, por isso exige especial atenção por ser um momento de construção do conhecimento. Através dos textos literários é possível inferir-se socialmente no mundo, aumentar a competência comunicativa e o repertório de palavras. Por meio das mediações, o aluno organiza-se em pensamentos, e expressa através da linguagem construindo e compartilhando saberes.

Como nosso propósito é fazer com que a leitura seja vista de forma efetiva pelos professores, de modo a alcançar os alunos, traremos neste capítulo, algumas discussões sobre o letramento literário na escola, a leitura do texto literário, a formação do leitor e a sequência básica de letramento que orientou as oficinas literárias.

2.1 Letramento e letramento literário na escola

Os estudos sobre letramento assumem a perspectiva sobre a prática social da escrita. Provém do termo em inglês *literacy*, que se refere àquele que lê e escreve. O estado ou condição que adquire um grupo social ou indivíduo como consequência de ter se apropriado da escrita. Trata-se de uma expressão bastante utilizada atualmente que inicialmente chegou ao Brasil na década de 80, introduzido por Mary Kato através do livro *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*, de 1986. Na década seguinte, Ângela Kleiman em *Os significados do letramento* (1995) e Magda Soares, com seu *Letramento: um tema em três gêneros* (1998), aprofundam e ampliam a discussão sobre o tema.

Entretanto, ao adentrar o espaço escolar, o letramento confundiu-se com a alfabetização. Contribui para essa distinção Soares (2017, p. 39-40), ao apresentar suas

considerações sobre alfabetização e letramento evidenciando que:

[...] um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, prática a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita.

Apesar de se constituírem de ações distintas, elas se complementam e são necessárias em diferentes esferas, sejam elas culturais, educacionais, religiosas, dentre outras. Assim cada sujeito está exposto a algum tipo de letramento.

Não se trata de um método para que os alunos aprendam a ler e escrever, mas envolve também, habilidades e competências que incluem mais de um participante com seus diferentes saberes em ambiente colaborativo mobilizados para a busca de objetivos comuns. Por conseguinte, Kleiman (2005) aponta que o letramento também significa compreender o sentido, em determinadas situações, de um texto ou qualquer outro produto cultural escrito; assim letramento escolar implica num conjunto de atividades que incorporam desde o desenvolvimento de estratégias de compreensão da escrita, à ampliação do vocabulário e as informações para aumentar o conhecimento do aluno e à fluência leitora. Assim, letramento é interagir socialmente usando a leitura e escrita para participar das práticas sociais. Dessa forma, podemos concluir que existem inúmeras ocorrências do letramento que se dão em diversos contextos.

Entre estes, o letramento literário ao qual daremos ênfase nesta pesquisa. Não se trata de compreendê-lo como a habilidade de ler textos literários tampouco um saber sobre a literatura. Se constitui em dar sentido ao mundo por meio da palavra, definido dessa maneira, por Cosson (2018) “como um processo de apropriação da literatura enquanto linguagem” e que se inicia antes mesmo do processo de escolarização com as histórias contadas para entreter as crianças, as cantigas de ninar ou as músicas de acalanto que são exemplos do aspecto lúdico da linguagem, por meio de rimas, métrica regular etc. Complementa este entendimento Zappone (2009, p. 7) postulando que “o Letramento literário pode ser compreendido como o conjunto de práticas sociais que usam a escrita literária, compreendida como aquela cuja especificidade maior seria seu traço de ficcionalidade.” Apesar de a maioria de nós estarmos expostos à literatura desde pequenos, fatores sociais, culturais ou econômicos, por exemplo, condicionam esse contato. À vista disso, a escola se configura como espaço privilegiado para esse tipo de letramento.

Segundo Paulino e Cosson (2009, p. 69) o letramento literário:

É uma questão conflituosa em relação a formação do leitor literário em função dos usos que se dá ao texto literário, quando o vê como elitismo cultural de fachada, de almanaque, em que o conhecimento é aprendido sem integrar-se às vidas dos alunos enquanto sujeitos.

Ou mesmo quando ela serve de pano de fundo para o trabalho com a gramática visando testes e provas. Ou seja, no processo de formação leitora dos alunos, adotando o princípio do letramento literário os textos literários devem estar na centralidade do trabalho pedagógico e excluindo a manutenção de uma tradição elitista de que poucos podem ler literatura ou mantê-la numa adoração, inacessível e distante dos leitores, mas sim próxima dos alunos. Os textos literários agregam novos conhecimentos e ao fazer uso daqueles que o aluno já possui, saberes linguísticos e literários se efetivem na leitura e na escrita.

Compreendemos então que a literatura tem poder formativo pedagógico nos alunos, conforme Candido (2011, p. 75), ao destacar que “(...) a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e efetivo”. Porém Candido (2002, p. 84) chama a atenção em relação às aprendizagens em literatura ao dizer que [...] “a sua função educativa é muito mais complexa do que pressupõe um ponto de vista estritamente pedagógico. A própria ação que exerce nas camadas profundas afasta a noção convencional de uma atividade delimitada e dirigida segundo os requisitos das normas vigentes”. Em suma, a literatura educa tal qual os saberes pedagógicos das outras disciplinas, conforme explica Cosson (2018, p. 30) que a literatura “fornece instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem”. Entretanto, por meio dela, essa aprendizagem ultrapassa os conteúdos escolares, conduzindo o leitor a mundos imaginários, causando prazer aos sentidos e à sensibilidade do homem. Essa sensibilidade se confirma em Candido (2011) ao afirmar que literatura e educação dialogam quando formam para a sensibilidade estética e humanizadora, destacando que sua função

(...) está ligada à complexidade da sua natureza, que explica inclusive o papel contraditório mas humanizador (talvez humanizador porque contraditório). Analisando-a, podemos distinguir pelo menos três faces: (1) ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; (2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta e moções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; (3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente (CANDIDO, 2011, p. 176).

Entendendo, Candido (2011, p. 180) que a humanização é

O processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor.

É na escola, principal agência do letramento literário escolarizado, que a imersão nesse tipo de letramento se efetiva orientado por uma prática pedagógica que considera que a literatura amplia e diversifica as práticas de linguagem. Por isso, a literatura deve ter um lugar especial na escola tanto que Barthes (1992, p. 17) afirma que

(...) a literatura assume muitos saberes e para ele, se todas as disciplinas tivessem de ser expulsas do currículo apenas uma deveria ser salva: a disciplina literária, pois todas as outras ciências estão presentes no monumento literário.

Ele exemplifica seu pensamento ao destacar que “num romance como Robinson Crusoé, há um saber histórico, geográfico, social (colonial), técnico, botânico, antropológico. Isto é, quando entramos em contato com a literatura apreendemos o saber em seu sentido plural, e não só linguístico. Assim, a Literatura ao mesmo tempo, contempla variados campos do saber, que ampliam nossa visão de mundo e conhecimento em diversas áreas. O autor ainda complementa que “a ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa” (BARTHES, 1992, p. 19).

Cosson (2014) contribui nessa discussão ao evidenciar que a prática pedagógica na qual se efetiva o letramento literário é constituída de quatro características fundamentais. Ele as apresenta assim

Na prática pedagógica, o letramento literário pode ser efetivado de várias maneiras, mas há quatro características que lhe são fundamentais. Em primeiro lugar, não há letramento literário sem o contato direto do leitor com a obra, ou seja, é preciso dar ao aluno a oportunidade de interagir ele mesmo com as obras literárias. Depois, o processo do letramento literário passa necessariamente pela construção de uma comunidade de leitores, isto é, um espaço de compartilhamento de leituras no qual há circulação de textos e respeito pelo interesse e pelo grau de dificuldade que o aluno possa ter em relação à leitura das obras. Também precisa ter como objetivo a ampliação do repertório literário, cabendo ao professor acolher no espaço escolar as mais diversas manifestações culturais, reconhecendo que a literatura se faz presente não apenas nos textos escritos, mas também em outros tantos suportes e meios. Finalmente, tal objetivo é atingido quando se oferecem

atividades sistematizadas e contínuas direcionadas para o desenvolvimento da competência literária, cumprindo-se, assim, o papel da escola de formar o leitor literário (COSSON, 2014, p. 185).

Nesse sentido Cosson (2014) defende que o aluno deve ter contato físico com a obra, que os momentos de leitura sejam espaços colaborativos de trocas de experiências, para que o leitor se efetive. Ao professor cabe o papel de acolher as diversas interpretações advindas das experiências da leitura ou daquelas pré-existentes nos alunos, que ao encontrarem-se no texto literário, confirma, amplia ou refuta suas impressões sobre o texto.

A literatura escolarizada efetiva é, portanto, um discurso e uma prática que deve ser compreendida pelos alunos, cabendo ao professor fortalecer essa relação para ultrapassar a visão de apenas ter contato com os textos literários. Para isso, é necessário que a literatura seja um *continuum* nas práticas cotidianas de leitura, partindo daquilo que é conhecido para o desconhecido, ampliando seu conhecimento do simples ao complexo e aproveitando as vivência e inferências do sujeito para ampliar a compreensão leitora.

Acreditamos que o letramento literário se configura como um viés pedagógico que contribui para alcançar uma leitura produtiva, instigante e significativa, capaz de fomentar a vontade de participar de contextos de leitura, seja individualizada ou coletiva, que despertem o gosto para a prática leitora, contribuindo na formação linguística, estética e cultural e cidadã dos sujeitos. Resumidamente, o letramento literário é um processo de leitura que considera uma ampla rede de subjetividades e sentidos que não só garante a presença do lúdico, mas também propicia um nível de aprendizagem dinâmico e complexo.

2.2 A formação do leitor literário

[...] compreendemos que a literatura, a cultura e a arte não são um suplemento para a alma, uma futilidade ou um monumento pomposo, mas algo de que nos apropriamos, que furtamos e que deveria estar à disposição de todos, desde a mais jovem idade e ao longo de todo o caminho, para que possam servir-se dela quando quiserem, a fim de discernir o que não viam antes, dar sentido a suas vidas, simbolizar as suas experiências (PETIT, 2009, p. 347)

A discussão da formação de leitores é bastante evidenciada na escola, e, muitas vezes, essa responsabilidade acaba por eximir outras instâncias sociais, como a família, por exemplo, colocando a primeira como única mediadora para o processo de construção de leitura dos educandos. Esse panorama pode ser comprovado com dados da pesquisa Retratos da leitura no Brasil (FAILLA, 2019). De acordo com os dados referentes, quando questionados sobre quem

influencia o gosto pela leitura, os pesquisados apontam primeiro para professores. São 11% os que fazem essa referência, além de 22% que afirmam que a escolha do último livro lido também é indicação de um educador. O segundo lugar é ocupado por mãe (8%) e pai (4%), o que mostra a participação da família no desenvolvimento educacional, mas em menor escala que os primeiros colocados. No tocante aos livros de literatura, 52% dizem que se interessaram pelo gênero por causa da escola ou de professores.

Afora todo o debate sobre o tema e sem esquecer que a escola tem grande responsabilidade, nesse processo, é preciso refletirmos que para formar leitores é primordial que o professor seja também leitor. Só assim conseguirá exercer seu papel, atuando como mediador e não um mero apresentador de livros aos alunos. Ademais, deve estar aberto para conhecer diversos autores, inclusive aqueles que tratam de temas que possam agradar aos alunos, como *best-sellers* apregoados pela mídia, mas que mediados pela prática pedagógica sistematizada podem se constituir como ponto inicial para adentrar ao universo literário.

Compreendendo a leitura como extensão de vivências que se relacionam com as práticas sociais dos sujeitos, ela deve ter como foco atrair o público-alvo. Essa relação sujeito/leitor-mundo se inicia na infância, conforme destaca Colomer (2007, p. 52):

A formação desse futuro “leitor-pescador” começa com o acúmulo de práticas sociais que o rodeiam desde seu nascimento. Os primeiros contatos com a leitura se produzem, em grande parte, através de formas orais e, inclusive, mediante narrativas audiovisuais. Mas também os livros para crianças que ainda não sabem ler são uma realidade bem consolidada na atual produção da literatura infantil e, ao ampliar-se o sistema educativo para primeiras idades, estes livros penetraram nas creches e na fase pré-escolar. É, pois, através de distintos canais, dos livros infantis e das atividades proporcionadas pelos adultos, que as crianças começam a fixar as bases de sua educação literária.

A autora compara um leitor a um pescador. A pescaria é um ato solitário, mas o pescador sempre troca impressões, materiais e compartilha experiências. Da mesma forma o leitor. Apesar da leitura ser, em muitos momentos um ato individual, ele compartilha com outros suas impressões, seus gostos ou até mesmo frustrações em relação ao enredo ou a um personagem por exemplo. Caso isso ocorra desde a infância, sendo-lhe oportunizado experimentar progressivamente situações de leitura estáveis e permanentes, o “leitor-pescador” se forma através do contato com o imaginário, com a oralidade, recursos audiovisuais e com outros leitores que pescam assim como ele, antes mesmo da aquisição da leitura grafocêntrica. A infância é então, uma etapa privilegiada na qual através da fabulação a criança vai experimentando o mundo e construindo sua educação literária.

A literatura se efetiva socialmente facilitando ao homem compreender novos saberes que auxiliam o leitor a refletir. Tudo isso através da força da palavra. Por isso, o letramento literário tem tanta importância na formação leitora. Cosson (2018) a esse respeito entende que

A literatura por meio da linguagem nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade (COSSON, 2018, p.17, grifo nosso).

Pensando então, em letramento e literatura, esse leitor letrado pelo viés literário, corresponde ao que Paulino (2001, p.117-118) caracteriza assim:

[...] seria aquele que cultivasse e assumisse como parte de sua vida a leitura desses textos, preservando seu caráter estético, aceitando o pacto proposto e resgatando objetivos culturais em sentido mais amplo, e não objetivos funcionais ou imediatos para seu ato de ler.

Como se nota contribuir na formação do leitor é mais que oportunizar o contato com os textos, mas sim estimular a adesão dos alunos a leitura como constituinte de seu cotidiano. Não para atender uma unicamente uma demanda imediata, a partir de uma necessidade social, mas aquele que constrói a consciência de que a literatura estabelece consigo uma relação dialógica oferecendo ao leitor aprendizagens, sentidos e construção de identidade.

Isso porque, segundo Vygotsky (2007), é a partir da linguagem que a criança direciona o pensamento. Inicialmente, a linguagem visual auxilia a criança a se familiarizar com a literatura e em seguida com a escrita, estimulando o desenvolvimento do pensamento e da imaginação. Além disso, quando o leitor se depara com um texto literário, recursos cognitivos como a atenção, a memória, o estabelecimento de relações e as inferências também são ativados. E são essas inferências que contribuirão para a atribuição de sentido ao texto. Dado isso, o entendimento é construído a partir do repertório de experiências vividas, ouvidas, imaginadas ou lidas que o leitor possui.

Portanto, a formação leitora dos alunos baseada nos textos literários, sistematizada desde os primeiros anos de escolarização e por meio de uma prática didática de compartilhamento na qual alunos partilham sua interpretação, favorece o processo de reflexão e construção de sentidos. E nesse movimento de ser sujeito de sua própria leitura, nasce segundo Jouve (2002), predisposição e competência para o jogo da leitura literária, melhor dizendo, um leitor desejoso a experienciar toda a versatilidade e possibilidades

proporcionadas pela literatura.

2.3 Sequência básica do letramento literário

Cosson (2018) discorre sobre uma literatura que precisa ser escolarizada, pois acredita que ela tenha um papel a cumprir no âmbito escolar. Para o estudioso, a literatura, no ensino fundamental, tem um sentido tão extenso que engloba qualquer texto escrito que apresenta semelhança com a ficção ou a poesia, lido em sala de aula.

Procedendo uma pequena análise no livro didático de LP que os alunos do 4º ano utilizam (Coleção Ápis) percebemos que se concretiza a fala do autor citado anteriormente. Segundo Soares (2017), a Literatura ao ser escolarizada tem sofrido um processo de didatização que desfigura, desvirtua e falseia o texto literário criando resistências e aversão a leitura, pois são apresentados aos alunos apenas fragmentos e adaptações precárias do texto que é transformado em pretexto para estudar gramática ou para exercícios de interpretação prática que pode estar contribuindo para o desestímulo da leitura literária. Assim, predominam as interpretações de textos contidos nos livros didáticos, vez por outra adaptados ou incompletos. Dessa forma, o texto é escamoteado por resumos dos textos e fichas de leituras que não estimulam a criatividade do aluno e consequentemente podam o prazer da leitura.

Permeados por esses entendimentos, o processo de intervenção em sala adotamos o modelo da Sequência Básica de Cosson (2018, p. 48) no qual, o autor discorre que:

O caminho que propomos sistematiza as atividades das aulas de literatura em sequências exemplares [...] O nosso objetivo é apresentar possibilidades concretas de organização das estratégias a serem usadas nas aulas de Literatura do ensino básico”.

Ao optarmos por essa metodologia, acreditamos que o processo pedagógico conduzido pelo professor não se pauta apenas em ações desenvolvidas com o propósito de responder atividade de interpretação textual. Mas sim, ampliar saberes que a literatura oportuniza, partindo do simples para o complexo ampliando o repertório cultural e linguístico do aluno. O estudioso ainda acrescenta que não se trata de modelos a serem seguidos fielmente, mas de apresentar exemplos ao professor de como esse processo pode se efetivar no cotidiano escolar.

Como essa sequência possui quatro etapas, assim também se estrutura as atividades de

mediação em sala de aula. A primeira etapa recebe o nome de motivação e, como o indica, é o momento de motivar o aluno para receber a obra literária. No entendimento do autor:

[...] a motivação prepara o leitor para receber o texto, mas não silencia o texto nem o leitor... Naturalmente, a motivação exerce uma influência sobre as expectativas do leitor, mas não tem o poder de determinar sua leitura (COSSON, 2014, p. 56).

De maneira geral, essa etapa tem caráter motivacional possuindo grande importância para a abordagem pedagógica que pretendemos desenvolver. Nesse momento, haverá apenas um estímulo, já que o intuito é “preparar o aluno para entrar no texto” (COSSON, 2018, p. 56).

A segunda etapa, nomeada de introdução, trata-se da ambientação dos alunos com o autor e a obra. Não deve ser desconsiderada, pois ela possibilita ao aluno conhecer o autor não deve ser uma apresentação extensa, mas uma apresentação que garanta ao aluno conhecer o autor também. Isso é salutar para, posteriormente, compreender o texto em sua maioria e talvez em sua totalidade.

É considerável destacar como bem destaca o autor, a sequência básica não é imutável. Para atingir os objetivos do letramento literário é possível a leitura com interpretação, por exemplo. O que deve predominar no processo da sequência é o olhar do professor sobre as necessidades e características dos alunos, da escola e do próprio docente. O que não se pode perder de vista é o planejamento e a sistematização das atividades para atingir os propósitos estabelecidos. Esse momento é oportuno a apresentação física da obra. Desde a exposição da capa, da orelha e de outros elementos paratextuais dispostos na obra. Aqui o professor inicia um momento de leitura coletiva da obra podendo, se oportuno, levantar hipótese sobre o texto para comprová-las ou recusá-las ao final do texto.

O terceiro passo é a leitura. Esse será o momento em que o público entrará de modo mais aprofundado na obra escolhida para ser abordada. Aqui ocorre, segundo Cosson (2018), o acompanhamento da leitura. Como estamos tratando de leitura escolarizada, requer assistência, pois tem um objetivo a ser alcançado. Porém, o estudioso lembra que não se trata de “vigiar o aluno para saber se ele está lendo o livro, mas para acompanhar o processo de leitura para auxiliá-los em suas dificuldades, inclusive em relação aquelas relativas ao ritmo de leitura” (COSSON, 2018, p. 62). Dessa forma, aqui se evidencia a relevância da mediação feita pelo professor, visto que a possível e devida intervenção pode mitigar problemas de entendimento do vocabulário, esclarecendo as palavras que o leitor desconhece e garantido

entendimento do texto e de sentido.

Por conseguinte, a última etapa são as atividades de interpretação que se “constituem em inferências, para chegar à construção do sentido do texto, dentro de um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade” (COSSON, 2018, p. 64). É dividida em dois momentos: interior e exterior. De acordo com o autor, o primeiro é aquele que acompanha a decifração, palavra por palavra para que se realize a apreensão global do texto, ou seja “encontro do leitor com a obra e não pode ser substituído por nenhum mecanismo pedagógico, como a leitura do resumo (COSSON, 2018, p. 65), por exemplo. O segundo momento é exterior diz respeito à concretização, o ato de construção de sentido numa determinada comunidade. Ou seja, a importância do contexto é fundamental, pois o conhecimento adquirido pelo aluno ao tomar contato com o texto ou a obra o habilita a fazer relações como com o meio no qual ele está inserido. Nesse sentido, Koch e Elias (2006, p. 59) discutem essa questão e afirmam que “além do linguístico, a leitura do texto demandará a (re)ativação de outros conhecimentos armazenados na memória”. São esses conhecimentos que possibilitam, entre outros, situar o protagonista da história nos tempos atuais.” Assim, experiências extralinguísticas, de seu repertório de vivência social, experimentadas na escola, em casa e na comunidade, ativam e contribuem na concretização desse conhecimento.

2. 4 O gênero conto

Tudo pode começar com uma voz querida que chega à orelha não com instruções nem com explicações, mas com cigarras que dialogam com formigas, bolsas amarelas que guardam coisas estranhas, meninos maluquinhos, meninas de nariz arrebitado que se casam com peixes, casas sem muros com segredos amarelos, coisas de arrepiar, panos vermelhos e balões que dão a volta ao mundo. Até que aprenda a ler por si mesma, é pela voz de alguém que lê em voz alta que a criança vai usufruir do tesouro que lhe cabe por direito (FERREIRA, 2010, p. 10).

Sob a magia do Conto há muito que se contar... Mas o que é conto? Quais suas especificidades? Maria (2004, p. 10) em O que é conto preceitua que "conto" serve para designar a forma popular, folclórica, criação coletiva da linguagem e daí a não-propriedade de um único criador, e, ao mesmo tempo, a forma artística, atributo exclusivo de um estilo peculiar, individual.

Cortazar (2006, p. 149) em Alguns aspectos do Conto, refere-se ao gênero como de tão difícil definição, tão esquivo nos seus múltiplos e antagônicos aspectos.

Para Andrade (1972, p. 5), em Contos e contistas, “em verdade, sempre será conto

aquilo que seu autor batizou com o nome de conto”. No Conto Vestida de preto, Mário de Andrade, começa assim: “Tanto andam agora preocupados em definir o conto que não sei se o que eu vou contar é conto ou não, sei que é verdade” (*Idem*, 1976. p. 7). Machado de Assis manifesta-se em 1813 (p. 86): “é um gênero difícil, a despeito de sua aparente facilidade”.

Sabemos por Bosi (2015, p. 7) que o conto,

É proteiforme, “ora é quase-documento folclórico, ora é quase-crônica da vida urbana, ora quase-drama do cotidiano burguês, ora quase-poema do imaginário às soltas, ora, enfim grafia brilhante e preciosa voltada às festas da linguagem.

As multifaces que englobam sua definição, dificultam o encaixe de sua forma em um quadro fixo de gêneros. O que podemos afirmar é que se trata de uma narrativa geralmente linear, que é composta por um número reduzido de personagens, ritmo, imprevistos e de poucos núcleos de tensão. Responder às questões elencadas anteriormente é complexo. *A priori* o compreendemos como irreduzível a receitas. Mas, como bem ressalta Bosi (2015), a magia do conto se dá na liberdade e na multiplicidade da palavra garantindo vigor e força à linguagem.

Essas questões nos levam a pensarmos em outras como um fio de um imenso novelo que podem ser continuamente trazidas à tona em diversos contextos históricos enredados por personagem que se reconfiguram, mas que mantém um elemento em comum: o contar numa tentativa de verossimilhança a aspectos da vida real.

O conto foi em sua forma primitiva, uma narrativa oral que estava presente nas noites em que povos antigos se reuniam, narravam histórias ingênuas de lendas, mitos ou bichos. As histórias sempre reuniram pessoas que contam e que ouvem desde as sociedades primitivas, seja para transmissão dos ritos, mitos e lendas de uma tribo, em noites de lua, nas calçadas das cidades interioranas ou em volta de uma fogueira. As pessoas trocam ideias, trazem notícias e contam histórias de ouvir falar. Enfocam o bem, o mal, o certo e o errado dentro de uma lógica de sociedade construída pelos homens.

Embora seja difícil precisar o início da contação de histórias e permaneça como uma hipótese que nos remete a tempos antiquíssimos, aonde seus contadores ainda não possuíam tradição escrita, há fases e evolução dos modos de se contar histórias. Para alguns estudiosos, os contos egípcios (Contos dos mágicos) são os mais antigos. Segundo Gotlib (2006), devem ter aparecido por volta de 4.000 anos antes de Cristo.

Enumerar as fases da evolução do conto é percorrer a história de nossa cultura. Os

textos literários do mundo clássico greco-latino: as várias histórias que existem na *Ilíada* e na *Odisseia*, de Homero; Os contos do Oriente *Pantchatantra* (VI a.C.), em Sânscrito, ganharam tradução em árabe (VII d. C.) e inglesa (XVI d. C.); as *Mil e Uma noites* na Pérsia (século X). Os contos de Boccaccio em *Decameron* (1350) são traduzidos para várias línguas e constantemente o contador procura a elaboração artística sem perder o tom da oralidade, conservando sua característica de ser contada por alguém a alguém.

Na Idade Média, a disseminação do gênero era lenta, mas mesmo assim despertava muito interesse. Havia, no mínimo, cinco modelos de contos: o popular, o infantil, o galante, o conto-fábula e o conto moral. No século XVI dá-se outra fase. O conto transmitido pela oralidade ganha agora recebe o registro escrito e se afirma com valor estético. Posteriormente, no século XVI encontramos o *Héptameron* (1558), de Marguerite de Navarre, e no século XVII, as *Novelas ejemplares* (1613) de Cervantes. No final do século, surge os registros dos contos de Perrault: *Histoires ou contes du temps passé* com o subtítulo de *Contes de ma mere Loye*, conhecidos como Contos da mãe Gansa. E no século XVII temos La Fontaine, exímio fabulista.

No século XIX, o conto se desenvolve a partir da cultura medieval-pela pesquisa do popular e do folclórico. Com a acentuada expansão da imprensa, os contos adentram o universo das revistas e jornais. Passaram a ser considerados textos nobres. Isso porque já não mais se encaixavam na apenas na categoria de textos folclóricos, tornando-se produtos literários estéticos, ganhando status. Além disso, disputando com o romance, o conto foi fomentado por importantes autores brasileiros como Machado de Assis, que elevou ainda mais o seu valor.

Desse modo, tivemos o momento de transição do conto para a fase moderna. Grimm inicia seu estudo comparado e Edgar Allan Poe afirma-se como contista e teórico do conto. Esse é o marco no qual o conto passa a ter distinção: popular ou literário. Os contos populares são aqueles próprios com marcas da oralidade e os literários são aqueles que são próprios da cultura escrita.

De qualquer modo, enumerar as fases da evolução desse gênero é percorrer nossa história cultural marcada pela oralidade e entrecortada pela escrita no momento em que ela surge nas sociedades/grupos humanos que se apropriaram desta tecnologia. Fato é que nos parece impossível precisar quando e onde começou a arte de contar, restando-nos hipóteses mais ou menos estabelecidas pelos teóricos.

A teoria do conto pode ser resumida em dois aspectos: aqueles que acreditam que o conto se filia a uma teoria geral de narrativa e aqueles que adotam a teoria do conto a uma

teoria específica. Mas, ao delimitarmos essas classificações e toda a cronologia histórica dos contos, nos questionamos sobre os seguintes aspectos: O que faz os contos permanecerem vivos apesar de todas as mudanças históricas? Em que aspectos eles permanecem fiéis às suas origens?

Contar (do latim *computare*) não é simplesmente relatar um acontecimento. O Conto não se refere somente ao acontecido. Nele realidade e ficção não têm limites definidos. Nos contos não existem apenas o relato de algo que viu ou soube, mas inventa-se. E a esta altura já não mais importa se é verdade ou não. A ficção é a arte de inventar um modo de representar algo. E esta diferença entre relatar e contar é que faz o conto assumir aspecto literário, pois a literatura não é um documento relatado, mas produto de um autor que se reconfigura em outros contextos históricos, segundo suas intenções, para reproduzir a realidade.

Por ser constantemente recontado, o conto sofreu modificações. Para Cascudo (2000, p. 22) “os contos variam, mas os fios são os mesmos”. Ou seja, os elementos essenciais são preservados. Trata-se de temas e ações humanas que jamais caducam: amor, morte, abandono, abuso, ciúme, medo e tantos outros. Na verdade, essas histórias por mais antigas que sejam sua origem têm como tema problemas que continuam afligindo a humanidade.

Neste trabalho, acolhemos os contos denominados de populares. O conto popular possui uma riqueza expressiva e imagética possui uma estrutura narrativa que é facilmente reconhecida. Pessoas alfabetizadas ou não-alfabetizadas, com ou sem acesso à cultura formal, de certa maneira o conhecem. Assim, os contos populares nascem do imaginário do homem simples, não se vincula com regras e normas e apresenta particularidades em sua forma de composição. De maneira geral, os personagens são pessoas simples que, após muitas aventuras, conseguem vencer na vida, por assim dizer. Cascudo (2012, p. 306) o define como “a história de trancoso, conto de fadas, da carochinha etc. É de importância capital como expressão da psicologia no quadro da literatura oral de um país”. Os contos populares documentam os usos, os costumes e a cultura nascida do povo. Segundo o folclorista é um dos mais “expressivos índices de intelectualidade do povo” nascida da inesgotável imaginação humana.

Merece ser destacado que os contos populares não obedecem a uma moral de princípios destinados a regular as relações entre os indivíduos tal qual estamos acostumados, isto é um padrão de comportamento que deve ser respeitado por todos, seja qual for a situação: não mentir, não roubar, não matar, valorizar a busca da justiça, entre outros valores. Alguns estudiosos dizem se tratar de moral chamada de ingênua, que costuma seguir outros paradigmas. Segundo a qual tudo o que favorece o herói é o bem, é aceitável. E tudo o que

prejudica o herói é o mal. Em outras palavras, falamos de uma moral relativa, flexível e ligada não a princípios universais, mas a situações concretas do mundo real. Contudo, a moral ingênua implica em dissenso e contradição. Boa parte dos contos populares obedece a uma moral que, embora eventualmente condenável em termos da vida concreta de cada sujeito, pode trazer à tona situações e conflitos humanos de grande interesse. Essas dissidências antagonistas abrem possibilidade para discutir e experienciar o mundo de maneira lúdica, porém efetiva, discutidas e confrontadas a partir das vivências sociais dos sujeitos

Além disso, seu caráter eminentemente narrativo, é, em princípio, essencialmente dialógico. Assim, narramos nosso cotidiano, lembranças, sonhos e desejos, em pensamento ou verbalizado. É um recurso literário, próprio do universo do aluno dos anos iniciais através do qual ele torna a vida e o mundo interpretáveis não apenas de forma individualizada, mas principalmente pela sociabilidade.

Desse modo, a magia dos contos está em retratar de maneira ficcional conteúdos singulares que são descompromissadas em atender as exigências da idealidade ou da moralidade, situando-se entre o falso e o verdadeiro, o bem e o mal, mantendo-se além ou aquém de uma realidade possível, portando toda a flexibilidade que permite explorar virtualidades da existência humana por meio da linguagem, quiçá também experimentando a criação literária.

2.5 Contribuições da literatura popular

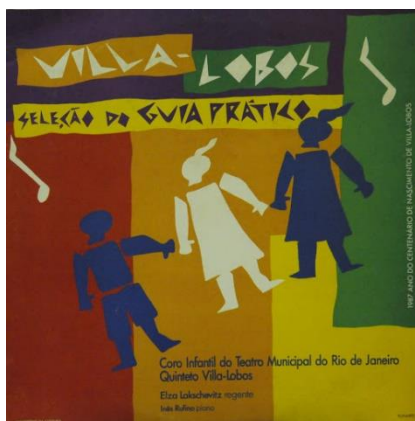
A literatura é a força indiscriminada e poderosa da própria realidade (CANDIDO, 2004).

A literatura popular é parte de nossas tradições. Durante muito tempo cantadores, emboladores, repentistas, contadores de histórias garantiram o acesso das camadas populares à literatura e consequentemente à fabulação, tão trazida à baila por Candido como uma das necessidades universais humanas. E embora possa parecer obsoleta, num contexto social onde a tecnologia e o imediatismo, às vezes, fazem com que nos esqueçamos de nossas raízes culturais, ela é a forma mais antiga de expressão artística de um povo. Fato que pode ser observado, seja pelas cantigas de ninar, adivinhas e parlendas, que tanto a família quanto a escola se valem para introduzir a criança no mundo da fantasia.

Apesar de estarmos num contexto de “cultura imediatista”, normalmente difundido pela mídia e a indústria cultural, no qual o sujeito é instigado a buscar um saber e um

conhecimento momentâneo, e mesmo permanecendo em segundo plano nas escolas na maioria das vezes trazida à tona em datas escolares como na comemoração do folclore, a literatura popular é também base de constituição do erudito. Tomamos a título de exemplo, o poeta José Paulo Paes que constrói seus poemas a partir de gêneros poéticos da tradição oral como cantigas e parlendas, ativando o senso estético com mais facilidade. Ou ainda o maestro e compositor Heitor Villa-Lobos (1887-1959) quando em 1932 fez arranjos e transpôs para partitura cantigas de rodas. Em 1987 (seu centenário de nascimento), a FUNARTE (Fundação Nacional de Artes) lançou um LP (*Long Play*) intitulado de Villa-Lobos-Seleção do Guia Prático, no qual 33 (trinta e três) cantigas populares foram apresentadas ao público em formato erudito.

Figura 1 - Capa do LP (*Long Play*) Villa-Lobos



Fonte: <http://portais.funarte.gov.br/>

Nesse contexto, apesar de camuflada pela modernidade a literatura popular, fonte de bens históricos e tradicionais, intervém na constituição de novos grupos históricos que a ressignificam. Todo esse arcabouço legitima nossa identidade cultural. Por isso, ela não é uma relíquia a ser conservada apenas no inconsciente coletivo das pessoas. Na verdade, ela é palavra viva que ultrapassa os períodos históricos adaptando-se aos contextos através da intervenção dos sujeitos.

A escola e a sociedade pós-moderna tendem a limitar a força da palavra presente nos textos que carregam marcas da oralidade, considerando-os menos valorizados que os da escrita, em virtude do contexto histórico-social no qual vivemos no qual a escrita prevalece. Nessa perspectiva, trazendo-nos a concepção de que a forma que a nossa sociedade grafocêntrica é organizada exige do sujeito acompanhar as novas mudanças como a vida agitada, a globalização, a tecnologia e o bombardeamento cotidiano de informações que

são características da nova ordem social como determinantes para privilegiar a escrita em detrimento da oralidade. Essas duas linguagens, nesse cenário pós-moderno, podem e devem coexistir. A oralidade não é arrimo para a escrita. A linguagem oral e escrita, diferem-se em suas estruturas e no contexto em que são produzidas, porém ambas exercem sobre nós diferentes funções e acionam estímulos para leitura. Ouvir (oral) e ler(escrita) histórias são igualmente importantes pois contribuem para importantes experiências leitoras.

Nesse entendimento, dentre as vertentes da literatura, conforme mencionado anteriormente, os contos populares possuem natureza essencialmente marcas da oralidade. Recorremos a Cascudo (2000) que os define como o mais amplo e mais expressivo, e também, o menos examinado, pois das vertentes da literatura oral poucos se dedicam ao seu estudo. Cascudo (2000) acrescenta que os contos são o primeiro leite intelectual do homem, pois além de conter informações sobre a cultura e a sociedade também conservam a memória, estimulam a imaginação e fomentam o desenvolvimento das práticas de leitura, através de uma linguagem simples e acessível, os alunos experienciam a literatura. Esses textos de características orais não se prestam apenas a fruição do texto literário. Mais do que isso, estimulam o gosto pela leitura, em virtude dos personagens e/ou enredo representarem desejos ou ações de natureza próprias da condição humana presente em cada um de nós que podem ser vividas ou experienciadas pela narrativa dos contos, além do desenvolvimento da capacidade compreensiva e crítica do texto corroborando para a construção de significados.

Mesmo sabendo da estreita relação entre a oralidade e a escrita e que uma não tem valor superior a outra, nos interessa discutir e aprofundar uma proposta de ensino e aprendizagem da leitura, propondo intervenções didáticas que se mostrem apropriadas ao desenvolvimento da competência leitora e da capacidade de desfrutar dessa atividade

Nosso propósito é construir um diálogo no sentido de que a linguagem literária presente nos textos dos contos populares seja evocada nas práticas leitoras escolares como constituinte do processo leitor dos alunos, construindo um espaço multicultural, tornando o momento de leitura sistematizado, lúdico e portador de diversas possibilidades linguísticas e estéticas.

Abordar os contos populares, nas aulas de Língua Portuguesa, é dar um lugar de prestígio a toda uma cultura e uma linguagem que oportuniza o exercício da palavra. Sobre o lugar da palavra, Cosson (2018, p. 15) compreende que

[...] Todos nós exercitamos a linguagem de muitos e variados modos em toda a nossa vida, de tal modo que o nosso mundo é aquilo que nos permite dizer,

isto é, a matéria constitutiva do mundo é, antes de mais nada, a linguagem que o expressa. E constituímos o mundo basicamente por meio de palavras. No princípio e sempre é o verbo que faz o mundo ser mundo para todos nós, até porque a palavra é a mais definitiva e definidora das criações do homem.

Como se nota, a palavra organiza o pensamento humano. Através dela expressamos o que sentimos e o que vimos. Quanto mais a utilizamos, mais o mundo do sujeito se amplia. A literatura por meio dos contos populares encontra na palavra escrita ou oralizada todas as potencialidades da linguagem. Por isso, ressignificar a literatura na escola é tão urgente e valiosa, pois a palavra materializa o mundo, tornando-o compreensível.

Logo, a leitura literária é essencial na sala de aula para que os alunos tenham contato com os mais diversos textos e não apenas historiografia sobre a literatura. Consequentemente, textos de literatura popular contribuem para tornar o aluno um leitor reflexivo a partir da experiência com as mais variadas maneiras que o homem usa para narrar seus sentimentos e seus conflitos sociais. Dessa forma, devendo a oralidade deve ser avaliada progressivamente considerando a participação individual do aluno, a sua exposição, a fluência de sua fala, o pensamento organizado, e as suas contribuições. Assim a oralidade, especialmente nas práticas de leitura, oportuniza ao aluno desenvolver a competência de saber escutar o outro, fato que favorece inclusive a convivência social e a empatia com os outros, conforme preconiza a BNCC (BRASIL, 2017), quando registra que nos anos iniciais o eixo Oralidade, aprofunda o conhecimento e o uso da língua oral, as características de interações discursivas e as estratégias de fala e escuta em intercâmbios orais; e ainda acrescenta que eixo Leitura/Escuta amplia o letramento, por meio da progressiva incorporação de estratégias de leitura em textos de nível de complexidade crescente.

Vale lembrar que, o trabalho com a Literatura popular na sala de aula como incentivo à leitura, num mundo cercado de tecnologias e fazendo uso de textos considerando “extintos” e menos importantes, se torna um grande desafio para os professores. Mas, propicia diversas possibilidades de aprendizagem aos alunos. Entre elas, a prática leitora tão discutida e tão desejosa na escola, pois esta “é uma atividade complexa, plural, que se desenvolve em várias 0direções” (JOUVE, 2002, p. 17). Nesse entendimento, a leitura dos contos, coletados por Câmara Cascudo, propicia através da perspectiva do letramento literário o conhecimento das nuances da cultura popular, tendo como pano de fundo o enredo dessas histórias, que ancoram por meio da linguagem um vasto aporte linguístico e cultural, como vasos capilares condutores de um elemento essencial, conforme Candido (2011) afirma ser essencial ao ser humano: a literatura.

É mister que a palavra oralizada possui sua singularidade. Ela não é simplesmente fala. A palavra contada é carregada de significados que lhe atribuem o ritmo, o gestual, a entonação, a expressão facial que se misturam ao discurso. Portanto, ela possui grande valor estético quando une harmoniosamente esses elementos.

Dessa forma, o aprendizado insere-se num contexto de aprendizagem integral, pois estão sendo levadas em consideração às práticas discursivas, de leitura, de oralidade, de escuta, da escrita e da reflexão linguística, que são eixos do trabalho pedagógico que devem estar em constante sintonia no fazer pedagógico do professor de Língua Portuguesa.

2.6 Câmara Cascudo e a literatura popular

Para compreender a respeito da história de um país e conseqüentemente sobre sua cultura, faz-se necessário não apenas estudar documentos oficiais desde sua origem, mas primordialmente conhecer as tradições populares. No Brasil, diversos autores pesquisaram essas tradições, dentre estes, merece destaque Luís da Câmara Cascudo (1898-1986).

Dentre as inúmeras aptidões profissionais de Câmara Cascudo estão o ofício de historiador, advogado, jornalista, etnógrafo, antropólogo, ensaísta, tradutor e professor da escola na qual havia estudado: Atheneu, norte-rio-grandense, bem como da Faculdade de Direito de Natal, que mais tarde se tornaria a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, tendo sido o responsável pelo discurso inaugural. Iniciou a sua vasta produção intelectual em 1918, ao escrever a sua primeira crônica, no jornal natalense A República, de propriedade de sua família e permaneceu pesquisando e produzindo durante toda a sua vida: crítica literária, ensaios, crônica, romances, poesia. Assim, são mais de 160 (cento e sessenta) obras sobre diversos outros temas, como biografias, memórias, medicina, direito e história. Coube ao folclore, entretanto, boa parte de sua vida, dedicando-se ao estudo e divulgação das tradições populares (MONTEIRO, 2015).

Câmara Cascudo via o folclore como “uma ciência **que como nenhuma outra** possuía maior espaço de pesquisa e aproximação humana” (CASCUDO, 2012, p. 11, grifo nosso), considerava-o como ciência psicológica coletiva fonte de cultura geral da humanidade e da tradição. Reconhecia o folclore como realidade, social, psíquica e cultural. O que denota sua interpretação de ordem sociológica. Vertente na qual o folclore deve descrever e interpretar dados culturais como fenômenos sociais. O que inclui um método de observação, investigação, comparação e classificação, para que não seja visto de maneira simplista e que possa ser estudado a partir de ciências sociais como a etnografia, a sociologia, a história entre

outras, determinando, sempre que possível, sua origem e indicando suas fontes.

Em 1941, Cascudo funda a Sociedade Brasileira de Folclore, sistematizando uma proposta teórica baseada num saber folclórico congregando intelectuais como Sílvio Romero, Florestan Fernandes e tantos outros estudiosos que tinham como objetivo reunir e divulgar as manifestações folclóricas pelo mundo.

O interesse por assuntos relacionados às artes e as disciplinas humanísticas começou em Pernambuco. Em sua primeira obra, *Alma Patrícia* (CASCUDO, 1921), Cascudo cataloga personagens históricos e literários e respectivos sistemas de pensamento, elaborando assim aquela que seria, segundo ele, “uma crítica impressionista”. Na década de 1920, interessou-se pela literatura e a tradição dos contos, lendas e narrativas populares, como os cordéis vendidos nas feiras nordestinas. Em 1939, Câmara Cascudo publicou a obra *Vaqueiros e cantadores: um folclore poético dos sertões do Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará*, sendo esta sua primeira obra tipicamente folclorista, que colaborou para o conhecimento de um Brasil sertanejo. Na década de 1940, Cascudo publicou: *Antologia do folclore brasileiro* (1943), *Geografia dos mitos brasileiros* (1947) e *Os holandeses no Rio Grande do Norte* (1949). No decênio seguinte, publicou o *Dicionário do folclore brasileiro* (1951), obra que se tornaria referência para todos os que se propõem a estudar a cultura e o folclore do Brasil. Nos anos seguintes, Câmara Cascudo publicou inúmeros outros títulos, que tratavam de temas como sociologia e antropologia.

O que se pode deduzir é que Câmara Cascudo tinha a intenção de responder com precisão quem era o povo brasileiro. Para isso, não pesquisava junto ao povo o que não estava registrado nos livros, muito menos ensinado nas escolas. Procurava se inteirar das histórias do campo e da cidade; convivendo com os humildes, os sábios, os analfabetos; para poder conhecer o que permeia as histórias do folclore. A esse respeito na obra *Contos Tradicionais do Brasil* (CASCUDO, 2000), Cascudo evidencia seu trabalho de pesquisador de contos, a partir da narrativa de seu pai, sua mãe e tias no alto sertão da Paraíba e do Rio Grande do Norte. Estudava a essência do homem a partir de sua história, de suas origens, principalmente das suas raízes folclóricas. Como era autodidata tornou-se fluente em vários idiomas: inglês, francês, alemão, italiano, espanhol, grego e latim, conforme registrado na obra *O colecionador de Crepúsculos* (BARRETO, 2003), de autoria de sua filha Anna Maria Cascudo Barreto. Entre suas diversas obras explorou minuciosamente diversos elementos do nosso folclore como: alimentação, o vestuário, a dança, os costumes e a formação da etnia brasileira.

Ao empenhar-se no estudo dos contos populares, Cascudo cita suas características citando que o gênero deve obedecer a critérios: a) antiguidade-ser velho na memória do povo;

b) anonimato- desconhecer a autoria; c) divulgação-ter um conhecimento a divulgar; d) persistência-recorrente nos repertórios orais. Todos esses aspectos essenciais ao conto popular tinham como ancoragem a literatura oral, permeada por versos, cantigas, lendas e heróis numa tradição, porém viva de seu emprego. Ele argumentava que o folclore era vivo, útil e natural e que a qualquer momento poderia ser evocado e queixava-se que a pesquisa folclórica era tida como de menor importância, pois não era considerado essencial no espaço escolar e acadêmico. Fator que, de acordo com ele, produzia entraves entre o que era vivido e o que era estudado. Ou seja, para Cascudo aspectos da vida social, da cultura popular, deveriam estar presentes de forma mais latente, no currículo escolar numa relação dialógica entre conteúdos e sociedade.

Toda a pesquisa e estudos de Cascudo no âmbito da literatura oral dão existência a um patrimônio valioso ao qual as gerações posteriores não teriam acesso, pois esse aporte estaria esquecido. Seu legado é processo disseminador do conhecimento popular das três raças que formam a cultura brasileira: o negro, o índio e o branco, divulgando e perpetuando, assim, o conhecimento da tradição.

No Nordeste, os contos populares também são conhecidos como histórias de trancoso, de narrador em narrador, guardados, através dos séculos, na memória e da voz, foram disseminados pela transmissão boca a boca. Nesse processo, sofreram todo tipo de modificação: fusões, acréscimos, cortes, substituições e influências. Em suma, são ricos, multifacetados e complexos. Os contos populares, independentemente de serem da “cultura popular” ou do “folclore” são uma excelente introdução à literatura, pois trazem ao leitor, de forma acessível enredos, personagens, imagens e temas recorrentes na ficção que são transpostos à vida concreta.

Cascudo, ao pesquisar sobre a diversidade de nossa cultura, tornou-se uma espécie de depositário da cultura brasileira. Ele coletava o patrimônio imaterial, composto por danças, músicas, lendas e tradições populares. Ele observava os detalhes e, por isso, a sua percepção do cotidiano cultural do povo brasileiro o tornou uma referência, não só do folclore no sentido de ter a sensibilidade, mas principalmente por valorizar a cultura popular nas mais diversas manifestações. Sobretudo, em atentar-se ao estudo e coleta de uma literatura riquíssima, que sem seu apreço, provavelmente já estaria esquecida na atualidade. A literatura popular forma linguisticamente e culturalmente o homem, sobrevivente do tempo, comprovando todo o seu arcabouço pode ser ensinada nas escolas, pois no final das contas, é uma cultura que “bebe no leite da antiguidade e da sabedoria” para formar sujeitos leitores críticos.

3 ESCOLHAS METODOLÓGICAS

Neste capítulo, consideramos a importância de apresentar as escolhas que contribuíram para a efetivação da pesquisa e promoção do letramento literário na escola. Primeiro, discorreremos sobre a natureza da pesquisa e sua efetivação na escola. Em seguida, apresentamos o campo da pesquisa, os alunos, que são os sujeitos envolvidos nesse processo e o respectivo autor que coletou os contos utilizados neste trabalho.

3.1 Tipo de pesquisa

Todo procedimento metodológico de pesquisa requisita dos pesquisadores fundamentos teóricos para tornar possível sua aplicabilidade, de acordo com as características do sujeito e contexto pesquisado, assim como o objetivo a ser alcançado.

Um dos requisitos para conclusão do PROFLETRAS é que o Trabalho de Conclusão Final (TCF) seja desenvolvido a partir das observações do professor *in loco* de uma problemática e sua intervenção para dirimir ou abrandar tal questão. Por isso, nosso entendimento é que a pesquisa-ação acolhe o percurso metodológico no qual pretendemos desenvolver de forma qualitativa a pesquisa.

Dessa forma e, por meio de ações, planejadas e sistematizadas, o docente pode transformar sua prática docente. Thiollent (1986) procurou resumir alguns dos principais aspectos da pesquisa-ação, considerando-a social, pois:

- a) há uma ampla e explícita interação entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada; b) desta interação resulta a ordem de prioridade dos problemas a serem pesquisados e das soluções a serem encaminhadas sob a forma de ação concreta; c) o objeto de investigação não é constituído pelas pessoas e sim pela situação social e pelos problemas de diferentes naturezas encontrados nesta situação; d) o objetivo da pesquisa-ação consiste em resolver ou, pelo menos, em esclarecer os problemas da situação observada; e) há, durante o processo, um acompanhamento das decisões, das ações e de toda atividade intencional dos atores da situação; f) a pesquisa não se limita a uma forma de ação (risco de ativismo); pretende-se aumentar o crescimento dos pesquisadores e o conhecimento ou o “nível de consciência” das pessoas e grupos considerados (THIOLLENT, 1986, p. 16).

A premissa fundamental desse tipo de pesquisa, e que nos leva a adotá-la em nosso trabalho, é o caráter interativo, pois permite um diálogo entre pesquisador e participantes. Portanto, uma pesquisa de natureza qualitativa que busca dialogar, refletir, mediar, ou seja,

interagir em busca de uma aprendizagem mútua.

3.2 Lócus da pesquisa

O local de realização foi a Escola Estadual Luiz Gonzaga, no município de Pendências/RN. Esta escola atende 203 alunos do Ensino Fundamental Anos Iniciais (matutino) e Finais (vespertino) oriundos da zona urbana e zona rural. Trata-se da escola mais antiga da cidade prestando serviços educacionais desde 1934 e denominada à época de Escolas Reunidas. O quadro docente é composto por treze professores efetivos, entre eles a professora/pesquisadora desta intervenção/proposição, e uma professora temporária. Possui uma diretora, uma vice-diretora e uma supervisora escolar que distribui sua carga horária nos turnos que a escola atende.

Figura 2 - Imagem da escola (locus da pesquisa)



Fonte: Autoria própria (2021).

A escola ocupa uma área ampla. Ao adentrar a escola em primeiro plano encontramos uma Secretaria Escolar, uma sala de direção e um espaço para arquivo passivo e ativo, bem como banheiros para professores. Um espaço utilizado para alimentação, a cozinha, a despensa da Escola e o banheiro dos alunos. Em seguida, na parte lateral temos 6 salas de aulas, 1 sala de Professores (que divide espaço com a sala de computação), 1 sala de atendimento de AEE que atualmente encontra-se desativada por falta de um profissional para atender à necessidade (e que provisoriamente utiliza-se como espaço para os alunos assistirem vídeos que os professores utilizam em suas aulas). Há uma quadra de futsal construída com doações da comunidade e por último a Sala de Leitura que é utilizada pelos Professores quando precisam de um espaço diferenciado para contação de história, pesquisa escolar, prática de leitura ou mesmo leitura deleite. Esse espaço é mais utilizado pelos docentes dos Anos Iniciais. A sala de leitura detém acervo para professores e alunos. Porém, a falta de um

profissional da sala e dos poucos funcionários não possibilitou ainda a catalogação dos livros. Fato que contribui, segundo os professores, para o baixo acesso ao acervo.

3.3 Participantes

A pesquisa contempla a turma do 4º ano do Ensino Fundamental-Anos Iniciais, com alunos que possuem idade entre nove e catorze anos, dos quais a maioria consegue ler com fluidez (cerca de 90% da turma), fato observado logo no início do ano letivo. Porém, possuem muita dificuldade em interpretação.

Sabemos que, o desconhecimento em como agir em relação à leitura e também devido à falta de tempo, os pais têm pouca disponibilidade para acompanhar os estudos de seus filhos, ficando estes à mercê do que a escola pode-lhes oferecer, principalmente, no âmbito do conhecimento literário. Portanto, para muitos desses alunos, a única oportunidade de contato com o universo literário é na escola.

Numa roda de conversa, no início do ano letivo de 2019, quando questionados sobre a prática de leitura disseram gostar de fábulas. Pela discussão em sala, observou-se que possuem um amplo repertório deste gênero, constituindo assim, segundo eles, o “tipo de história” que gostam de ler. Evocam os contos de fadas como uma leitura permanente na escola e afirmam que leem textos com maior atenção no ambiente escolar, à exceção de cinco alunos que verbalizaram a leitura em casa sendo sugerida pelos pais ou outros familiares.

Por serem alunos ainda na infância e apresentarem interesse gêneros literários como contos e fábulas, acreditamos ser possível interferir na sua trajetória escolar a fim de contribuir na formação leitora, através de práticas de letramento literário, utilizando os Contos Populares para despertar o imaginário através da ficção. Incentivar a curiosidade, a criatividade e estimular a leitura e a linguagem, aspectos importantes nas práticas de leitura.

3.4 Oficinas literárias

Compreendemos que iniciamos nosso percurso com a literatura quando experienciamos em julho de 2019 a leitura de dois contos: A princesa e o gigante e O marido da mãe d'água, ambos coletados por Câmara Cascudo e publicados no livro Contos Tradicionais do Brasil. Na ocasião dissemos aos alunos que a última atividade do dia era uma leitura feita pela professora para eles. Começamos a leitura do primeiro conto e ao final do texto os alunos permaneceram em silêncio. A princípio, deduzimos que eles não tivessem

compreendido ou não tivessem interesse da narrativa. Porém, fomos surpreendidos após o breve hiato dos alunos, no qual eles pediam que repetíssemos a leitura ou déssemos a eles o livro para que pudessem fazer uma leitura individualizada. Como tínhamos apenas um livro, os convidamos para uma leitura seguinte, também feita pela professora, do segundo conto mencionado. Dessa última leitura os alunos verbalizaram suas impressões sobre o texto assim. Daí depreendemos que a intervenção leitora encontraria a partir dos contos boa acolhida, pois a receptividade e disposição dos alunos para manusear o objeto físico, estar em contato próximo com o texto e imagens, conseqüentemente, eram estímulos mobilizadores à leitura.

Assumimos então as oficinas literárias como estratégias pedagógicas constituintes do processo de intervenção. Elas são a base na qual se projetam as atividades lúdicas, associadas à criatividade e a linguagem unidas a partir de uma sequência de atividades, partindo de um diagnóstico dos conhecimentos prévios e das necessidades formativas dos sujeitos em relação à prática leitora. Corroboramos nesse entendimento, o Documento Curricular do Rio Grande do Norte (DCRN, 2018, p. 37) ao considerar que

(...) o planejamento das situações didáticas deve focar na progressão do conhecimento por meio da consolidação das aprendizagens anteriores; do contato desde cedo com a linguagem e sua (re)produção; da ampliação das práticas de linguagem; e da experiência estética e intercultural dos educandos, considerando tanto seus interesses e suas expectativas quanto o que ainda precisam aprender.

Ao optarmos por oficinas literárias também entendemos que elas são ações metodológicas ligadas às práticas sociais, que fomentam o desenvolvimento de atividades de leitura e escrita entrelaçadas ao contexto da linguagem e às vivências dos alunos. Nesse sentido Cabral (2016, p. 523) nos diz que

No contexto das Oficinas de Letramento os sujeitos envolvidos são conduzidos a compreender que aprender a ler e escrever é também aprender os significados culturais que estes signos representam e, com eles, as formas pelas quais as pessoas entendem e interpretam a realidade, a si mesmo e aos outros. E que isso está diretamente relacionado com a possibilidade de participação social, do exercício da cidadania, da apropriação e produção de bens culturais.

Assim os participantes da oficina podem experienciar um olhar diferenciado para a leitura e a escrita como um momento de construção e interação entre seus pares construindo e/ou fortalecendo a compreensão do mundo e sua formação leitora e escritora. A partir dessas ~~destas~~ experiências construirão interpretações e análises a respeito tanto dos conteúdos

linguísticos quanto o que se refere à cidadania imbuída no processo leitor e escritor. Espera-se contribuir nestes aspectos através de uma postura colaborativa, entre os docentes e a professora/pesquisadora.

É válido reforçar que inicialmente nossa pesquisa se constituía na elaboração e aplicação de cinco (5) oficinas. Duas (2) foram aplicadas ainda em 2019 (de novembro a dezembro, a saber: O compadre da Morte e A festa no céu, e a conclusão seria com mais três (3), no ano letivo de 2020. Entretanto, em virtude da pandemia, e consequentemente da suspensão das aulas presenciais e em consonância com a Resolução Nº 003/2020 – PROFLETRAS/UERN, as oficinas posteriores constantes nesta pesquisa, são de natureza propositiva.

Houve de nossa parte uma tentativa de diálogo com os alunos e pais para tentar dar continuidade ao trabalho com as oficinas de forma remota somente com atividades de leitura. No entanto, por existir variáveis, desde possuir um aparelho de celular até o acesso à internet, tornou-se inviável permanecer com o trabalho que ora estávamos realizando. Portanto, o contexto social dos alunos que compunham a turma apresentava muitos entraves. Estes optando então por atividades impressas que os pais buscavam na escola, mas que não contemplava na integralidade nossa proposta de realizar leituras socializadas, inferindo sua visão no entendimento do texto ou nos comentários dos colegas. Um cenário que não oportunizava a sequenciação das oficinas anteriormente planejadas.

Outro aspecto que associamos as oficinas foi nomeá-las com um dito popular. Esclarecemos que não se trata de estabelecer uma moral a partir do conto. Mas, agregar outro elemento da literatura popular que dialoga com o enredo das histórias escolhidas. Entendemos que a associação entre esses dois elementos amplia as possibilidades de compreensão leitora além incorporar outros conhecimentos sobre cultura popular.

3.4.1 Oficinas aplicadas

O conto revela informação histórica, etnográfica, sociológica, jurídica. É um documento vivo, denunciando costumes, ideias, decisões e julgamentos (CASCUDO, 2000, p. 12).

A proposta de intervenção foi realizada a partir da catalogação dos contos de Cascudo (2000), que divide os temas em doze (12) categorias a fim de facilitar a leitura e a compreensão. Desses temas, utilizamos onze que são apresentados a seguir: 1) conto do ciclo da morte, 2) conto etiológico, 3) conto de encantamento, 4) conto por exemplo, 5) conto de

animais, 6) conto de facécia, 7) conto religioso, 8) conto de demônio logrado, 9) conto de adivinhação, 10) conto de natureza denunciante e 11) conto de natureza denunciante. Este último intitulado de A música dos chifres ocos e perfurados o contexto não se aproxima dos alunos em relação a faixa etária. O que de certa forma inviabiliza a compreensão leitora neste instante.

Trazemos nas proposições a seguir duas oficinas literárias para onze (11) dos contos compilados no livro.

3.4.1.1 Oficina 1 – O compadre da morte (conto do ciclo da morte)



Carga horária	5 h/aula
Tema	Nem tudo que reluz é ouro
Espaço	Sala de aula
Temática	Finitude da vida, esperteza, pobreza, riqueza.
Objetivos	Formação do leitor literário, incentivar a autonomia leitora e a escuta das experiências do outro.
Prática de linguagem	Leitura/escuta (compartilhada e autônoma), produção de textos (escrita compartilhada e autônoma), Oralidade.
Objetos do conhecimento	Compreensão e estratégia de leitura
Habilidades (BRASIL, 2017)	(EF15LP02) Estabelecer expectativas em relação ao texto que vai ler (pressuposições antecipadoras dos sentidos, da forma e da função social do texto), apoiando-se em seus conhecimentos prévios sobre as condições de produção e recepção desse texto, o gênero, o suporte e o universo temático, bem como sobre saliências textuais, recursos gráficos, imagens, dados da própria obra (índice, prefácio etc.), confirmando antecipações e inferências realizadas antes e durante a leitura de textos, checando a adequação das hipóteses realizadas.

	(EF15LP03) Localizar informações explícitas em textos. (EF15LP05) Planejar, com a ajuda do professor, o texto que será produzido, considerando a situação comunicativa, os interlocutores (quem escreve/para quem escreve); a finalidade ou o propósito (escrever para quê); a circulação (onde o texto vai circular); o suporte (qual é o portador do texto); a linguagem, organização e forma do texto e seu tema, pesquisando em meios impressos ou digitais, sempre que for preciso, informações necessárias à produção do texto, organizando em tópicos os dados e as fontes pesquisadas. Revisão de textos. (EF15LP06) Rer e revisar o texto produzido com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, para corrigi-lo e a aprimorá-lo, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de ortografia e pontuação.
Material necessário	Cópias do texto O compadre da Morte Beca preta Caveira (plástica) Máscara da morte (plástica) Data show Caixa de som Livro de contos populares de Câmara Cascudo

1ª etapa: Mobilização

- Será solicitado aos alunos que escutem de olhos fechados 2 sons (suspense e medo);
- Professora vestida (beca preta) e com a máscara (morte);
- Apresentação de imagens;
- Definir em 3 palavras o que eles sentiram ao ouvir a música e ao abrir os olhos ver a professora vestida e mascarada; e
- Apresentação do livro (do qual conto faz parte) e breve histórico de Câmara Cascudo;

2ª etapa: Previsões de leitura

1. Em uma história em que a Morte seja personificada e seja um personagem, você acha que ela será querida, desejada ou indesejada? Por quê?
2. Que motivo levaria alguém a se tornar compadre da Morte?
3. Você acha possível enganar a Morte? Por quê?
4. O que você imagina que vai acontecer nessa história?
5. Será que a história vai causar medo, humor, suspense ou outro efeito? Por quê?

3ª etapa

- a) Apresentação do texto à turma;
- b) Leitura silenciosa e compartilhada em seguida; e
- c) Verificação das hipóteses - se confirmadas ou não na 2ª etapa

Discussão - Por que o compadre não tem medo da morte?

A necessidade fez o homem aceitar ser médico ou ele é esperto e quer ganhar dinheiro de modo mais fácil?

4ª etapa: Interpretação do texto

5ª etapa: Produção textual

3.4.1.2 Oficina 2 – A festa no céu (conto etiológico)



Carga horária	8 h/aulas
Tema	Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.
Espaço	Sala de aula
Temática	Exclusão, esperteza, persistência, o lugar de cada um no mundo
Objetivos	• Conhecer outras possibilidades de ler o mundo que não o viés científico;

	• Identificar os elementos estruturais dos contos etiológicos e sua finalidade; • Reconhecer a função social do convite; e • Exercitar a produção de contos
Práticas de Linguagem	Leitura/escuta (compartilhada e autônoma), Produção de textos (escrita compartilhada e autônoma).
Objetos de Conhecimento	Compreensão em leitura, Escrita autônoma, formação do leitor literário, produção de textos.
Habilidades (BRASIL, 2018)	(EF35LP01) Ler e compreender, silenciosamente e, em seguida, em voz alta, com autonomia e fluência, textos curtos com nível de textualidade adequado. (EF35LP04) Inferir informações implícitas nos textos lidos.
Material necessário	Cópias do texto “A festa no céu” Projetor de mídias Caixa de som Fantoches de aves e de sapo

Mobilização - Diálogo entre as aves sobre uma festa/sapo (a professora cria o diálogo entre as personagens falando sobre uma festa).

1ª Etapa: Previsões de leitura

2ª etapa: Apresentação do texto à turma (Leitura silenciosa e compartilhada em seguida; Verificação das hipóteses - se confirmadas ou não da 2ª etapa).

3ª etapa: Interpretação textual (Questões objetivas)

4ª etapa – Mostra/exibição de vídeos

Link no *YouTube* de Festa no céu – Parte 1: <https://youtu.be/stLkFXtAhcE>

Link no *YouTube* de Festa no céu – Parte 2: <https://youtu.be/GLA7TD8pRYM>

Link no *YouTube* de Festa no céu – Versão da tartaruga: <https://youtu.be/P-3ajnnhqsk?t=54>

Após assistirem aos vídeos, estabelecer comparações entre as duas versões apontando semelhanças (local da festa, tombo do animal, estratégia para chegar ao céu etc.) e diferenças (pedido que as pedras se afastem e na outra versão não, personagem que junta as partes do casco, ou ausência de personagens que o façam, etc.)

Conversar com os alunos que os contos estão presentes há muito tempo nas sociedades e como passam de geração a geração pode se modificar a versão.

5ª etapa - Produção textual (Essa etapa vai contemplar duas produções de escrita: individual e coletiva).

1. Atividade Individual - Será solicitado aos alunos no dia anterior, a esta atividade, que tragam de casa algum convite.

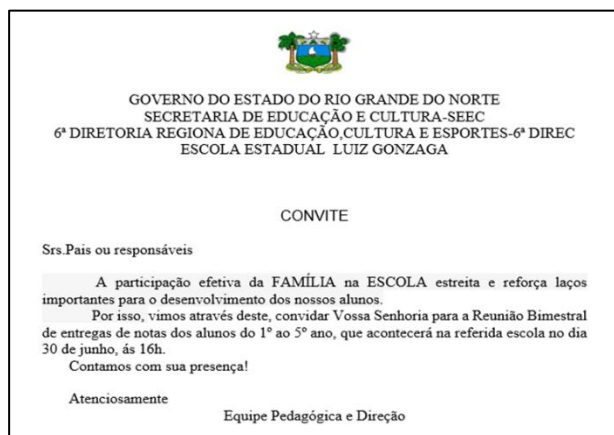
Inicialmente serão questionados sobre o porquê da utilização do convite, quais tipos de convite eles conhecem e o que o convite deve conter. Depois identificarão no convite que trouxeram:

- a) Por qual motivo este convite foi feito?
- b) Esse convite é dirigido a quem?
- c) Quem enviou o convite?
- d) Ele contém informações sobre dia, hora e local?

Discutir com os alunos sobre o que eles compreendem ser função de um convite e quais seus elementos textuais e se há grau de formalidade ou não.

Após apresenta-se o seguinte convite:

Figura 3 - Convite



Fonte: autoria própria (2021).

Serão retomadas as questões anteriores dos itens a, b, c e d. Em seguida será solicitado que eles respondam quais dos convites apresentam linguagem formal e informal. A partir disto discutiremos com os alunos sobre o que eles compreendem ser função de um convite, quais seus elementos textuais e do motivo do grau de formalidade ou não. Vale salientar que os alunos da referida turma já foram orientados e realizaram atividades, em aulas anteriores, sobre linguagem formal e informal.

Produção escrita do convite:

Construir com a turma um mural de convites.

Sugestões: festa de aniversário, festa à fantasia etc. (Colocando na sua produção escrita os elementos textuais do convite e adequando o grau de formalidade ou não de acordo com o destinatário). Incluindo ilustração à vontade.

2. Atividade Coletiva

Fazer um levantamento com a turma sobre quais curiosidades eles têm sobre a origem das coisas ou animais. Em seguida, propor aos alunos em duplas que a partir das dúvidas levantadas eles escrevam um pequeno conto (incluindo os elementos da narrativa) que explique algum mistério da natureza ou da vida dos animais ou plantas. Ex.: Explicar porque as zebras são listradas, por que a girafa tem manchas pelo corpo etc.

3.4.2 Oficinas propostas

3.4.2.1 Oficina 1- Maria Gomes (conto de encantamento)



Carga horária	4 h/aulas
Tema	Depois da tempestade vem a bonança.
Espaço	Sala de aula
Temáticas	Dificuldades, medo, desamparo

Objetivos	• Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias em rodas de leitura, tecendo comentários e justificando suas apreciações; • Possibilitar a vivência de emoções, o exercício da imaginação e fantasia; • Estimular o gosto literário utilizando como estratégia a leitura feita e compartilhada entre alunos e professor; e • Promover o desenvolvimento da escrita, da criatividade para contar histórias.
Prática de linguagem	Produção de textos (escrita compartilhada e autônoma), Oralidade, Leitura/escuta (compartilhada e autônoma).
Objetos de conhecimento	Estratégia de leitura, escuta atenta, apreciação estética
Habilidades (BRASIL, 2018)	(EF15LP01) Identificar a função social de textos que circulam em campos da vida social dos quais participa cotidianamente (a casa, a rua, a comunidade, a escola) e nas mídias impressa, de massa e digital, reconhecendo para que foram produzidos, onde circulam, quem os produziu e a quem se destinam. Estratégia de leitura. (EF15LP02) Estabelecer expectativas em relação ao texto que vai ler (pressuposições antecipadoras dos sentidos, da forma e da função social do texto), apoiando-se em seus conhecimentos prévios sobre as condições de produção e recepção desse texto, o gênero, o suporte e o universo temático, bem como sobre saliências textuais, recursos gráficos, imagens, dados da própria obra (índice, prefácio etc.), confirmando antecipações e inferências realizadas antes e durante a leitura de textos, checando a adequação das hipóteses realizadas. (EF15LP03) Localizar informações explícitas em texto. (EF15LP06) Rer e revisar o texto produzido com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, para corrigi-lo e aprimorá-lo, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de ortografia e pontuação.

Material necessário	Fotocópia do conto Maria Gomes.
---------------------	---------------------------------

A professora pede aos alunos que formem um círculo. Entregará às duplas o livro com o conto. Combina com alunos que por se tratar de uma narrativa longa a leitura será feita por etapas, com a intervenção da professora e solicita aos alunos que mesmo com o livro em mãos respeitem e não antecipem o tempo da leitura.

A 1ª etapa corresponde às p. 3 a 7. Após a leitura feita pela professora ela retoma a pré-leitura dos alunos (leitura de imagem da capa) e verifica se as expectativas se confirmaram.

A docente questiona os alunos:

- a) O pai de Maria Gomes a abandona por qual motivo?
- b) Que sentimentos passavam pela cabeça de Maria Gomes ao ser deixada na floresta?
- c) Vocês conhecem alguma história onde o pai deixa abandona os filhos por não ter como sustentar?
- d) Quem era voz misteriosa que falava com Maria?
- e) Por que Maria não tinha medo da voz misteriosa?
- f) Mesmo sendo abandonada por que Maria Gomes retorna à casa do pai, levando dinheiro para sustentar a família?
- g) Podemos dizer que houve perdão da parte de Maria ou ela queria mostrar à família o quanto estava bem?
- h) Quando o pai de Maria faleceu ela quase perdeu o cavalo. O que teria acontecido se ela não tivesse ido correndo atrás do cavalo?

A 2ª etapa se inicia com a professora lembrando aos alunos o motivo de Maria Gomes ser deixada na floresta, a voz que a acompanha, o pai doente e o cavalo encantado. Retoma a leitura do texto a partir das páginas: 8 a 17.

- i) Ao ser contratada como jardineiro Maria Gomes enfrenta uma dificuldade. Qual?
- j) Por que o cavalo sempre ajudava Maria Gomes a manter o disfarce?
- k) Há um dito popular que diz que” Depois da tempestade vem a bonança”. Você sabe o que significa esta frase? Depois de tudo que aconteceu com Maria Gomes a bonança chegou para ela? Justifique.

➤ Atividade

“Quem conta um conto aumenta um ponto”.

Na 3ª etapa os alunos escreverão parágrafo(s) (em duplas no caderno) contando como Maria Gomes se sentia no momento da cavalhada até chegar ao castelo (em 1ª pessoa).

Os alunos devem contemplar no(s) parágrafo(s) (sugestões)

- ✓ Como ela se sentia quando começou a cavalhada?
- ✓ Ela acreditava que o cavaleiro misterioso poderia vencer qualquer adversário?
- ✓ Teve medo de alguém impedi-la de ir embora com o cavaleiro?
- ✓ Como ela se sentiu ao chegar no casarão e ele se transformar em castelo?

Essa atividade demandará mais tempo. É necessário o acompanhamento do professor (nas carteiras dos alunos) instigando-os e orientando-os na escrita do texto.

Ao final os alunos ainda em círculos socializam com a turma sua produção.

3.4.2.2 Oficina 2 - Quirino, o vaqueiro do rei (conto de exemplo)



Carga horária	4 h/aulas
Tema	Antes perder a lã que a ovelha.
Espaço	Sala de aula
Temáticas	Honestidade, inveja, trapaça
Objetivos	• Valorizar a cultura local; fruição do texto literário, compartilhar vivências significativas de identificação e/ou vinculação com assuntos da comunidade.
Prática de linguagem	Leitura/escuta (compartilhada e autônoma), oralidade, formação do leitor literário.
Objetos de conhecimento	Estratégia de leitura, formação do leitor literário, oralidade pública.
Habilidades	(EF15LP01) Identificar a função social de textos que circulam em

(BRASIL, 2018)	campos da vida social dos quais participa cotidianamente (a casa, a rua, a comunidade, a escola) e nas mídias impressa, de massa e digital, reconhecendo para que foram produzidos, onde circulam, quem os produziu e a quem se destinam. Estratégia de leitura. (EF15LP02) Estabelecer expectativas em relação ao texto que vai ler (pressuposições antecipadoras dos sentidos, da forma e da função social do texto), apoiando-se em seus conhecimentos prévios sobre as condições de produção e recepção desse texto, o gênero, o suporte e o universo temático, bem como sobre saliências textuais, recursos gráficos, imagens, dados da própria obra (índice, prefácio etc.), confirmando antecipações e inferências realizadas antes e durante a leitura de textos, checando a adequação das hipóteses realizadas. (EF35LP01) Ler e compreender, silenciosamente e, em seguida, em voz alta, com autonomia e fluência, textos curtos com nível de textualidade adequado.
Material necessário	Cópias do texto Quirino, vaqueiro do Rei Cópias do cordel Vaqueiro nordestino Cartolina Pincéis atômicos Dicionários

➤ Mobilização

- Aos alunos será apresentado o cordel Vaqueiro nordestino (disponível em <https://www.recantodasletras.com.br/cordel/2545109-> acesso em 30/1/2020), porém sem o título do texto. Após a leitura feita pela professora eles deverão identificar (ou levantar hipóteses) sobre qual personagem fala o texto;

➤ Etapas do desenvolvimento

- Conversar com os alunos sobre o conhecimento deles em relação ao trabalho dos vaqueiros e a cultura da vaquejada em nossa comunidade (aspectos culturais e econômicos);

- Em seguida a professora convidará os alunos a conhecer a história de vaqueiro Quirino e a provação pela qual passou;

- A professora previamente combinará com a turma quais alunos se dispõem a ler. Em seguida, inicia-se a leitura silenciosa (individualmente) e após 10 minutos os alunos que se dispuseram a ler iniciam a leitura socializada;

- Os alunos relatarão suas impressões sobre o que mais lhe chamou atenção no texto. Serão incentivados a discutir sobre os seguintes aspectos:

- Honestidade, a inveja e a trapaça (em quais situações eles observam no dia a dia ou já tiveram conhecimento, se observam que esses comportamentos estão presentes na escola e/ou na sala de aula. O que fazer diante dessas situações.

- Quando erramos e confessamos o erro merecemos ser castigados?

Ao final dessa etapa, é será entregue aos alunos a atividade escrita.

➤ Atividade de interpretação de texto com base no conto Quirino, o vaqueiro do rei.

Após a atividade individual os alunos realizarão uma atividade coletiva.

Atividade 2

- Construção de um cartaz de expressões utilizadas na comunidade de vaqueiros:

- 1) O objetivo desta última atividade é ampliar e valorizar o universo linguístico e cultural de grupos sociais presentes na comunidade;

- 2) Os alunos devem em grupo de 3 alunos pesquisar, junto a um vaqueiro local, o significado das seguintes expressões:

- a) cavalo acuado
- b) encostar no brete
- c) riscar o cavalo
- d) ladear o cavalo
- e) colocar no redondel
- f) passada

- g) campear o gado
- h) ripar os animais
- i) casquiar

Observações:

1- No momento da pesquisa os alunos podem registrar no caderno outras expressões que conseguirem coletar para socializar com os colegas na sala.

2- Na aula seguinte registrarão num cartaz as expressões pesquisadas e seus significados.

3- Reunidos em círculos os alunos socializarão o resultado de sua pesquisa e em seguida o cartaz será afixado no mural da sala.

3.4.2.3 Oficina 3 - A raposa e o canção/ O gato e a raposa / A raposa e o timbu (conto de animais)



Carga horária	4 h/aulas
Tema	Amigos, amigos. Negócios à parte
Espaço	Sala de aula
Temáticas:	Vaidade, esperteza, orgulho.
Objetivos	• Ampliação do repertório e da capacidade de leitura desenvolvendo o processo de letramento; e • Discutir temas que especulam sobre significado da existência humana.
Prática de linguagem	Leitura/escuta (compartilhada e autônoma), oralidade, escrita.
Objetos de conhecimento	Formação do leitor literário, Relato oral/Registro formal e informal.
Habilidades (BRASIL, 2018)	(EF15LP09) Expressar-se em situações de intercâmbio oral com clareza, preocupando-se em ser compreendido pelo interlocutor e usando a palavra com tom de voz audível, boa articulação e ritmo adequado. (EF15LP12) Atribuir significado a aspectos não linguísticos (para-

	linguísticos) observados na fala, como direção do olhar, riso, gestos, movimentos da cabeça (de concordância ou discordância), expressão corporal, tom de voz. (EF15LP13) Identificar finalidades da interação oral em diferentes contextos comunicativos (solicitar informações, apresentar opiniões, informar, relatar experiências etc.).
Material necessário	Fotocópia dos textos A raposa e o canção, O gato e a raposa e A raposa e o Timbu.

➤ Mobilização.

Cada aluno receberá uma folha com a imagem de uma raposa, um timbu e um canção. Inicialmente a professora perguntará se eles conhecem os animais apresentados. Questiona se eles conhecem histórias com animais (em caso afirmativo pede para que citem exemplos), se nessas histórias os animais agem de forma irracional ou se tem comportamentos humanos e se eles sabem que nome se dá a histórias onde os animais agem como humanos.

Ainda sobre as imagens questionará:

- O que acontecerá com esses animais?
- Esses animais são amigos ou inimigos? Por quê?
- Em que lugar vai acontecer a história?

A professora convidará os alunos a se reunirem em círculo e a acompanharem a leitura que ela fará dos textos. Após o momento da leitura a professora mediará a discussão comparando as hipóteses levantadas com a narrativa dos textos.

➤ Etapas do desenvolvimento

Na folha entregue aos alunos, eles deverão completar o quadro-síntese com palavras que apresentem a percepção deles sobre cada personagem nas histórias.

Texto	Características
-------	-----------------

A raposa e o canção	raposa	canção
O gato e a raposa	raposa	gato
A raposa e o timbu	raposa	timbu

Ainda reunidos em círculos a professora inicia diálogo com a turma:

- Em qual das histórias a raposa se dá mal? E por que geralmente ela “se dá bem” nas histórias?
- Se a raposa fosse um ser humano que tipo de comportamentos ela teria em relação aos outros?
- Há pessoas que agem como raposas? Se você conhece relate uma situação que você presenciou.
- Você já agiu como uma raposa? Em caso afirmativo o que o(a) levou a ter esse comportamento?
- Por que nessas histórias as raposas são associadas à esperteza?
- Que tipo de relação existe entre o comportamento da raposa e o tema da aula?

➤ Atividade

Produzir comentário escrito com recomendação de leitura do texto ou dos textos que mais chamaram atenção. Em seguida, devem apresentar para a turma seu comentário.

3.4.2.4 Oficina 4 – Adivinha, adivinhão! (conto de facécia)



Carga horária

4 h/aulas

Tema	Em terra de cego, quem tem um olho é rei.
Espaço	Sala de aula
Temática	Esperteza, sorte
Objetivos	• Despertar o prazer da leitura e aguçar o potencial cognitivo e criativo do aluno; promover o desenvolvimento do vocabulário; desenvolvimento da fruição da leitura; escutas das experiências do outro.
Práticas de Linguagem	Leitura /escuta (compartilhada e autônoma), oralidade.
Objetos de conhecimento	Estratégia de leitura, Oralidade pública/Intercâmbio conversacional em sala de aula; Conhecimento do alfabeto do português do Brasil/Ordem alfabética/Polissemia.
Habilidades (BRASIL, 2018)	EF15LP02) Estabelecer expectativas em relação ao texto que vai ler (pressuposições antecipadoras dos sentidos, da forma e da função social do texto), apoiando-se em seus conhecimentos prévios sobre as condições de produção e recepção desse texto, o gênero, o suporte e o universo temático, bem como sobre saliências textuais, recursos gráficos, imagens, dados da própria obra (índice, prefácio etc.), confirmando antecipações e inferências realizadas antes e durante a leitura de textos, checando a adequação das hipóteses realizadas. (EF15LP09) Expressar-se em situações de intercâmbio oral com clareza, preocupando-se em ser compreendido pelo interlocutor e usando a palavra com tom de voz audível, boa articulação e ritmo adequado. (EF35LP05) Inferir o sentido de palavras ou expressões desconhecidas em textos, com base no contexto da frase ou do texto. (EF04LP03) Localizar palavras no dicionário para esclarecer significados, reconhecendo o significado mais plausível para o contexto que deu origem à consulta.
Material necessário	Projeto de imagem; Cópias do texto Adivinha, Adivinhão! (coletado por Benevuta de Araújo-Natal/RN);

➤ Mobilização

Figura 5 - Apresentação da imagem aos alunos



Fonte: Arquivo Pessoal.

A professora iniciará o momento da leitura dizendo aos alunos o tema da aula e o título do texto. Perguntará aos alunos se algum deles sabe o que significa o provérbio tema da aula e o que isto tem a ver com o nome do texto (em caso afirmativo ou negativo a professora pede aos alunos que observe a imagem do projetor e compartilhem oralmente com a turma as respostas das seguintes questões).

- Onde estão e quem são as pessoas da imagem?
- De quem é o galo que aparece na imagem?
- O que o galo faz em cima da mesa?
- Por que acima da cabeça do galo há vários sinais de interrogação?
- Quem de vocês acreditam em adivinhações?
- Alguém já viu ou ouviu uma adivinhação que chegou a se realizar?
- Conhecem alguém que diz poder ver o futuro? (exemplo: ciganas, profetas, cartomantes etc.).

Após o compartilhamento das expectativas do texto, a professora convidará 4 alunos para socializar o texto. Delimitará os parágrafos do qual cada um será o leitor e pedirá à turma que inicie a leitura silenciosa. Todos terão 10 minutos para leitura integral do texto e em

seguida o compartilhamento da leitura.

➤ Etapas do desenvolvimento

Ao final da leitura socializada, a professora comparará as expectativas do texto com a leitura realizada pelos alunos.

➤ Atividade

Interpretação textual (atividade em dupla)

3.4.2.5 Oficina 5 - Os rins da ovelha (conto religioso)



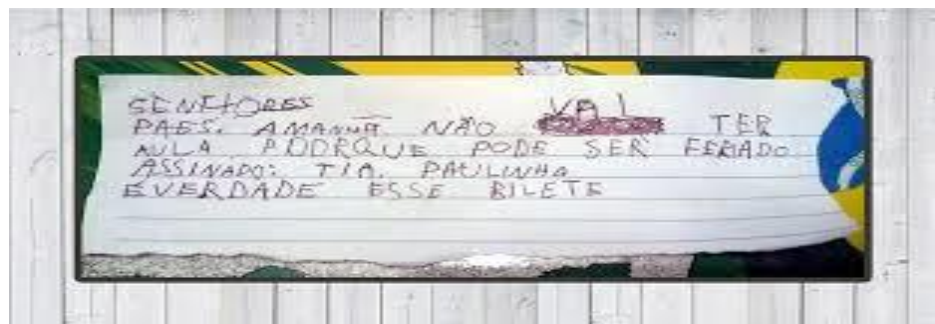
Carga horária	4 h/aulas
Tema	Mentira tem pernas curtas
Espaço	Sala de aula
Temática	Respeito, confiança
Objetivos	• Discutir sobre posturas que garantam o respeito e a amizade entre as pessoas; proporcionar ao indivíduo através da leitura, a oportunidade de alargamento dos horizontes pessoais e culturais, garantindo a sua formação crítica e emancipadora. • Possibilitar produções orais.
Práticas de Linguagem	Escrita, leitura/escuta (compartilhada e autônoma).
Objetos de Conhecimento	Estratégia de leitura, compreensão de texto, produção de texto oral.
Habilidades (BRASIL, 2018)	(EF15LP03) Localizar informações explícitas em textos. (EF35LP03) Identificar a ideia central do texto, demonstrando compreensão global. (EF02LP15) Cantar cantigas e canções, obedecendo ao ritmo e à melodia.

Material necessário	Cópias do texto Os rins da Ovelha (coletado por João Monteiro-Natal/RN); Projektor de mídias.
---------------------	--

➤ Mobilização

A professora apresenta aos alunos a imagem de um bilhete escrito em 2018 por um menino de 5 anos que repercutiu nas redes sociais.

Figura 6 – bilhete



Fonte: centrodeselecao.ufg.br

O docente instiga os alunos:

- a) Quem de vocês já viu nas redes sociais ou soube desse bilhete?
- b) Qual motivo levou o autor do bilhete a escrevê-lo?

Em seguida convida-os a assistirem o vídeo (Turma da Mônica). Para isso, acesse o link: <https://youtu.be/u6MVbANFYXA>-acesso em 28/12/2020.

- c) O que você achou do comportamento do Zé Lelé?
- d) Você já brincou assim com algum colega?
- e) Qual a consequência da brincadeira de Zé Lelé?

Após as questões iniciais, a professora pedirá aos alunos que se reúnam em círculos.

➤ Etapas do desenvolvimento

A professora comunicará aos alunos que contará uma história para eles. Informa o título do texto, retoma que os textos foram organizados por Câmara Cascudo e pede aos

alunos que a acompanhe a leitura a partir do texto que lhes foi entregue. A professora relembra em forma de resumo os três textos: o bilhete, o vídeo e o conto. Pergunta se eles conseguem identificar algum tema ou assunto do qual os três textos têm em comum. Caso eles não consigam identificar, a professora deve proceder a interpretação textual. Em caso afirmativo, pedirá aos alunos que mantenham a ideia pois irão discutir sobre essa(s) temática(s) na próxima etapa.

Em seguida, atividade de interpretação textual (ver apêndice E).

✓ **Atividade**

Pequena assembleia - A professora explica aos alunos o que é uma assembleia. Orienta que eles devem continuar no círculo e diz aos alunos que junto a eles irá discutir sobre os textos apresentados.

Obs.: As discussões a seguir não devem ser vistas como condução a uma postura moralista de julgamento em relação aos outros. O que se busca com essa atividade é discutir e refletir como determinados comportamentos desrespeitam a si mesmo e aos outros.

1- O menino do bilhete contou uma mentirinha para a mãe. Essa mentirinha prejudicou alguém? E no vídeo de Zé Lelé alguém se prejudicou?

2- No conto Os rins da ovelha Jesus ao perceber que Pedro mentia o acusou ou deu oportunidade a ele para contar a verdade? Por que você acha que ele usou esta estratégia?

3- Você já contou alguma mentirinha? Teve consequências? Se a mentirinha foi descoberta como agiram com você? E como você se sentiu ao contar a mentirinha?

4- O professor convida algum aluno a cantar a música “A barata diz que tem...”. Em seguida questiona aos alunos qual o motivo da barata contar tantas mentirinhas.

5- A barata conta mentirinhas todo o tempo. Assim como Zé Lelé é possível confiar nela?

6- Quando se perde a confiança ainda é possível recuperá-la? Em caso afirmativo como?

Após as discussões a professora pedirá aos alunos (que voluntariamente quiserem comentar) uma pequena conclusão sobre o que eles aprenderam ou que chamou atenção a partir das discussões em grupo sobre determinados comportamentos na escola, em casa ou com os colegas.

3.4.2.6 Oficina 6 - O afilhado do diabo (conto de demônio logrado)



Carga horária:	5 h/aulas
Tema:	Por fora, bela viola. Por dentro, pão bolorento
Espaço	Sala de aula
Temáticas	Curiosidade, poder, inteligência
Objetivos	• Incentivar a autonomia leitora, a criatividade e a imaginação; • Propiciar o desenvolvimento do gosto pela leitura de textos literários; e • Apreciar e compreender o texto lido.
Prática de linguagem	Leitura/escuta (compartilhada e autônoma), oralidade
Objetos do conhecimento	Leitura de imagens em narrativas visuais, Decodificação/Fluência de leitura, Estratégia de leitura, Planejamento de texto oral, Exposição oral.
Habilidades (BRASIL, 2018)	(EF15LP15) Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade. (EF15LP19) Recontar oralmente, com e sem apoio de imagem, textos literários lidos pelo professor. (EF35LP01) Ler e compreender, silenciosamente e, em seguida, em voz alta, com autonomia e fluência, textos curtos com nível de textualidade adequado. (EF35LP04) Inferir informações implícitas nos textos lidos.
Material Necessário	Cópias do texto O afilhado do Diabo; Projetor de mídias; Caixa de som;

	Cartões impressos em formato e imagem de câmera fotográfica; Régua; Lápis de cor.
--	---

➤ Mobilização

A professora convidará os alunos a assistirem ao vídeo da Turma da Mônica, disponível no link: https://youtu.be/_n9s2uFkyu0.

A professora questionará os alunos:

- a) Qual personagem causa medo a Chico Bento? Por quê?
- b) Por quais nomes ele também é conhecido?
- c) Por que as pessoas tem medo dele?
- d) Você já ouviu falar sobre a origem do diabo?

Em seguida, a professora convidará os alunos a lerem um conto, também presente no livro *Contos Tradicionais do Brasil*, de Câmara Cascudo, no qual o diabo será um personagem.

➤ Etapas do desenvolvimento

A docente entregará o texto aos alunos. Solicitará que cinco discentes se voluntariem a socializar o texto com a turma, após a leitura silenciosa (os alunos terão dez minutos para leitura individualizada).

Em sequência, pedirá aos alunos para compararemos dois textos. Por que o Diabo causava medo a Chico Bento e ao afilhado não?

Depois de ouvir os comentários e faz um pequeno resumo das respostas coletadas dos alunos a professora entrega a folha de atividades para os alunos responderem.

➤ Atividade de interpretação de texto

Para concluir, os alunos farão a contação da história (em duplas). Para isso, usarão a folha impressa com imagem da câmera e uma folha de papel A4. Assistirão o vídeo que está

disponível no link <https://pin.it/26UeiHG>, e tomando-o como modelo recontarão a história de forma ilustrada. Depois socializarão em grupo.

3.4.2.7 Oficina 7 – Frei João sem cuidados (conto de adivinhação)



Carga horária	3 h/aulas
Tema	Na necessidade se conhece um amigo...
Espaço	Sala de aula
Temática	Empatia
Objetivos	• Formação do leitor literário, • Oferecer uma visão ampla de mundo, onde o sujeito leitor possa contextualizar suas próprias experiências com o texto lido.
Prática de Linguagem	Leitura/escuta (compartilhada e autônoma).
Objeto de conhecimento	Leitura colaborativa e autônoma, compreensão de textos.
Habilidades (BRASIL, 2018)	(EF15LP16) Ler e compreender, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor e, mais tarde, de maneira autônoma, textos narrativos de maior porte como contos (populares, de fadas, acumulativos, de assombração etc.) e crônicas. (EF35LP03) Identificar a ideia central do texto, demonstrando compreensão global.
Material necessário	Cópias do texto Frei João sem cuidado; Folhas de papel A4; Lápis de cor.

➤ Mobilização

A docente questionará os alunos sabem o que é e se conhecem adivinhas. Dirá aos

alunos que irá contar uma história e eles terão que adivinhar de que ou de quem se trata, ou seja, a professora convidará os alunos a participarem da escuta do texto *Era uma vez um conto* de Moacyr Scliar, mas sem divulgar o título do texto. Por se tratar de um texto longo, a professora selecionará fragmentos do texto que se assemelhem com adivinhas. E onde houver a palavra conto no texto a professora suprime a palavra na sua fala.

Figura 7 - Capa do livro *Era uma vez um conto*



Fonte: Acervo da sala de leitura da escola.

Quadro 1 - Adivinha

Olá!

Não, não adianta olhar ao redor: você não vai me enxergar. Não sou uma pessoa como você. Sou, vamos dizer assim, uma voz. Uma voz que fala com você ao vivo, como estou fazendo agora. Ou então que lhe fala dos livros que você lê.

Não fique tão surpreso assim: você me conhece. Na verdade, somos até velhos amigos. Você já me ouviu falando de Chapeuzinho Vermelho e do Príncipe Encantado, de reis, de bruxas, do Saci-Pererê. Falo de muitas coisas, conto muitas histórias, mas nunca falei de mim próprio. É o que eu vou fazer agora, em homenagem a você. (...)

Vejo que você ficou curioso. Quer saber coisas sobre mim. Por exemplo, qual a minha idade.

Devo lhe dizer que sou muito antigo. Porque contar histórias é uma coisa que as pessoas fazem há muito, muito tempo. É uma coisa natural, que brota de dentro da gente. Faça o seguinte: feche os olhos e imagine uma cena, uma cena que se passou há muitos

milhares de anos. É de noite e uma tribo dos nossos antepassados, aqueles que viviam nas cavernas, está sentada em redor da fogueira. Eles têm medo do escuro, porque no escuro estão as feras que os ameaçam, aqueles enormes tigres, e outras mais. Então alguém olha para a lua e pergunta: por que é que às vezes a lua desaparece? Todos se voltam para um homem velho, que é uma espécie de guru para eles. Esperam que o homem dê a resposta. Mas ele não sabe o que responder. E então eu apareço(...)

E, já que eles estão aqui, posso ir embora, porque agora vocês estão em muita boa companhia. Vou em busca de outros garotos e outras garotas. Para quem vou me apresentar(...)

Fonte: Scliar (2002, p. 5-9).

A professora questionará

- De que ou quem estamos falando?

Caso eles não consigam identificar a professora oferece aos alunos outras pistas.

- ✓ Trata-se de um gênero textual.
- ✓ São textos curtos
- ✓ São histórias de fadas, mistérios, seres fantásticos
- ✓ Quem o conta... aumenta um ponto.

A professora lembrará aos alunos as características do conto. Reforçará o trabalho de Câmara Cascudo em coletar esses textos para que as novas gerações conheçam as histórias de criatividade, imaginação e a cultura popular.

Também acrescenta que enquanto Cascudo se dedicou aos contos de origem popular voltados ao imaginário, Scliar se caracteriza por escrever contos que falam sobre o cotidiano.

➤ Atividade

- Leitura do texto Frei João sem cuidados

Realizada a leitura a professora discute oralmente com os alunos:

- a) Por que Frei João não tinha cuidados?
- b) Qual a intenção do rei ao procurar Frei João?
- c) Por que o pastor se ofereceu para ajudar Frei João?
- d) Você teria a mesma atitude do pastor ou conhece alguém que diante de uma

situação difícil ajudaria a outro? Justifique.

e) Que recompensa ganhou o Frei João pelo fato do pastor ter respondido as perguntas do Rei?

A professora conversa com os alunos e explica que esse tipo de conto é classificado como conto de adivinha. Onde para se resolver um conflito é necessário que alguém seja esperto para adivinhar as perguntas que lhe são feitas.

A docente lembrará aos alunos que no início da aula solicitou que eles compartilhassem quais adivinhas eles conheciam e solicita que eles pesquisem (em casa) cinco adivinhas para trazer na aula seguinte o resultado de sua pesquisa.

Os alunos receberão o cartão e neles escreverão adivinhas que pesquisaram em casa. Decorarão o cartão da maneira com lápis de cor e logo após cada um socializar com o grupo de colegas suas adivinhas.

Em seguida todos colocarão seus cartões no Varal da Adivinha na sala.

3.4.2.8 Oficina 8 - As testemunhas de Valdivino (conto de natureza denunciante)



Carga horária	1 h/aula
Tema	Para bom entendedor meia palavra basta
Espaço	Sala de aula
Temática	Comportamentos humanos (senso de justiça, maldade)
Objetivos	Conhecer as características dos contos de Natureza denunciante; incentivar a autonomia leitora e a escutas das experiências de mundo do outro.
Prática de linguagem	Leitura/escuta (compartilhada e autônoma)
Objetos do conhecimento	Compreensão, estratégia de leitura
Habilidades (BRASIL, 2018)	(EF35LP03) Identificar a ideia central do texto, demonstrando compreensão global. Estratégia de leitura.

	(EF35LP04) Inferir informações implícitas nos textos lidos.
Material necessário	Cópias do texto As testemunhas de Valdivino

➤ Mobilização

A professora apresentará a imagem de garças voando. Perguntará aos alunos se eles conhecem. Solicitará aos alunos que tentem imaginar o que eles poderiam ver ao voar.

Após as considerações dos alunos. A professora entrega os textos aos alunos. Combina com os alunos qual deles fará a leitura em voz alta e em seguida inicia-se a leitura silenciosa (6 minutos).

Atividade

Após a leitura em voz socializada (em voz alta), a docente questionará ~~questiona~~ os alunos sobre a compreensão que eles tiveram do texto.

Explicará aos alunos que o texto se classifica como conto de Natureza denunciante que tem como característica fazer uma denúncia. E que os contos ilustram que o ser humano pode apresentar boas ou más ações.

Em seguida, os alunos registram no caderno as questões de interpretação textual elencadas pela professora na lousa:

- ✓ Quais crimes acontecem nesta história?
- ✓ Quem foram “as testemunhas”?
- ✓ O ladrão cometeu um deslize que se tornou a “pista” para descobrir o que teria acontecido com Valdivino. O final do texto apresenta a ideia que:

() Que todos cometemos erros portanto ninguém pode culpar ninguém

() Por confessar a culpa os ladrões deveriam ser perdoados

() quem pratica más ações acaba sendo descoberto e punido

✓ Qual a relação de sentido entre o título da oficina e o conto?

✓ Você já passou por alguma situação na qual “uma pista” revelou a verdade a você?

Em caso afirmativo relate a experiência.

✓ Na maioria dos contos encontramos um “final feliz”. Podemos dizer que nesse ~~neste~~ conto há “final feliz”? Justifique.

✓ Para concluir a atividade a professora apresentará a animação. As testemunhas de Valdivino.

3.4.2.9 Oficina 9 - O macaco perdeu a banana (conto de natureza denunciante)



Carga horária	2 h/aula
Tema	Quem não tem cão caça com gato.
Espaço	Sala de aula
Temática	Persistência para conseguir o objetivo.
Objetivos	Colaborar para organizar coletivamente e a fortalecer os laços do grupo, desenvolver atitudes de interação, de colaboração e de troca de experiências em grupos, formação de leitor literário.
Prática de linguagem	Leitura/escuta (compartilhada e autônoma).
Objetos do conhecimento	Compreensão, estratégia de leitura.
Habilidades (BRASIL, 2018)	(EF15LP02) Estabelecer expectativas em relação ao texto que vai ler (pressuposições antecipadoras dos sentidos, da forma e da função social do texto), apoiando-se em seus conhecimentos prévios sobre as condições de produção e recepção desse texto, o gênero, o suporte e o universo temático, bem como sobre saliências textuais, recursos gráficos, imagens, dados da própria obra (índice, prefácio etc.), confirmando antecipações e inferências realizadas antes e durante a leitura de textos, checando a adequação das hipóteses realizadas. (EF15LP03) Localizar informações explícitas em textos.
Material necessário	Cópias do texto O macacão perdeu a banana; Projektor de mídias; Notebook; Bexigas coloridas.

➤ Mobilização

A atividade inicia-se quando a docente entrega a cada aluno uma bexiga cheia. Dentro das bexigas haverá um papel enrolado. Alguns papéis terão uma letra. Outros apenas os papéis em branco. A professora dirá aos alunos que durante 3 minutos eles não podem deixar a bexiga cair. Ao final do tempo, pede aos alunos que estourem a bexiga e que aqueles que tem uma letra dentro do seu balão se reúnam e tentem descobrir a palavra que elas formarão - P E R S I S T Ê N C I A. Questionará aos alunos se eles sabem o significado da palavra formada. Após as inferências dos alunos, a docente os convidará a assistirem trechos da animação A Era do Gelo, que pode ser acessado pelo link: <https://youtu.be/bam7vqDLfUI?t=710>.

Em seguida, interpelará aos discentes:

- a) Para conseguir o que deseja, o personagem Scrat usa a persistência ou as coisas acontecem naturalmente?
- b) O que faz Scrat quando as coisas dão errado? Fica conformado ou busca seu objetivo?

➤ Atividade

Aos alunos será entregue o texto O macaco perdeu a banana. A educadora informará aos alunos que o texto foi coletado por Câmara Cascudo e se trata de um conto acumulativo. A professora realizará a leitura em voz alta.

Após a leitura a professora perguntará aos alunos o que Scrat e o macaco tem em comum. Ouve as inferências dos alunos e discute com eles suas experiências de persistência positivas ou não e se eles acreditam que a persistência os leva a alcançar os objetivos.

A docente lembrará aos alunos que a repetição do gesto em não deixar a bola cair, também foi um modo de persistir para atingir o objetivo de cumprir o tempo da atividade proposta e descobrir o que havia dentro das bexigas.

Em seguida, entrega a atividade de interpretação textual. (ver apêndice G)

Após a atividade de interpretação:

A docente explicará aos alunos que a história lida se chama de contos acumulativos. São contos de repetição de ações e os encaminha para a atividade de encerramento.

Os alunos receberão o texto A velha a fiar.

A sala será dividida em dois grupos. Cada grupo ficará de responsável por cantar uma estrofe da música Los Primos. O objetivo é encerrar a atividade de forma lúdica e apresentar, evidenciando que assim como os contos acumulativos existem poemas, músicas, quadrinhas, que também se valem de ações repetitivas na construção de sentido. O vídeo poderá ser acessado pelo link: <http://letras.terra.com.br/los-primos/250090/>.

Quadro 2 – Los primos

Los Primos
I
Estava a velha em seu lugar
Veio a mosca lhe fazer mal
A mosca na velha e a velha a fiar
II
Estava a mosca em seu lugar
Veio a aranha lhe fazer mal
A aranha na mosca, a mosca na velha e a velha a fiar
III
Estava a aranha em seu lugar
Veio o rato lhe fazer mal
O rato na aranha, a aranha na mosca, a mosca na velha e a velha a fiar
IV
Estava o rato em seu lugar
Veio o gato lhe fazer mal
O gato no rato, o rato na aranha, a aranha na mosca, a mosca na velha e a velha a fiar
V
Estava o gato em seu lugar
Veio o cachorro lhe fazer mal
O cachorro no gato, o gato no rato, o rato na aranha, a aranha na mosca, a mosca na velha e a

velha a fiar

VI

Estava o cachorro em seu lugar

Veio o pau lhe fazer mal

O pau no cachorro, o cachorro no gato, o gato no rato, o rato na aranha, a aranha na mosca, a mosca na velha e a velha a fiar

VII

Estava o pau em seu lugar

Veio o fogo lhe fazer mal.

O fogo no pau, o pau no cachorro, o cachorro no gato, o gato no rato, o rato na aranha, a aranha na mosca, a mosca na velha e a velha a fiar

VIII

Estava o fogo em seu lugar

Veio a água lhe fazer mal

A água no fogo, o fogo no pau, o pau no cachorro, o cachorro no gato, o gato no rato, o rato na aranha, a aranha na mosca, a mosca na velha e a velha a fiar

IX

Estava a água em seu lugar

Veio o boi lhe fazer mal

O boi na água, a água no fogo, o fogo no pau, o pau no cachorro, o cachorro no gato, o gato no rato, o rato na aranha, a aranha na mosca, a mosca na velha e a velha a fiar

X

Estava o boi em seu lugar

Veio o homem lhe fazer mal

O homem no boi, o boi na água, a água no fogo, o fogo no pau, o pau no cachorro, o cachorro no gato, o gato no rato, o rato na aranha, a aranha na mosca, a mosca na velha e a velha a fiar

XI

Estava o homem em seu lugar

Veio a mulher lhe fazer mal

A mulher no homem, o homem no boi, o boi na água, a água no fogo, o fogo no pau, o pau no cachorro, o cachorro no gato, o gato no rato, o rato na aranha, a aranha na mosca, a mosca na velha e a velha a fiar

XII

Estava a mulher em seu lugar

Veio a morte lhe fazer mal

A morte na mulher, a mulher no homem, o homem no boi, o boi na água, a água no fogo, o fogo no pau, o pau no cachorro, o cachorro no gato, o gato no rato, o rato na aranha, a aranha na mosca, a mosca na velha e a velha a fiar

Fonte: <http://letras.terra.com.br/los-primos/250090/>.

A professora convidará os alunos a socializarem outras músicas ou outros textos cumulativos.

4 PRÁTICAS EM CONSTRUÇÃO

Detalharemos minuciosamente as duas (2) primeiras oficinas elaboradas e já aplicadas no período da intervenção, que ocorreu de forma abreviada, conforme relatamos.

4.1 Relato de experiências das oficinas aplicadas

A primeira oficina, proposta a ser posta em prática, teve como texto motivador O compadre da morte. Chegamos na sala no dia vinte e três (23) de novembro de dois mil e dezenove (2019) conduzindo uma caixa. Logo os alunos se sentiram curiosos e questionavam o motivo de uma caixa preta estar na sala. Depois de organizá-los, acalmá-los e montar o equipamento de mídias, pedi que eles fechassem a porta e as janelas. Em seguida, explicamos que a atividade precisaria da colaboração deles. Deveriam baixar a cabeça e que eles iriam ouvir sons e ao final quando fossem orientados a levantar a cabeça eles iriam relatar para os colegas e a professora a sensação que eles tiveram ao escutá-los.

Na caixa continha uma máscara (de caveira), uma beca preta e um cajado em forma de foice que remete à morte. Enquanto os alunos ouviam os sons, a professora vestiu-se com a beca, máscara e a foice. Apenas dois alunos não conseguiram permanecer com a cabeça baixa e olhos fechados durante esse processo. Acreditamos que não conseguiram conter a ansiedade e curiosidade em descobrir o motivo daqueles comandos.

Os alunos ouviram os sons e ao final receberam a orientação de levantaram a cabeça. Nesse momento para espanto da turma alguns alunos riram, outros se assustaram. Dos alunos se expressaram verbalmente chamou-nos atenção as seguintes falas:

Quadro 3 – Diálogo sobre a caveira

Doguinho Mau: -Vai de reto, Satanás!
Rubi: - Que diabo é isso, tia?
Ana: - É um malassombro?
Motoqueiro Fantasma: - Só faltava essa agora!
Alma Preta: - Valha! (risos)
Caveira Capenga: - Valeu, tia! Gostei.

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

De uma forma geral, percebemos que os alunos associaram a caracterização da

professora à figura do diabo, outros acharam divertido, outros não compreenderam ou se assustaram. Uma profusão de sensações na sala. E era essa nossa intenção mobilizar e estimular para o momento da leitura. Logo após foi apresentado a eles três imagens que lembram a morte. Só então conseguiram associar a vestimenta da professora ao personagem morte, pois inicialmente acreditavam se tratar do diabo.

Foi solicitado que eles retratassem em três palavras qual a sensação percebida, pelas músicas, as imagens e ver a professora vestida daquela forma. Essa atividade foi realizada de forma oralizada. Alguns alunos repetiram palavras já utilizada por outros colegas, mas de uma forma geral todos participaram. Os alunos relataram:

Quadro 4 – Vestimenta da morte

Fantasma poderoso: - Medo, medo, muito medo!

Creuduter: - medo, surpresa, terror.

Evah Venenenosa: - medo, loucura, morte.

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

A palavra medo foi trazida à tona pela maioria dos alunos. A presença imagética da professora sala às escuras, as músicas criaram um clima propício a um ambiente de mistério que envolve o tema morte. Porém, desde o princípio havia uma preocupação de nossa parte em relação à abordagem e discussão com os alunos sobre esta temática do cotidiano humano, pois na sala havia duas alunas que em anos recentes haviam passado por tal situação. Uma delas a irmã e outra a mãe. Por isso, o foco do trabalho nessa oficina não tinha como enfoque a terminalidade da vida, mas a esperteza dos personagens, a riqueza, a pobreza entre outros.

Feita essa ~~esta~~ parte inicial, apresentamos aos alunos o livro Contos Populares do Brasil e dissemos aos alunos que iríamos ler um texto que falava de morte e não do diabo e que se tratava de um conto de um pesquisador que “gostava de ouvir o povo”. Os alunos foram questionados se lembravam de Câmara Cascudo. Praticamente em uníssono responderam afirmativamente, pois nas aulas pré-oficinas literárias a biografia do autor e o livro já eram conhecidos do público da turma do 4º ano.

Iniciamos a terceira etapa da oficina com as previsões de leitura. Foi entregue aos alunos um questionário com as previsões de leitura do texto. Em seguida, os alunos realizaram a leitura silenciosa e, após isso, a professora convidou três alunos a realizarem a leitura em voz alta para socializar com a turma. Após a leitura compartilhada, iniciou-se a

discussão na sala mediada pela professora que interpelou aos alunos sobre o motivo do compadre não temer a Morte.

Quadro 5 – Compadre da Morte

Rubi: - Por que ela (a morte) era sua comadre.

Pavão: - Eu nem sei dizer

Bela: - Porque se você tem amizade com a Morte você fica poderoso.

Ana: - Ele devia ter medo. Quem confia no que a Morte vai fazer com ele?

A Morte: - Eu nunca vou confiar na Morte. Ela só faz isso pra vir me buscar

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Percebemos por essas falas que apesar de ser um ser misterioso, do qual pouco se sabe e muito se teme, quando alguém está associado a Ela (Morte), imagina-se que se torna um protegido. Como se fosse um escolhido ou um afortunado em ter a presença da personagem na vida. Torna-se algo natural em Rubi “porque era sua comadre”, Pavão ainda não consegue formular se é positivo ou negativo essa aproximação e Bela (...) “porque você fica poderoso” se identifica a noção de que se você se alia a algo ou alguém que detém poder, o indivíduo absorve uma posição confortável em relação aos seus propósitos. Ana e A Morte se posicionam de forma contrária através da leitura do texto ou de suas convicções que a aproximação entre o homem e a Morte não teriam “final feliz” para o compadre.

Concluímos, então, que os discentes se posicionaram de modo contrário mostrando, assim, que é possível respeitar as diferenças aceitando os limites que o outro impõe sobre as preferências. Essa análise nos serviu para constataremos que

A leitura literária se constitui num fator de liberdade e transformação: com uma permanente circulação de percepções e indagações, de uma pessoa, ou de muitas, a literatura faz com que pensemos na vida, nos modos de ser e estar no mundo (GUEDES; SERRA, 2011, p. 83).

Outra provocação feita aos alunos, pela pesquisadora foi o fato do compadre assumir a função de médico. Teria sido por esperteza, medo ou necessidade? A sala dividiu-se argumentando:

Quadro 6 – Compadre médico

A morte do 4º ano: - Ele é doido. Se juntar com a morte.

Toby: - Mas ele ia passar fome

Bela: - Ele não foi besta. Ora! Eu fazia igual.

A morte: - Ele tá certo. A morte não ia ajudar ele?

Ovelha negra: - Deus me livre de fazer pacto com o Diabo

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Podemos inferir pela fala dos discentes que cada um vê a perspectiva de se tornar médico a partir de uma realidade formada pela sua vivência possivelmente. Os que acreditam que concordar em se tornar médico leva em conta a esperteza e consideram “se dar bem na vida” e não desperdiçar as oportunidades que a vida oferece, pois a vida é difícil. Percebermos bem claro nesta fala:

Quadro 7 – Compadre médico 2

Caveira Capenga: - Besta ele se não aceitasse. Não tem como dar errado e ele ainda vai viver bem.

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

O que nos leva a compreender que a sobrevivência justifica os acordos e aceitação de realidades nem sempre confortáveis, mas necessárias ao momento.

Tuma do 4º ano acrescenta à discussão:

Quadro 8 – Compadre médico 3

Ele (o compadre) tem que aceitar. Porque senão podia morrer.

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

A aluna demonstra a ideia de que a negativa ao convite da Morte poderia fazer esta revoltar-se e agir de forma a prejudicar ou mesmo tirar a vida confortável do compadre. Dando a entender que diante desta situação é melhor concordar pois a morte é mais poderosa que o homem.

A realização dessas tarefas, entendemos como parte complementar da motivação, a qual Cosson (2007, p. 53) se referiu como o momento de largada para o trabalho com o letramento literário na escola, pois como lembra o autor:

Crianças, adolescentes e adultos embarcam com mais entusiasmo nas

propostas de motivação e, conseqüentemente, na leitura quando há uma moldura, uma situação que lhes permite interagir de modo criativo com suas palavras. É como se a necessidade de imaginar uma solução para um problema ou de prever determinada ação os conectasse diretamente com o mundo da ficção e da poesia, abrindo portas e pavimentando caminhos para a experiência literária.

A etapa seguinte deu-se início com a interpretação textual. Segundo Cosson (2018) é o momento interior, no sentido da apreensão global do texto e exterior por materializar o ato de construção de sentido de uma comunidade. Nesse sentido a interpretação se constitui (...) as inferências para chegar à construção de sentido do texto, dentro de um diálogo que envolve leitor, autor e comunidade (COSSON, p. 64, 2018).

Constituídas de questões objetivas, a interpretação textual transcorreu de forma tranquila com pouca solicitação de inferência da professora nas questões. Na aula seguinte, retomamos um breve resumo do texto e convidamos os alunos a nos reunirmos em círculo na sala. Explicamos que havia alguns temas que gostaríamos de ouvir a opinião deles. O primeiro questionamento deu-se a respeito do uso da esperteza para levar vantagem numa situação. A segunda, se refere a crer em curas repentinas ou milagres(...) “Quando for visitar um doente me verá sempre. Se eu estiver na cabeceira do enfermo recite até água pura que ele fica bom” E a terceira o homem compactou com a Morte por necessidade ou ganância?

Houve grande burburinho na sala, pois os alunos divergiam entre si. O primeiro grupo argumentava que o personagem compadre não tinha outra alternativa a não ser aceitar a Morte, pois implicava em encontrar a solução para seus problemas.

Quadro 9 – Compadre médico 4

A Morte do quarto ano: - Quem é “besta” de perder?

Toby: - Se a pessoa não for esperto não consegue na vida.

Evah Venenosa: - Se deu bem mas a morte pegou ele e acabou.

Ovelha Negra: - Tem que ser esperto, mas a morte pegou ele.

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Para Evah Venenosa e Ovelha negra a esperteza teve limites. Apesar de concordarem que foi válido, associar-se a morte para proporcionar uma melhor qualidade de vida à família, a Morte exige um pagamento do qual o compadre não pode negociar mesmo tendo dinheiro. A insistência venceu a esperteza conforme deduz Ana:

Quadro 10 – Compadre médico 5

Ana: - Não conseguiu dar um jeito na morte. Ela (a morte) veio tanto que terminou pegando ele.

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Em relação ao segundo questionamento sobre método de cura do compadre eles argumentaram:

Quadro 11 – Método da cura

Doguinho Mau: -Também, né? Até eu. Se não errava uma não tem problema

Alma Preta: - Eu só ia pra esse médico. Só tomava água e ficava bom.

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Percebemos que os alunos estavam opinando sobre o compadre ter se tornado médico. Para eles também era válido aceitar o cargo, pois não cometia erros no diagnóstico. Refizemos a questão e opinaram:

Quadro 12 – Método da cura 2

Motoqueiro Fantasma: - Se ele curava todo mundo.

Caveira Capenga: - É porque eles (os pacientes) tinham fé.

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Nesse instante a professora questiona:

E vocês conhecem alguém que se curou pela fé?

Quadro 13 – Método da cura 3

Creudeter: - Já. Vovó reza o terço.

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

A professora novamente interroga-os:

-Afim, o compadre é médico ou curandeiro? Pois o processo da cura era realizado até com água.

Nesse momento os alunos parecem refletir e ficam calados. Quando a professora mais uma vez os interpela, eles responderam:

Quadro 14 – Falso médico

Um mentiroso!

É. Ele não estudou pra ser médico. Mas ele fazia isso ou passava fome.

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Interessante observar, que embora no texto não haja menção a situação financeira do compadre, eles relacionam a quantidade de filhos do compadre a uma vida de dificuldades para justificar as atitudes do personagem compadre.

O que se pode deduzir por estes recortes é que os discentes, embora de pouca idade e experiências de vida, conseguem mensurar ações e atitudes humanas que demonstram variedade de percepções sobre os temas. Cada um partindo da premissa de um contexto, seja pelo modo que eles entram em contato com os valores sociais e familiares e/ou constituídos a partir da inferência da leitura do texto. Compreendendo e experienciando, por meio da literatura, os comportamentos humanos de acordo com os contextos, pensamentos, formas de ver e pensar as coisas no mundo real. Isto nos remete a *Candido* quando nos lembra que

(...). A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (CANDIDO, 2004, p. 113).

Concluídas as discussões iniciamos a etapa da interpretação textual (constantes no anexo). Em seguida os alunos foram conduzidos à última etapa da oficina: produção textual. Os discentes deveriam produzir um texto narrativo a partir da temática de uma moça que casou com a Morte.

Essa atividade demandou mais tempo que as anteriores, pois necessitava da mediação da professora para construção do enredo que contemplasse o que fora solicitado. Escrever é outro viés do letramento do letramento literário. Diz respeito às práticas de escrita em interação com tal atividade. Não se destina a formação escritores de literatura, mas promover “um diálogo criativo do aluno com o universo literário” (PAULINO; COSSON, 2009, p. 76). Na obra *Leitura de literatura na escola*, no quarto capítulo, *Literatura na escola: propostas didático-metodológicas*, Dalvi (2013) discute acerca da relação entre literatura e educação. A autora apresenta algumas propostas metodológicas que encaminham o trabalho do professor com a literatura. Dentre essas, a pesquisadora propõe alguns princípios para auxiliar no trabalho desenvolvido com a literatura na escola. Em relação à escrita na interação com o texto literário, Dalvi (2013, p. 82) aconselha que “em resposta amorosa ao ato de ler”, o

professor deve “permitir a experiência de ensaiar escrever/produzir literatura”. Isto é, a tarefa está relacionada à tentativa de oferecer um caminho ao aluno para que responda através do texto escrito, sua experiência com a literatura, pois como expressa Cosson (2018, p. 29), o segredo maior da literatura é justamente o envolvimento único que ela nos proporciona em um mundo feito de palavras.

Ao concluir a aula, a docente comunicou aos alunos que a escola iria proporcionar um evento literário de conclusão do ano letivo, em praça pública e da possibilidade de apresentar o texto lido e discutido em sala de aula no referido evento. Apesar da timidez e da surpresa da turma em relação ao convite feito pela professora alguns alunos aceitaram a proposta.

Quando perguntados qual papel gostaria de encenar, houve disputa para representar a personagem Morte. Posto isso, os alunos revezavam entre si a argumentação para representarem a personagem mencionada. Embora falar de temas que aparentemente não compõem o universo infantil, todos os alunos que manifestaram desejo em se apresentarem queriam se personificar da personagem Morte. A forma como a oficina foi conduzida aproximou os alunos dela. Havia na sala duas alunas que há pouco tempo tinham perdido parentes. Era necessário um olhar acolhedor por parte da docente em virtude dessa temática e da personagem. Direccionamos nosso objetivo apresentando uma Morte de forma divertida e as vezes até mesmo irônica, porém lúdica para que o foco principal não fosse a finitude da vida, em razão dos fatos já apresentados. Para isso, nos valem da personagem Morte, das histórias em quadrinho de Maurício de Sousa. Nas Histórias e Quadrinhos, a personagem Morte apresenta falas de ironia, deboche e impaciência. Percebemos que o diálogo entre as personagens da Morte no conto e na HQ agradaram aos alunos. Além disso, verbal e o visual oportunizam a interação entre diferentes linguagens, mas ambas trabalham com elementos da narrativa (ação, personagens, enredo, espaço, tempo).

Porém, uma aluna chamou-nos à atenção interrompendo a fala dos colegas, argumentando que a Morte era uma personagem feminina, por isso, deveria ser representada por uma aluna. Instigada pela professora para explicar seu ponto de vista, ela relatou:

Quadro 15 – A Morte

Lara: - No texto se diz **A** (ênfase no tom de voz) morte”.

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Interessante observar que, a aluna da partir do conhecimento do uso do artigo A para determinar o gênero da palavra em regra geral. A professora questionou se todas as palavras

que são antecedidas pelo artigo A são femininas e cita exemplos, como por exemplo, a testemunha. A aluna momentaneamente silenciou-se. Acreditamos que refletindo sobre a questão, contudo não se deu por convencida e continuou insistindo, pois viu na função do artigo uma estratégia argumentativa para expressar seu desejo em interpretar a personagem.

Segundo Amarilha (2006, p. 53), “uma das razões pela qual o leitor se interessa por um texto é que ali encontra algo de si próprio. A identificação do leitor com o texto, via de regra, ocorre a partir de um personagem”. Embora se trate de uma personagem que indica finitude, algo do qual pouco se discute, pois envolve diversos tabus, percebemos durante o percurso da oficina que a Morte, para os alunos, é a principal protagonista do conto. A Morte desloca-se do lugar de antagonista e ocupa a atenção e admiração dos alunos. O “herói que luta para vencê-la (o compadre) é relegado a personagem secundário. A personagem abstrai a realidade e consegue guiar os alunos a experienciar a fantasia, a curiosidade, a criatividade, aspectos que a linguagem literária propicia aos educandos, causando prazer. Além disso, a partir de uma argumentação da aluna podemos situar os alunos em relação a análise linguística, comprovando que a leitura literária não é apenas fruição, mas um elemento criativo de uso e experimentação da linguagem.

Os alunos fizeram uma ressignificação da personagem e adotaram uma postura de encantamento com ela, por possuir características cativantes, como a atmosfera de suspense que ela provoca e um convite ao inesperado final, que foge às convenções dos contos dos quais eles conhecem. São aspectos que estimulam a imaginação, depreende e estimula a formação leitora.

A segunda oficina intitulada A festa no céu foi iniciada em dois (02) de dezembro de dois mil e dezenove (2019). A fim de motivar os alunos ao momento de leitura, optamos por utilizar dois fantoches com os personagens do conto: o sapo e duas aves. A professora/pesquisadora encenou um diálogo entre as duas aves alvoroçadas sobre uma festa. Em seguida, utilizamos o fantoche do sapo com apenas uma das aves. No diálogo, o sapo perguntava sobre a festa e ave respondia que ele não poderia participar, pois ele não voava. Esse diálogo provocou um sentimento coletivo de comoção na sala. Alguns alunos verbalizaram que isso não podia acontecer, que o sapo tinha direito de participar da festa. A professora/pesquisadora questionou aos alunos se eles acreditavam que o sapo havia se conformado com a situação. Após um momento de silêncio começaram a responder que não. A professora/pesquisadora instiga-os novamente sobre qual estratégia o sapo poderia utilizar para chegar à festa e alguém o ajudaria. Repetido o instante de silêncio um dos alunos expõe à turma:

Quadro 16 – A festa no céu

Doguinho Mau: - Vamos ler né tia? Só lendo pra saber.

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Entretanto, outros alunos apresentaram suas antecipações de leitura.

Quadro 17 – A festa no céu 2

Bela: - Quando virem (as aves) como ele ficou triste vão levar ele pra festa

Caveira Capenga: - Mas elas (as aves) lá em cima na festa não vai lembrar

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Nossa intenção era provocar, estimular os alunos a adentrarem no texto confirmando ou contrapondo suas ideias pré-existentes sobre a leitura. De acordo com Cademartori (2012, p. 29), “o que prende o leitor à história, quando ele está ainda no primeiro estágio da leitura, é a curiosidade pelo que vai acontecer com aquela personagem com quem se identificou de algum modo”. Esse momento inicial, de dúvidas e de curiosidades, oportunizou à classe uma boa interação entre os pares e os mobilizou para o momento da leitura.

Compreendemos que ao realizar essas tarefas, completar a etapa da motivação, a qual Cosson (2007) se referiu como aspecto inicial para o trabalho com o letramento literário na escola, pois como lembra o autor:

Crianças, adolescentes e adultos embarcam com mais entusiasmo nas propostas de motivação e, conseqüentemente, na leitura quando há uma moldura, uma situação que lhes permite interagir de modo criativo com suas palavras. É como se a necessidade de imaginar uma solução para um problema ou de prever determinada ação os conectasse diretamente com o mundo da ficção e da poesia, abrindo portas e pavimentando caminhos para a experiência literária (COSSON, 2007, p. 53).

A professora/pesquisadora apresentou novamente o livro Contos Tradicionais do Brasil de autoria de Cascudo. Aos alunos foi entregue a fotocópia do texto. A professora/pesquisadora combinou com os alunos quais se disporem para socializar a leitura após a leitura silenciosa. Completada esta etapa, os alunos foram questionados se as hipóteses iniciais se confirmaram. Ao longo das colocações dos alunos, sobre as impressões do conto os discentes, destacaram a estratégia criativa do sapo para ir à festa, lamentaram a atitude do urubu, em não trazer o sapo à terra e expressaram contentamento pelo personagem sapo ter

sobrevivido à queda.

Continuamos a oficina com a atividade de interpretação textual. Essa etapa transcorreu de forma tranquila, com exceção da última questão que questionava se o conto explicava alguma coisa para ele. Talvez a pergunta não tenha sido bem formulada ou explicada para os alunos, pois eles respondiam que o conto não explicava nada. Foi necessário a professora fazer uma nova interferência e questionar-lhes se havia a explicação sobre algo ou alguém ser de alguma maneira. Os discentes compreenderam e conseguiram responder o questionamento de acordo com o que pretendíamos que respondessem.

Esgotado o tempo da aula ainda havia alunos terminando a atividade de interpretação. Orientamos aos alunos que concluíssem em casa, e se necessário, realizassem uma terceira leitura do texto para que os próximos encontros continuassem bastante participativos.

Na aula seguinte, iniciamos a aula fazendo um resumo do conto. Em seguida, convidamos os alunos a assistirem outras duas versões do mesmo conto. Foi solicitado aos alunos que comparassem as três versões do conto apontando semelhanças e diferenças. Constituiu-se de um momento enriquecedor com ampliação do repertório através da experiência audiovisual da literatura, pois a palavra suscita a imaginação dos alunos e a linguagem audiovisual concretiza as palavras e a fantasia em figuração imagética. Retornamos à discussão com os alunos sobre os contos estarem presentes há muito tempo nas sociedades e pelo fato de atravessarem gerações modifica-se a versão. Por isso, o conto lido e assistido tem versões diferentes.

Lembramos aos alunos do evento Cesta de Arte, do qual a escola iria participar e como houve boa adesão a apresentação do conto O Compadre da Morte, sugerimos a apresentação deste último conto também. Obtivemos êxito no convite, os alunos verbalizaram qual papel desejavam encenar e combinamos de ao final do dia conversar com os pais para autorizar a participação deles e definir o horário de ensaio no contra turno.

Apenas um personagem, conforme estávamos percebendo, não tinha nenhum aluno até o momento, se disponibilizado em interpretar o urubu. Optamos por naquele momento não questionar os alunos sobre o motivo e esperamos um momento mais adequado para fazê-lo. Na aula seguinte, retomamos a fala sobre o personagem Urubu. Instigamos a razão de nenhum discente acolher a representação do papel deste personagem. A sala silenciou brevemente. Somente uma aluna pronunciou-se:

Quadro 18 – O urubu

Ana: - Ninguém quer ser urubu, tia! É feio, fede.

Professora: - Ah, mas quem disse que o urubu da nossa apresentação vai feder? E por que você diz que o urubu fede?

Ana: - Só come carniça.

Professora: - Mas o urubu faz um grande serviço para a natureza. Ele mantém o ambiente em que vive limpo, eliminando todas as carcaças e ossadas. Já pensou se não tivesse urubu?

Ai sim, ia estar tudo fedendo. O urubu é o gari da natureza, gente.

A turma pôs-se a gargalhar.

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Retomamos o convite para encenar o personagem e novamente recebemos uma negativa silenciosa. Entretanto, o aluno Toquinho rompeu o silêncio e disponibilizou-se para encenar o personagem, pois o urubu é símbolo do seu time, Flamengo. Vale ressaltar que esse aluno pouco participou das oficinas, resistindo em participar tanto das atividades orais quanto escritas. Sua disponibilidade foi uma feliz surpresa para a pesquisadora. Mas a nossa inquietude persistia. Instigamos a turma à recusa do papel do urubu e a discente Ana argumentou que o urubu era feio e preto, por isso, nenhum aluno gostaria de personificar o urubu.

Esse contexto exposto pelos alunos nos lembra Jouve (2002) quando assinala que um texto literário veicula tantos os saberes interessantes quanto os estereótipos mais batidos. Mas de maneira geral o texto sempre resultará num saber humano. Esse saber decorre tanto da descoberta de uma dimensão de nós mesmos, até então inconscientes (ou não), como do sentimento de confronto com questões fundamentais ao ser humano.

Questionamos aos alunos se a cor do urubu era o motivo que os impedia de interpretar o personagem. Dois alunos confirmaram e o restante da sala pôs-se em silêncio. Quando instigados se a cor define a personalidade de alguém ou a maneira de agir do animal no conto responderam que não. Insistimos no questionamento do motivo da associação da cor preta a um elemento negativo. A aluna disse situação semelhante ocorre quando uma colega que não quer brincar com outro por ter um cabelo diferente. Interessante observar em lócus a literatura denunciando e nos fazendo refletir sobre nossos estereótipos e por que não dizer nos preconceitos construídos socialmente. Devido a pouca idade e experiências, os alunos ainda não conseguem refletir com maturidade sobre a questão do racismo, por exemplo.

Enfatizamos após a fala de Ana que características como cor de pele, cabelos, não são definidoras de personalidade nem das atitudes que qualquer pessoa venha a ter. Tomamos por exemplo a fala do aluno ao declarar que o urubu era o símbolo de um grande time nacional. Perguntamos qual era o motivo que fazia acreditar que o animal era símbolo do time. O aluno, Toquinho, disse que se tratava que o animal era esperto como os jogadores que cercavam, observavam os adversários e quando estes menos esperavam conseguiam marcar gol no time oposto. Nesse momento, alguns alunos começaram a aplaudir o colega enquanto que outros riram da analogia feita, mas não discordaram de seu comentário.

Reforçamos junto aos alunos sobre a necessidade de aceitar diferenças e de sua benéfica para as relações. Pedimos que por um instante pensassem em um colega muito querido da sala, em seguida, foi solicitado que identificassem algo no comportamento dele que era o oposto do que eles faziam ou gostavam. Após alguns exemplos, expostos por eles, concluímos nossa fala pedindo que cada um observasse sua mão e percebesse que cada dedo possuía uma peculiaridade, assim como as pessoas. Também questionamos se eles levariam o sapo sem consentimento para uma festa, como fez o urubu do conto. Os alunos a se perceberem como urubu e pensassem se eles reagiriam a levar o sapo sem consentimento a uma festa. Nossa intenção era estimular os alunos a refletirem sobre as diferenças que completam os seres humanos. Após essa conversa, aparentemente, aguçados pelo diálogo e as inferências da professora, os alunos se sentiram menos desconfortáveis percebendo o personagem urubu como um personagem do conto, que movido ou não de raiva, teve um gesto desastroso em relação ao sapo. Assim como os questionamos se eles já haviam tomado uma decisão movida a raiva e magoado alguém e ainda reforçamos a tônica da cor como não determinante de boas e más ações.

Sabemos que não podemos afirmar que após a discussão com a turma os conflitos internos dos alunos tenham sido resolvidos, mas é essencial estimular a reflexão. Confirmando como aponta Aguiar (2001), que literatura é uma provocação ao leitor, levando-o a constituir novos sentidos e, conseqüentemente, crescer como ser humano. Ou seja, a literatura ultrapassa a estética e se constitui através da linguagem, estimulando a formação de um sujeito reflexivo e atuante.

Não se trata de um ato instantâneo, mas a literatura atua aqui no diálogo entre professora e a turma, experienciando através da linguagem, conceitos e formas de enxergar o mundo e refletir a partir de diversos olhares diferentes formas de ver e compreender o mundo.

Nesse cenário, a literatura é um importante canal para a propagação dos valores fundamentais para a construção de um ser social comprometido com a justiça social. Nas

palavras de Candido

Os valores que a sociedade preconiza, ou os que consideram prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia, combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas (CANDIDO, 2004, p. 113).

Embora se assemelhe a uma contradição, a humanização, isto é, a apropriação da condição humana se dá com vários fragmentos, que a partir das discussões, do encontro com o outro e por meio da literatura espera-se alcançar. Inclusive com aqueles que refutamos ou nem temos consciência de possuí-los.

Encerrada a parte das discussões em sala, reforçamos com os alunos que se disponibilizaram a apresentar-se no evento Cesta de Artes, promovido pela Prefeitura Municipal de Pendências através da Secretaria de Cultura o horário e os dias de ensaios para que todos pudessem bem se apresentarem, pois é um acontecimento prestigiado pela cidade inteira.

A linguagem audiovisual (os vídeos das versões da tartaruga e sapo) e a encenação(teatro) diferem no modo de produção e recepção. Entretanto, dialogam favorecendo a habilidade leitora não apenas a partir do texto escrito, mas alinhado a imaginação propiciada pelo momento da leitura, ampliando o horizonte de expectativas e experiências, contribuindo na formação leitora na escola, pois esse é um espaço privilegiado de acesso a bens culturais. Como preconiza Candido (2004, p. 33):

A literatura tem muito a ver com a luta pelos direitos humanos, defende que todos possam ter acesso às diferentes culturas, porque “uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável.

Portanto, para formar leitores é preciso dialogar com diferentes linguagens, promovendo o direito e acesso à leitura e à literatura, nas suas mais variadas formas.

A última atividade planejada para essa oficina pautava-se na construção de um convite. Porém, em virtude dos ensaios esta não ocorreu, constando na propositura das oficinas como uma sequência da atividade. Apresentamos a escrita na nossa oficina por consideramos que a leitura num momento ou outro ela se faz presente nas práticas de leitura com o texto literário. Dalvi (2013, p. 82) ressalta que “em resposta amorosa ao ato de ler”, o professor deve “permitir a experiência de ensaiar escrever/produzir literatura”. Entendemos que o texto literário não é um meio para um fim como ilustração ou veículo para qualquer

fim: à serviço da gramática ou pano de fundo para produção de texto, por exemplo. Ademais, o percurso da oficina permitir o intercâmbio de experiências, em que o saber não se constitui apenas no resultado final do processo de aprendizagem, mas presente em todo processo de construção do conhecimento. Desse modo, as oficinas atuam na leitura, escrita e formação cultural dos indivíduos.

4. 2 Avaliação em literatura

Na escola, de um modo geral, vigora a cultura pedagógica de exames avaliativos. E Dependendo da forma como os alunos são avaliados, esse momento pode se constituir numa prática excludente e que não auxilia o professor a compreender globalmente o que foi apreendido pelo aluno.

Tais afirmações são feitas por estudiosos como Luckesi, que há tempos abjeta que o processo de avaliar é desenvolvido de forma arbitrária e equivocada. Ademais, Hoffmann (2004, p. 25) argumenta que “a avaliação na escola vem sendo um ato penoso de julgamento de resultados”. Ou seja, a avaliação da forma como usualmente é validada pela escola, basicamente por meio de testes, não propicia replanejar o processo da aprendizagem, tendo como premissa classificar o aluno a partir de critérios nem sempre explícitos para os alunos e nem mesmo para os professores que elaboram a avaliação.

Quando tratamos sobre avaliação em literatura, alguns estudiosos acreditam que a subjetividade deve prevalecer, portanto, é quase impossível sistematizar o que os alunos aprendem com e por meio da literatura. Qualquer atividade avaliativa é uma oportunidade de aprendizado de ensino e aprendizagem para o estudante e o professor. É preciso elencar também que é necessário o professor refletir sobre o que ele deseja identificar através de um instrumento avaliativo. Há um conhecimento que precisa ser apropriado pelo aluno e, este conteúdo a ser avaliado, precisa estar claro para o aluno e para o professor. No ensino de literatura, geralmente prevalece nos livros didáticos ou nos livros paradidáticos que os alunos leem durante o ano letivo, o modelo tradicional de avaliação centrado em exames escritos, preenchimento de fichas de leitura, perguntas abertas para o aluno argumentar se gostou ou não da história ou do final dela, entre outros. A esse respeito Dalvi (2013), ressalta que há uma decantação do literário em desarticulação com o campo da vida. Fato que atinge a educação estética-literária dos estudantes e professores assim como impede a formação crítica de ambos.

4.3 Os atos de ensinar e aprender literatura

Esta discussão nos leva a refletir sobre os atos de ensinar e aprender literatura considerando um contexto específico, complexo e constante aperfeiçoamento. Um dos fatores que mais corroboram a esse contexto, ainda pouco esclarecido, é a falta de preparação nas licenciaturas de Letras, seja pelo fato de constarem no currículo disciplinas que deem conta, em especial, das teorias literárias mais do que a vivência de experiências em literatura como bem demonstra Cereja (2005, p. 42) “é comum os docentes saírem deste curso de graduação com certo nível de imprecisão sobre seu objeto de ensino consistente”. Noutras palavras, para o autor, a formação inicial dos professores de Literatura está aquém do que seria desejável. É preciso considerar também que se o professor precisa ser um leitor. Caso contrário, terá muita dificuldade em contribuir na formação literária dos alunos. Acreditamos que se o professor deseja e percebe a necessidade de adentrar nesse universo, atividades de frequentar bibliotecas, trocar indicações de livros com colegas e participar de clubes de leitura em redes sociais, por exemplo, se constituem como espaços e conjunturas que mediam o processo leitor do professor. Ou seja, quando há um hiato entre a formação docente e a condução do papel do professor na promoção da formação leitora dos alunos, o docente se arrisca em achismos comprometendo a qualidade de sua prática pedagógica.

Além disso, é preciso refletir sobre o momento da aula. Para uma melhor efetivação é preciso romper a ideia de centralizar a aula no professor. Ao contrário, o mais adequado às situações de leitura é contextualizar a realidade levando em consideração os interesses e necessidades dos alunos, estabelecendo objetivos claros para o que se pretende alcançar, tendo a literatura como mediadora entre o sujeito em construção, a imaginação e sua realidade. Alinhamos nossa perspectiva sobre ensino de literatura com o que argumenta Colomer (2007) que aula deve promover debate real sobre cultura, ideias e valores entre diálogo entre texto com o aluno e seu próprio universo e visões sem a simplificação de dimensões culturais, estéticas, históricas e políticas. Entendemos então, que através dessa ~~desta~~ concepção há a promoção da competência leitora e cultural dos alunos para que ~~estes~~ se tornem aptos a compreenderem os fenômenos sociais e linguísticos sabendo como pensar e se comunicar em contextos diversos.

Para que a aula se torne mais problematizadora, estimulando a participação dos alunos, como sujeito construtor de sentidos para si e coletivamente, faz-se necessário que o professor considere rotinas escolares alinhadas a seus objetivos. O momento da prática de leitura deve considerar a sistematização de fatores como motivação, mediação e aprendizagens de forma

que o educando paulatinamente vá abdicando da ideia de que a leitura está para o atendimento de uma demanda escolar, mas percebê-la como instrumento de reflexão sobre o mundo, interpretando realidades, construindo significados, ampliando paralelamente seu repertório de linguístico, entre outras habilidades.

4. 4 A literatura faz parte do nosso cotidiano

A compreensão da qual a literatura faz parte do nosso cotidiano e, portanto, ao ser ensinada ela se torna escolarizada, naturalmente pressupõe avaliação. Sobre essa questão, Soares (2001) nos diz que não é possível (nem desejável) desescolarizar a leitura literária, sob pena de se anular a própria função social da escola:

(...) a leitura é sempre avaliada, por mais que se mascarem também as formas de avaliação — que se dê uma prova, que se peça preenchimento de ficha, que se promova trabalho de grupo, seminário, júri simulado, enfim, que se use seja qual for a estratégia, das muitas que a bibliografia de uma pedagogia renovadora vem sugerindo, sempre a leitura feita terá que ser demonstrada, comprovada, porque a situação é escolar, e é da essência da escola avaliar (o simples fato de se estar sempre discutindo que é preciso não avaliar explicitamente, de se criarem estratégias as mais engenhosas para verificar se a leitura foi feita, e bem feita, evidencia como a leitura é escolarizada). Lembre-se de que, fora da escola, nunca temos de demonstrar, comprovar que lemos, e que lemos bem, um livro (SOARES, 2001, p. 24).

Essa percepção de desescolarização, da qual a leitura literária não possui elementos para avaliação devendo apenas permanecer no campo subjetivo, é negar o papel da literatura como forma peculiar de conhecimento (seja sobre o mundo, sobre si, o outro e a linguagem). Através de um trabalho sistemático e intencional é possível escolarizar literatura e usufruir de todas as possibilidades formativas. Não avaliar o processo e os resultados da mediação entre professor/aluno, alunos/alunos mitiga a oportunidade, em especial daqueles que vêm de meios menos letrados, o direito a se apropriar de saberes construídos culturalmente, do exercício do imaginário, dos saberes linguísticos e da ampliação do horizonte de expectativas escolar e pessoal. Além de tornar o processo de aprendizagem menos dinâmico e menos significativo para o aluno.

Concordamos com Colomer (2007) que diz que o aluno é um leitor em situação de aprendizagem e o professor (em suposição) um leitor experimentado que guiará o primeiro na construção de itinerários de leitura em confronto ou em diálogos com suas experiências prévias. Ao professor cabe planejar o desenvolvimento das competências leitoras, sem

esquecer a subjetividade, como experiência a ser partilhada pelos sujeitos através de suas crenças, percepções, memórias ampliando ou reformulando a partir do texto sua visão de mundo sobre situações e pessoas, compreendendo que a partilha intelectual e coletiva constrói sentidos, inclusive para aqueles que apresentam dificuldade de compreensão, pois forma um círculo de referência e inferência comum aos discentes. Também atenua a leitura do professor como a verdadeira e única e abre espaço de compartilhamento para construção de sentidos, embora que ao organizar a aula dessa maneira, inevitavelmente imprevistos possam acontecer

A concepção mais aberta e dialógica oportuniza o professor desenvolver junto a seus discentes o letramento literário. Mas, para que isso ocorra deve-se priorizar o desenvolvimento de competências linguísticas ao invés de informações abstratas ou de memorização.

No que tange sobre a avaliação, compreendemos que esta deve se dar de maneira socializada e múltipla. Apenas duas oficinas constantes neste documento foram experienciadas. Outras nove propostas neste texto são de natureza propositiva, portanto não foram experienciadas. Entretanto, a partir de nossa concepção pedagógica de mediação, e refletindo sobre as vivenciadas com os alunos acreditamos que diversos instrumentos podem ser agregados para que a avaliação seja inicialmente qualitativa antes de tratarmos de aspectos quantitativos.

4.5 Diferentes possibilidades de expressar a aprendizagem

Atividades como debate, apresentações orais, participação nas aulas, inferências nas falas dos colegas, apresentações teatrais, elaboração de portfólios, comparação de personagens, produções textuais, dentre outros, se constituem em diferentes possibilidades de expressar a aprendizagem evitando que a avaliação esteja apenas focada num único instrumento avaliativo e pontual, como as atividades escritas de registro de interpretação textual que confirmem que o aluno realmente fez a leitura do texto. Nesse sentido, corrobora Cosson (2011, p. 150) ao afirmar que

[...] a avaliação não pode ser instrumento de imposição de interpretação do professor, antes deve ser espaço de negociação de diferentes interpretações. São essas negociações que conduzem à ultrapassagem das impressões iniciais individuais e configuram o coletivo da comunidade de leitores.

Ou seja, a multiplicidade de olhares de leituras construídas a partir dos olhares

heterogêneos dos discentes/leitores em formação que se apresentam na sala é o que constrói sentido e saberes que a literatura propicia, experimentar o mundo com e por meio da linguagem.

Na opinião de Dalvi, Rezende e Faleiros-Jover (2013, p. 83), o professor deve, pois, avaliar sem punir, avaliar para promover a aprendizagem e principalmente a aproximação e o respeito, avaliar com rigor, mas sem desprezar a ‘rugosidade’ inerente ao próprio processo de avaliação, avaliar com critérios claros e enunciáveis, avaliar a partir do diálogo, avaliar avaliando a própria avaliação [...]. Por isso, cabe ao professor ter clareza dos critérios avaliativos, tendo na centralidade deste processo, a efetividade e a qualidade da leitura como questões essenciais de seu trabalho, que tem como objetivo fundamental a experiência e a formação literária do leitor.

A partir dos pressupostos aqui elencados e compreendendo que a literatura deve ser ensinada e avaliada, num contexto de experiência e não de conteúdo a ser aprendido, o processo metodológico e avaliativo permitem a análise do desempenho do aluno. Esses aspectos quando sistematizados e acompanhados, permitem ao professor identificar necessidades e objetivos alcançados ou em processo, reiterando uma visão qualitativa dos resultados alcançados, além de oportunizar aos alunos serem donos de suas vozes e construírem sua trajetória textual, cultural e identitária.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se a presença da literatura é apagada da escola, se o texto literário não tem mais lugar na sala de aula, desaparecerá também o espaço da literatura como lócus de conhecimento (COSSON, P. 15, 2014).

Este trabalho de pesquisa interventivo teve como finalidade implementar e analisar uma proposta de oficina de práticas de leitura literária em uma turma do 4º ano do ensino fundamental. Nosso objetivo era melhorar a compreensão leitora e criar no aluno o gosto pela leitura do texto literário. Nesse percurso usamos o gênero conto popular para ancorar nosso planejamento e elaborar as oficinas para que atingíssemos o objetivo.

Entendemos que trabalhar a literatura em sala de aula é um desafio diante do que nos é oferecido enquanto professores de Língua Portuguesa. Na maioria das vezes, atenção às questões voltadas para o ensino de língua materna tomam maior importância, enquanto os aspectos relacionados a leitura do texto literário são postos em segundo plano e utilizado. A deficiência do trabalho com o texto literário é presente também nos cursos de graduação de Letras, nos quais a disciplina de literatura ocupa pouco espaço no currículo. Além disso, a formação literária do professor interfere na aproximação dos alunos com esses textos. Sendo professor leitor, se fortalece o modo de instigar os alunos a participarem de situações de leitura literária.

No que tange ao ensino da literatura, utilizando os contos populares, em sala de aula, também não encontramos um cenário favorável. Como afirma Cascudo é o menos examinado, embora possua uma riqueza linguística e cultural ímpar e se constitui numa ferramenta importante capaz de auxiliar no processo leitor pelo caráter dinâmico e lúdico conferido a esses contos.

A partir dessas considerações a experiência, mesmo em pequena escala, (em virtude da pandemia/aulas remotas, dificuldades de acesso dos alunos as aulas *on line*) produziram os seguintes resultados: no primeiro momento em que identificamos as experiências leitora dos alunos (fábulas) observamos que a maioria lia, porém não sabia explicar o sentido dos textos, dedicando sua interpretação a moral destas. Fato modificado a partir da metodologia das oficinas e dos temas discutidos nas oficinas. Além do desenvolvimento da linguagem a formação humana a partir dos temas discutidos, isto é, nossos objetivos específicos: a) intervir no processo de formação leitora dos alunos aperfeiçoando a compreensão leitora e b) desenvolver atividades de leitura do texto literário, com ênfase nos contos populares coletados

por Câmara Cascudo através de oficinas para a formação de leitor crítico; c) contribuir para o processo de leitura significativa, por meio de experiências relacionadas, entre outros elementos, aos aspectos linguísticos bem como a cultura de origem popular foram contemplados nas duas oficinas aplicadas.

Na etapa da motivação, percebemos os estudantes empolgados e mobilizados para a leitura com os contos escolhidos. Além disso, podemos pontuar que: à medida que avançávamos, aluno considerado desinteressado, passou a oralizar suas opiniões, a escutar e a aprender com outro; os alunos iniciaram inferência do sentido da palavra pelo contexto; avançaram na produção textual produzindo textos incluindo elementos da narrativa (narrador, complicação, clímax, desfecho - a partir das produções da oficina do Compadre da Morte)

As discussões apresentadas neste trabalho, no que se refere à leitura com os contos populares e o seu estudo na sala de aula, confirmam que é possível propormos um ensino do texto literário e formação leitora com vistas a desenvolver o hábito de leitura além de fazer da atividade de leitura espaço para fruição literária e estética.

Vale destacar que as oficinas, pautadas na metodologia de Cosson (2018), despertaram na pesquisadora a compreensão de que há caminhos para explorar o texto literário diferentes daqueles direcionados nos documentos oficiais que regem o ensino de leitura. Nelas, além do texto literário, articulamos diferentes linguagens como quadrinhos, vídeos, músicas, entre outras, em defesa de uma leitura e da literatura voltada a formação de sujeitos leitores. Dessa forma, acreditamos que podemos motivar e ampliar o espaço da leitura no cotidiano escolar, além de experienciar as vivências que constituem o leitor a partir das narrativas lidas.

Ao levarmos Câmara Cascudo para sala de aula o grande guarda-memória da cultura, da literatura oral e anônima, é nossa intenção preservar e dar conhecimento aos bens culturais e linguísticos. Desse modo, revelar um Cascudo “provinciano”, preocupado e interessado por literatura, coletando esses contos, que são capazes de povoar a imaginação dos alunos.

Nosso trabalho não se efetua aqui, tendo em vista que o ensino com a leitura em sala de aula é uma atividade constante, que não oferece um saldo imediato às necessidades formativas e aos anseios dos professores. Mas, um constructo *continuum* ao longo das vivências dos alunos. Esperamos com este trabalho, junto aos professores, que se sintem motivados por esta temática, contribuir para aproximar literatura e ensino, fortalecendo, defendendo e reconhecendo a importância da literatura na centralidade do ensino da língua.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Cultura Letrada**: leitura e literatura. São Paulo: UNESP, 2006.
- AGUIAR, Vera Teixeira de. (org.) **Era uma vez... na escola**: formando educadores para formar leitores. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.
- AMARILHA, M. Alice que não foi ao país das maravilhas: leitura crítica na sala de aula. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- ANDRADE, Mário de. Contos e Contistas (13/09/1938). *In*: – O empalhador de passarinho. São Paulo: Martins, Brasília – INL, 1972. p 5-8.
- BARRETO, Anna Maria Cascudo. **O colecionador de crepúsculos**. Brasília. Editora Brasília, 2003.
- BARTHES, Roland. **Aula**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1992.
- BELINTANE, Claudemir. **Oralidade e alfabetização**: uma nova abordagem da alfabetização e do letramento. São Paulo: Cortez, 2013.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris et al. (Org.). **Leitura e mediação pedagógica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- BOSI, Alfredo (Org.). **O conto brasileiro contemporâneo**. 16. Edição. São Paulo: Cultrix, 2015.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos de Ensino Fundamental: Língua Portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CABRAL, MarluCIA Barros Lopes. Oficinas de letramento: sistematizando práticas de leitura e de escrita para além do contexto escolar. *In*: **Simpósio Nacional de Literatura, Linguística e Ensino**. Mossoró/RN: Edições UERN, 2016. p. 513-525.
- CADEMARTORI, Ligia. **O professor e a literatura**: para pequenos, médios e grandes. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In*: **Vários Escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- CANDIDO, Antonio. Direitos Humanos e literatura. *In*: A.C.R. Fester (Org.) *Direitos humanos E...* Cjp / Ed. Brasiliense, 2004.
- CANDIDO, Antonio. A literatura e formação do homem. *In*: **Textos de Intervenção**. São Paulo: Duas Cidade/Editora 34, 2002.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**: estudo de teoria e história literária. 13. ed. São

Paulo: Ouro Azul, 1985.

CASCUDO, Luís da Câmara . **Alma patrícia**: crítica literária. Natal: Typ. M. Victorino, 1921.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Contos Tradicionais do Brasil**. 8. ed. São Paulo. Global, 2000.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura Oral no Brasil**. 1. edição digital. São Paulo: Global, 2012a.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 12. ed. São Paulo: Global, 2012b.

CEREJA, W. R. **Ensino de literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura**. São Paulo: Atual, 2005.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. SANDRONI, Laura (Trad.). São Paulo: Global, 2007.

COMPAGNON, Dominique. *Literatura para quê?*. Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: UFMG, 2009

CORTÁZAR, Julio. **Valise de cronópio**. Trad. Davi Arriguci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2006.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. 2. ed. (8. Reimpr.). São Paulo: Contexto, 2018.

COSSON, Rildo. Letramento literário. *In*: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva *et al.* **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014.

DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; FALEIROS-JOVER, Rita. (Orgs.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

FAILLA, Zoara (Org.). **Retratos da Leitura no Brasil**. Rio de Janeiro. Sextante. 2019. Disponível em: <<https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/>>. Instituto Pró-livro. Acesso em: 15 mar. 2020.

FERREIRA, Maria Betânia. **Pra que serve a literatura?** 2. ed. São Paulo: Ecofuturo, 2013.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 2017.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOTLIB, Nádía Batella. **Teoria do conto**. 11. ed. São Paulo: Ática, 2006.

GUEDES, Adriana Bittencourt; SERRA, Elizabeth D'Ângelo. **A formação de leitores literários na escola pública brasileira**. Rio de Janeiro: Instituto C&A, 2011. Disponível em: <https://sinapse.gife.org.br/download/a-formacao-de-leitores-literarios-na-escola-publicabrasileira>. Acesso em: 20 jan. 2021.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para promover: as setas do caminho**. Porto Alegre: Mediação, 2004

JOUBE, Vincent. **A leitura**. Tradução de Brigitte Hervot. São Paulo: Unesp, 2002.

KLEIMAN, Ângela B. **Oficina de Leitura: teoria e prática**. 15. ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2013.

KLEIMAN, Ângela B. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

KLEIMAN, Ângela B. Ação e mudança na sala de aula: uma pesquisa sobre letramento e interação. In.: ROJO, R. (Org.). **Alfabetização e letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

KLEIMAN, Ângela B. **Texto e Leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 14. ed. São Paulo: Pontes, 2011.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013

LAJOLO, Marisa. **Literatura: leitores & leitura**. São Paulo, Moderna, 2001.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2000.

LUCKESI, Cipriano. **A avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2018.

MACHADO, Ana Maria. Balaio. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

MARIA, Luzia de. **O que é conto**. (1. Reimp.). São Paulo: Brasiliense, 2004.

MARTINS, Kelly Cristina Costa; SOUZA, Renata Junqueira de. Literatura em sala de aula: o duelo entre metodozição do ensino da leitura e os desafios das práticas de letramento. Disponível em: <revistaconexão.aems.edu.br>. Acesso em: 22 mar. 2020.

MATOS, Gislayne Avelar; SORSY, Inno. **O ofício do contador de histórias**. Perguntas e respostas, exercícios práticos para encantar. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

MONTEIRO, Maria da Conceição Silva Dantas. **Luís da Câmara Cascudo prefaciador**. UFRN, 2015. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem).
PAULINO, Graça. Letramento Literário: Por velas e alamedas. **Revista da Faced**, n. 05,

2001.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. Letramento Literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. *In*: ZILBERMAN, Regina; ROSING, Tânia (Orgs.). **Escola e Leitura: velha crise; novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009.

PETIT, Michèle. A arte de ler. São Paulo: Ed. 34, 2009.

PORTO, Márcia. **Um diálogo entre os gêneros textuais**. Curitiba: Aymará, 2009.

RIO GRANDE DO NORTE. Secretaria da Educação e da Cultura. Documento Curricular do Estado do Rio Grande do Norte: Ensino Fundamental. Dados eletrônicos. Natal: Offset Editora, 2018.

SANTA ROSA, Cláudia (Org.). **A Leitura Literária na Escola Pública Potiguar**. Natal, RN: IDE. 2011.

SANTOS MARQUES, Ivonete B. A.; KLEIMAN, Angela B. Projetos, oficinas e práticas de letramento: leitura e ação social. **Revista ComSertões**, Juazeiro-BA, v. 7, nº. 1, julho-dezembro 2019, p. 16-34.

SCLIAR, Moacyr. Histórias para (quase) todos os gostos/Moacyr Scliar. Porto Alegre: L&PM, 2002.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. (4. Reimpr.). Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. *In*: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins et al. (Org.). **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2018.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1986.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi. Letramento, leitura literária e escola. *In*: **1º Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários, 4º Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários**, Maringá, 2009.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da Literatura**. Curitiba: Intersaberes, 2012.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Interpretação do texto com base no estudo de um conto

INTERPRETAÇÃO DO TEXTO COM BASE NO ESTUDO DO CONTO: O COMPADRE DA MORTE - OFICINA 1

1. Por que o homem se tornou compadre da Morte?
2. Por qual motivo a Morte aceitou o convite?
3. A Morte retribuiu a honraria com um presente ao compadre. De que se trata?
4. De que se tratava o “dom” que a Morte lhe deu?
5. Como eram as receitas/prescrições que o falso médico dava aos pacientes para que eles ficassem bons?
6. Por que o compadre decidiu enganar a comadre?
7. Neste trecho:
 “Como aqueles que ele ‘tratava’ ficavam bons, o homem passou a nadar em dinheiro.”
 Por que a palavra *tratava* está escrita entre aspas?
8. “Nadar em dinheiro” é uma expressão usada popularmente. O que isso significa?
9. Por que a palavra *morte* aparece escrita com letra inicial minúscula neste trecho:
 “— Era melhor encontrar a morte que ficar vagando pelo mundo sem esperança de nada”
 E com letra inicial maiúscula neste e nos demais trechos:
 “A Morte, que por um acaso passava por aquele caminho naquela hora, escutou”?
10. Releia estas falas:
 “— Passe o rabo de um gato por cima da ferida sete vezes ao dia. É tiro e queda!”;
 “— Tratem do funeral, pois logo, logo esse aí estará na terra dos pés juntos!”
 “— Minha nossa! Essa que é a minha vela? Então eu estou por um sopro!”
 O que podemos concluir a partir delas acerca do nível de linguagem do personagem: ele usa um registro formal ou informal? Que efeito isso provoca no leitor?
11. Considerando que as pessoas, assim que viram a placa na porta do casebre dizendo que o homem estava atendendo como médico, foram rapidamente se consultar e observando as prescrições dadas por ele, o que podemos concluir acerca da maneira delas pensarem?
12. Que efeito a leitura do conto provocou em você? Justifique sua resposta e compartilhe-a com os colegas.

PRODUÇÃO DE TEXTO: A MOÇA QUE CASOU COM A MORTE - OFICINA 1

A última atividade será de produção textual. Nesta etapa a professora instrui aos alunos sobre o uso dos sinais de interrogação, exclamação, dois pontos, margem de parágrafo, travessão, narrador de 1ª e 3ª pessoa.

Obs.: É necessário que os alunos, para que o texto, contemplem esses aspectos, que estes conteúdos já devem previamente estar inserido na rotina da turma.

O processo de feitura do texto deve ser acompanhado pelo professor, mediando e esclarecendo as dúvidas dos alunos. Produção de texto - A moça que casou com a morte.

APÊNDICE B - INTERPRETAÇÃO DO TEXTO COM BASE NO ESTUDO DE UM CONTO

INTERPRETAÇÃO TEXTUAL COM BASE NO ESTUDO DO CONTO A FESTA NO CÉU – OFICINA 2

1. Qual o evento que é retratado no conto?
2. Onde ele aconteceu?
3. Quais os convidados?
4. Por que o sapo jamais conseguiria chegar à festa?
5. O sapo se contentou? Qual providência tomou?
6. Quem interfere na vida do sapo? Você acredita que o urubu agiu certo?
7. Esse conto explica alguma coisa para você?

APÊNDICE C - INTERPRETAÇÃO DO TEXTO COM BASE NO ESTUDO DE UM CONTO

INTERPRETAÇÃO DO TEXTO COM BASE NA LEITURA DO CONTO QUIRINO, O VAQUEIRO DO REI – OFICINA 2

- a) Qual o significado da palavra fidalgo no texto? Se precisar consulte dicionário
- b) Por que um dos fidalgos resolveu testar a confiança de Quirino?
- c) Qual artimanha o fidalgo usou para enganar Quirino?

- d) Durante a viagem ao palácio Quirino pensou em mentir ao rei. Por que ele não desistiu?
- e) Por que o rei perdoou Quirino?
- f) Na hipótese de Quirino não contar a verdade ele seria denunciado pelo fidalgo? O que você acredita que teria acontecido com Quirino se tivesse mentido ao rei?
- g) A honestidade salvou Quirino? Você já passou por alguma situação na qual falar a verdade foi melhor que esconder uma situação? Ou já escondeu algo por medo de ser castigado? Como você se sente ao contar a ou esconder a verdade?
- h) Depois de todo o contexto, do texto e da aula, você saberia dizer o que significa o título do tema da nossa aula?

APÊNDICE D - INTERPRETAÇÃO DO TEXTO COM BASE NO ESTUDO DE UM CONTO

INTERPRETAÇÃO TEXTUAL COM BASE NA LEITURA DO CONTO ADIVINHA, ADVINHÃO! – OFICINA 4 – (ATIVIDADE EM DUPLA)

- 1- Retorne ao texto e escolha 3 palavras que você desconhece e as escreva abaixo. Tente descobrir pelo contexto o que elas significam. Caso não consiga consulte o dicionário.
- 2- Nos contos geralmente aparecem dois personagens

A personagem principal é **protagonista** da história. Se houver uma personagem que se opõe à personagem principal, um vilão, por exemplo, recebe o nome de **antagonista**

Identifique no texto lido quem é o protagonista e os antagonistas

- 3 - O homem da história é mesmo adivinho? Por quê?
- 4 - O que significa a expressão “pobre de Jó”?
- 5 - No primeiro momento, o acaso colaborou para que o “adivinho” descobrisse os culpados e convencesse o rei de suas habilidades. E no segundo momento, você acha que o acaso também ajudou? Por quê?
- 6 - Para você o que é ter sorte? Fez diferença na vida do homem ter sorte?
- 7 - Em que situação você precisou usar a esperteza ou sabe de algum fato onde alguém se valeu da esperteza para solucionar ou conquistar algo.
- 8 - Em seu cotidiano você tem muita sorte ou para conseguir algo você tem de se empenhar para conseguir?

- 9 - Que personagens você conhece que usa a esperteza e /ou sorte para solucionar os problemas?
- 10 - Que tipo de relação existe entre o nome a oficina e o texto que você leu?

APÊNDICE E - INTERPRETAÇÃO DO TEXTO COM BASE NO ESTUDO DE UM CONTO

ATIVIDADE DE INTERPRETAÇÃO TEXTUAL COM BASE NA LEITURA DO CONTO OS RINS DA OVELHA - OFICINA 5

- 1 - Por que Pedro disse que a ovelha não tinha rins?
- 2 - Por que você acredita que Pedro negava que tinha comido os rins?
- 3 - Mesmo enfrentando afogamento e queimadura Pedro continuava negando. Que fato fez Pedro confessar a mentirinha que havia contado?
- 4 - O que quer dizer o parágrafo final do texto “O homem resiste à água e ao fogo do que ao dinheiro. O que o dinheiro não arrumar, não tem mais arrumação”.
- 5 - Em que o último parágrafo se relaciona com o provérbio popular “Mentira tem pernas curtas”

APÊNDICE F - INTERPRETAÇÃO DO TEXTO COM BASE NO ESTUDO DE UM CONTO

ATIVIDADE DE INTERPRETAÇÃO DE TEXTO COM BASE NA LEITURA DO CONTO: O AFILHADO DO DIABO – OFICINA 6

- Qual a oportunidade que o diabo teve para se aproximar do homem?
- Qual a aparência do diabo no conto? Caso tivesse aparecido como no desenho de Chico Bento o homem teria oferecido o filho para ser batizado? Por quê?
- Por que o diabo presenteou o compadre com uma bolsa de ouro?
- No texto se diz que o homem viajava muito. Você supõe o motivo?
- O menino descobre que o padrinho é o Diabo. Volta para casa e diz ao pai que há um jeito de ganhar mais dinheiro. Porém, o plano dá errado e o pai vende o cavalo com o freio. O que fez o pai esquecer de tirar o freio?
- O dinheiro afetou a personalidade do pai?
- O diabo sabia que o cavalo era seu afilhado? Em caso afirmativo como ele sabia?

- Que castigo recebeu o afilhado, quando em forma de cavalo, foi comprado pelo padrinho?
- O criado do Diabo, por pena do cavalo, tirou o freio.
- O Diabo e o afilhado se transformam em animais mostrando a todos os seus poderes mágicos. Qual dos personagens usa inteligência para resolver a situação?
- Após ler o texto você consegue estabelecer uma relação de sentido entre o tema da nossa oficina e o conto que lemos? Caso consiga qual é essa relação?

APÊNDICE G - INTERPRETAÇÃO DO TEXTO COM BASE NO ESTUDO DE UM CONTO

ATIVIDADE DE INTERPRETAÇÃO TEXTUAL COM BASE NO CONTO **O MACACO PERDEU A BANANA – OFICINA 9**

1 - Os trechos destacados foram retirados do texto. Releia o 3 e 5º parágrafos do texto

O pé de pau **nem-como-cousa**.

A onça não **esteve pelos autos**.

Qual o significado das duas expressões?

- () Não gostou da maneira que o macaco falou.
- () Ouviu o que o macaco disse e não deu atenção.
- () Nem sequer percebeu se o macaco falou.

2 - Qual foi o único personagem que ouviu o macaco?

3 - Por que essa personagem resolveu ajudar o macaco?

4 - Por que o caçador fez o que a morte e o macaco queriam?

5 - Como a morte deve ter falado com o caçador?

a) Com brandura e amor.

b) Ordenando de forma grosseira.

c) Com simpatia e felicidade.

6 - Como foi esse diálogo? Imagine-o e transcreva abaixo:

07 – Qual das alternativas abaixo melhor definem a mensagem da história?

- a) Não se preocupe com os outros, cada um com seus problemas.
- b) É preciso ameaçar os outros para conseguir o que quer.
- c) Não desista dos seus objetivos, em algum momento você conseguirá alcançá-lo.

08 - De acordo com o texto, o macaco pediu ajuda a várias pessoas e animais:

- a) Quais as pessoas?
- b) Quais os animais?
- c) Há uma relação de sentido entre o tema da aula e o texto lido. Qual é esse sentido?

APÊNDICE H - QUESTIONÁRIO

Questionário de encerramento da pesquisa
1 - Você acha importante discutir temas diversos a partir das leituras lidas em sala de aula? () sim () não () talvez Por quê? _____ _____
2 - Você achou importante/interessante fazer este tipo de leitura na escola? () sim () não () talvez
3 - Os contos lidos foram difíceis de ser compreendidos? () sim () não () alguns
4 - Se a sua resposta foi “sim” ou “alguns”, explique o motivo. _____ _____
5 - Você recomendaria a alguém a leitura desses contos? () sim () não () alguns Por quê?

6 - Você acha importante conhecer os modos de falar(linguagem) a cultura da qual você pertence por meio dos contos? () sim () não () talvez
7 - Agora que você conhece alguns contos populares você introduziria essa leitura de forma rotineira na sua vida? () sim () não () talvez
8 - Você compartilhou com alguém os contos lidos por você em sala de aula? () sim () não
9 - Com qual (ou quais) conto(s) você mais se identificou? Por quê? _____ _____ _____
10 - Essas histórias foram apresentadas na escola. Você já conhecia alguma delas? () sim () não
11 - Caso a professora não tivesse apresentado esses contos você os leria por conta própria? () sim () não

ANEXOS

ANEXO A - CORDEL APRESENTADO EM AGOSTO/2019 - PROJETO CESTA DE ARTE

O LENDÁRIO CASCUDO

Venho aqui apresentar
Nas linhas desse cordel
Um grande pesquisador
Folclorista e bacharel
É o Câmara cascudo
Filho de um coronel

Nascido e criado
Na cidade de natal
O menino tão sonhado
Não nasceu em hospital
Foi chegando e respirando
A cultura nacional

Cascudinho, filho único.
Não se deixou abater
Mesmo sem ter companhia
Para brincar e correr
Decidiu que ser feliz
Era ter o que fazer

Ocupava o seu tempo
Com muita imaginação
Crescia e aprendia
No meio do seu povão
Foi assim que se tornou
O melhor dessa nação.
Cascudo valorizava

Do vaqueiro ao cantador
As lavadeiras de roupas
Histórias de pescador
Da cultura popular
Se tornou um professor

Desbravando o lugar
Começou pelo sertão
Mapeamento dos mitos
Região por região
As crendices populares
Toda manifestação
Esse seu conhecimento
Decidiu compartilhar
Registrado ele deixou
Os costumes do lugar
Pesquisou e publicou
A tradição popular

Apesar de ocupado
Dedicado a estudar
Ele encontrou Dália
Por quem foi se apaixonar
E no auge da paixão
Ele decidiu casar

Um menino e uma menina
Foram frutos desse amor
Anna Maria e Fernando
Filhos desse escritor
Trouxe mais felicidade
Ao Cascudo sonhador
O folclore brasileiro
Rico diversificado

Tem o Câmara cascudo
Como grande aliado
Pois ele contribuiu
Mostrando tudo que viu
E deixando seu legado.

Aldineide Sales

ANEXO B – REGISTRO FOTOGRÁFICO DO EVENTO EM PRAÇA PÚBLICA DE
PENDÊNCIAS/RN (ATO QUE PROPORCIONOU VISIBILIDADE AO PROJETO DE
MESTRADO E GEROU IMPACTO SOCIAL – APRESENTADO EM AGOSTO/2019)



Fonte: Anailsa Barros (mãe de aluno).

ANEXO C - REGISTROS FOTOGRÁFICOS DA SEGUNDA APRESENTAÇÃO NO MÊS
DE DEZEMBRO DE 2019. APRESENTAÇÃO NO PROJETO CESTA DE ARTE
(EVENTO OCORRIDO EM PRAÇA PÚBLICA DA CIDADE DE PENDÊNCIAS/RN).
CONTO: O COMPADRE DA MORTE (1ª APRESENTAÇÃO)



Fonte: Autora do trabalho (2019).



Fonte: Autora do trabalho (2019).



Fonte: Autora do trabalho (2019).



Fonte: Autora do trabalho (2019).



Fonte: Autora do trabalho (2019).

Conto Festa no céu (2ª apresentação da noite-dez/2019)



Fonte: Patrícia Silva (2019).



Fonte: Patrícia Silva (2019).

ANEXO D - SESSÃO DE AUTÓGRAFO DO PERSONAGEM SAPO (segunda-feira, pós-apresentação)



Fonte: Autora do trabalho (2019).

ANEXO E - TEXTOS DAS OFICINAS LITERÁRIAS

1. Maria Gomes

Um homem viúvo tinha tantos filhos que não os podia alimentar nem vestir convenientemente. Quase sempre, na hora das refeições, uma das Crianças ficavam com fome. O pai lastimava-se de sua miséria e, na falta de outro auxílio, deliberou abandonar um dos filhos na floresta. Tirou a sorte e recaiu na filhinha Maria que era muito inteligente, bonita e trabalhadeira.

O homem levou a mocinha para a floresta e a deixou debaixo de uns pés de Araçá, recomendando que se orientasse pelas pancadas do Machado com que ele ia derrubar uma árvore para tirar uns favos de mel de abelhas.

Maria ficou, ficou, ficou. As horas passavam e o dia estava escurecendo quando ela ouviu umas pancadas. Procurou caminhar na direção do som e encontrou apenas o cabaço amarrado a um galho. O vento é que o fazia bater e provocava barulho.

Vendo-se perdida, Maria andou, andou, andou e ao anoitecer, subiu a uma árvore e de lá avistou o telhado de uma casa. Desceu e caminhou até deparar um casarão muito velho quase em ruínas, num descampado que metia medo aos mais corajosos.

Muito cansada e faminta, Maria rodeou a casa, entrou por uma porta larga e viu que as paredes estavam cheias de instrumentos de músicas e havia uma rede armada a um canto. A moça segurou um violino e tocou, tocou, tocou. De repente apareceu uma mesa coberta de iguarias fumegantes e apetitosas.

Uma voz misteriosa disse:

- Maria Gomes? O jantar está na mesa!

Maria juntou à vontade. Quando acabou, a voz se ouviu:

- Maria Gomes, seu quarto é o último, no corredor!

A moça encontrou um quarto preparado de tudo, muito confortável, com roupas para mudar e objetos de uso. Deitou-se e dormiu tranquilamente.

Passaram-se muitas semanas. A moça tocava música durante o dia e arranjava a casa, limpando-a. Não via pessoa alguma. Apenas a voz misteriosa dirigia o serviço.

Numa noite, a voz informou:

- Maria Gomes? Seu pai está doente. Quer ir vê-lo?

- Quero! - disse Maria Gomes.

A voz continuou:

- Amanhã pela manhã estará um cavalo branco selado esperando a porta. Dentro daquela gaveta há muito dinheiro. Leve quanto desejar para sua família. Tenha todo cuidado em obedecer a duas condições: primeira é não dizer onde e como está vivendo. A segunda é atender aos rinchos do cavalo. Quando ele der o primeiro rincho, despeça-se de todos. Ouvindo o segundo esteja no meio caminho e ao terceiro meta o pé no estribo. Se perder o cavalo nada mais posso fazer. Não esqueça.

No outro dia tudo sucedeu como a voz ensinara. Maria encontrou o cavalo, com silhão, montou-o e num minuto estava em casa do pai. O velho melhorou logo que a viu e recebeu muito dinheiro, ficando todos satisfeitos com a visita da moça que julgavam morta e devorada pelas feras da mata.

No meio da conversa, Maria ouviu os relinchos do cavalo branco. Imediatamente abraçou o pai, os irmãos e as irmãs, recusando todos os oferecimentos, e correu para a estrada. Nada dissera de sua vida, embora fosse muito interrogada. Ao segundo rincho do cavalo, a moça estava bem perto do cavalo e, mal este deu o terceiro sinal, Maria meteu o pé no estribo e foi transportada velozmente para o casarão misterioso no meio da floresta.

Assim outros tempos correram. Duas vezes Maria Gomes visitou seu pai. Na última ocasião o velho, já bem alquebrado pela idade e pela doença, faleceu. Maria chorou muito agarrada a seus irmãos. Soluçava tão alto que não ouviu o relincho do cavalo branco. Percebendo o segundo correu como uma bala, mas o terceiro relincho não alcançou em ponto de montar. O cavalo partiu e Maria Gomes continuou a correr atrás do cavalo gritando, chamando e chorando. Já estava exausta quando o animal voltou, coberto de espumas e se deteve esperando que ela o montasse.

- Se você não corresse atrás de mim eu voltaria para matá-la a força de coices, - disse o cavalo encantado.

No outro dia a voz explicou:

- Maria Gomes? Você já tem me servido muito. Agora eu devo ajudar você a completar a minha sina. Vista-se de homem e monte o cavalo branco o qual nunca mais se separe e ouça todos os conselhos que lelé lhe der. Será para sua e a minha felicidade.

A voz emudeceu. Maria dormiu. Pela manhã vestiu-se de homem encheu os bolsos de dinheiro, montou o cavalo branco e galopou até um reinado próximo.

Aí procurou empregar-se e, sendo robusto, bem feito e simpático, falando com desembaraço, encontrou o lugar de jardineiro no palácio do Rei.

O príncipe vinha todas as manhãs olhar as flores e conversar com o jardineiro com quem acabou sendo amigo íntimo. Sem saber por que ia-se apaixonando pelo rapaz. Os olhos do jardineiro pareciam duas joias. O príncipe dizia a velha rainha

Minha mãe do coração,
Os olhos de Gomes matam
De mulher sim, d'homem não!

A rainha-velha dissuadia o filho dessa impressão, mas o príncipe teimava, teimava, teimava cada vez mais inseparável de Gomes.

Maria Gomes colocara o cavalo numa manjedoura vizinha ao seu quarto e não saía sem ele. Nunca montou noutro animal apesar dos oferecimentos do príncipe.

Este vivia repetindo que os olhos de Gomes eram de mulher. A rainha velha o aconselhou:

- Leve Gomes para uma caçada. Na hora de dormir as minhas redes debaixo do jasmineiro grande que é encantado. As flores caem em cima das mulheres e as folhas em cima dos homens. Pela manhã, bote reparo onde ficaram as flores.

O Príncipe foi com Gomes caçar armaram as redes, pela tardinha, debaixo do jasmineiro o príncipe adormeceu e logo e Gomes depois. A flores caiu na rede de Maria e as folhas em cima do príncipe. O cavalo branco estava perto aproximou-se, relinchou e as flores caíram no príncipe e as folhas em Gomes.

Pela manhã o príncipe estava que parecia uma noiva ou um anjo, todo vestidinho de jasmins. Ficou decepcionado e voltou ao palácio sem saber da Verdade

A rainha velha deu outra orientação:

- Leve Gomes para um banho no rio. O jeito é você ficar sabendo...

Foram os dois. O príncipe caiu logo n'água e Gomes começou a despir-se lentamente, conforme o cavalo lhe disseram. Quando ficou apenas com a camisa, o cavalo começou a pular, a piafar, atirando patadas e desembestou pelo campo, obrigando Gomes e o Príncipe, este nu em pelos, a correrem para aquietá-lo. Quando o conseguiram, Gomes estava molhado de suor e o príncipe cansadíssimo.

A velha-rainha escolheu outro caminho.

- Convide ela para almoçar no palácio. Se for mulher sentar-se-á em cadeira baixa e esperar a que a sopa esfria

O príncipe convidou Gomes e esta foi ouvir o cavalo ele explicou tudo. No almoço, como escolher uma cadeira alta e tomou a sopa bem quente.

A rainha velha não desanimou-se:

- Quando estiverem conversando, em roda, sacuda uma laranja para ele. Se for mulher habituada com saia abrirá as pernas para ter melhor espaço e melhor aparar a fruta. Se for homem, juntará as pernas.

O cavalo, que adivinhava, avisou a Gomes. Sacudiram a laranja e Gomes apertou as pernas.

A rainha velha falou ainda:

- Só resta uma forma. Durma uma noite no mesmo quarto.

O príncipe convidou Gomes para um trabalho no palácio e o prolongou tanto que o falso rapaz foi obrigado a ficar para dormir nos aposentos do amigo. O príncipe esperou que Gomes adormecesse mas a moça resistiu a noite toda a noite. Assim ainda a segunda, mas na terceira não podendo com as pálpebras, dormiu. O príncipe passou a mão pelo busto do amigo e encontrou a saliência dos seios.

- Eu bem que sabia que você era mulher e não homem. Como estou apaixonado, prepare-se para casar comigo.

Pela manhã Maria Gomes foi onde estava o cavalo e contou tudo.

- Sei perfeitamente. Já chegou meu tempo de liberdade. Daqui alguns dias é 13 de Junho, dia de Santo Antônio, meu padrinho. Pede ao Rei velho que marque umas cavalhadas para esse dia, convidando todo mundo. Eu comparecerei e te levarei comigo porque teu noivo sou eu!

Maria Gomes ficou radiante e foi pedir ao Rei velho que anunciasse umas cavalhadas, com jogos de argolinhas, para o dia de Santo Antônio. O rei velho que era muito influído para essas festas, convidou toda a gente e preparou o terreiro enorme, com arquibancadas para os fidalgos e famílias assistirem.

No dia de Santo Antônio O terreiro ficou negrejando de gente. Cavaleiros sem conta compareceram, vestido luxuosamente. Logo ao começar a justa surgiu um cavaleiro desconhecido, coberto de prata, magnificamente montado e correu argolinhas com todos os outros vencendo-os facilmente. Trouxe todos os adversários e pôs as argolinhas no colo do Rei muito lisonjeado.

O príncipe achou o cavaleiro muito antipático e não aplaudiu.

No segundo dia, o cavaleiro voltou, vestindo roupa de ouro e venceu a todos, entregando as argolinhas à rainha velha.

No último dia o cavaleiro, vestindo diamantes, derrotou todos os adversários e pôs as argolinhas no colo do príncipe, que virou o rosto para não fazer a vênica de agradecimento.

Nesse momento o cavaleiro atirou uma fita azul em Maria Gomes. Esta segurou uma ponta com bico do pé e a outra com os lábios, fechando os olhos como lhe dissera o cavalo, dias antes. Instantaneamente encontrou-se na garupa do cavalo que o cavaleiro montava.

Rei, rainha, príncipe, povo todos correram para aprender o raptor, mas ninguém viu senão a poeira.

O Cavaleiro galopou até o casarão velho. Parou e desceu Maria Gomes. Assim que esta pisou no chão, ouviu-se um estrondo e o casarão transformou-se num lindo palácio, resplandecente de luzes e cheio de criados, fidalgos e camareiros. Maria Gomes casou-se com cavaleiro que era o cavalo Encantado e foram felizes como Deus e os anjos.

Luísa Freire

Ceará-Mirim, Rio G. do Norte

2. Quirino, vaqueiro do Rei

Era uma vez o rei que possuía muitas fazendas de gado entregues à Vaqueiros de confiança. Uma das melhores propriedades era confiada ao negro Quirino, que tinha fama de não mentir. O rei vivia gabando o vaqueiro, apontando como modelo de veracidade. Essa opinião despertava a inveja entre os fidalgos e um deles, rico e poderoso, resolveu acabar com a celebridade moral de Quirino vaqueiro do Rei.

Na fazenda de que Quirino se encarregava, o orgulho do rei era um boi Barroso, bonito como não havia nenhum outro. Cada ano que o vaqueiro ia até a casa do rei prestar contas.

Chegava, riscando o cavalo e dizia por assim:

-Pronto meu amo! Aqui está Quirino, vaqueiro do rei!

O rei perguntava:

- Como vai, Quirino?

- Com a graça de Deus e o favor do meu amo!

- A obrigação?

- Em paz e a salvamento.

- As vacas?

- Umas gordas e outras magras.

- O boi barroso?

- Vai forte, valente e mimoso

O fidalgo disse ao rei que Quirino era capaz de mentir. O rei repeliu a ideia.

- Vamos apostar, Majestade?

- Pois vamos! Dez fazendas de gado, cem touros escavadores e duzentas vacas leiteiras com os chifres dourados?

- Está apostado!

O fidalgo tem uma filha muito bonita, chamada Rosa. Chamou a moça e contou aposta. Por dinheiro Quirino não peca. Com ameaça, Quirino não peca. Abaixo de Deus, a mulher pode com tudo que tem fôlego.

Rosa se vestiu como uma mulher do povo e foi até a fazenda onde estava o boi Barroso. Encontrou Quirino e conversou com ele, fazendo tanto trejeito, dando tanta volta no corpo que o vaqueiro ficou alvoroçado e se apaixonou por ela.

Ficaram muitos meses vivendo juntos, andando para lá e para cá, no serviço do campo. Numa manhã Rosa disse:

- Quirino, você gosta de mim?

- Como demais...

- Quer bem ao seu filhinho que vai nascer?

- Mais que a luz do dia!

- Pois se não quiser que seu filho morra, mate o boi barroso que eu quero comer o fígado bem assadinho ...

Quirino ficou assombrado, mas obedeceu. Matou o boi barroso e a mulher comeu o fígado assado.

Dias depois era tempo de o vaqueiro ir até a presença do rei. Rosa mandou dizer ao pai que o boi barroso fora morto.

Quirino vestiu a vestia de couro, perneiras, gibão guarda-peito, calçou o guante, pôs o chapéu na cabeça, passou barbicacho, montou o cavalo de confiança e galopou para casa do Rei.

Foi viajando e pensando. Finalmente avistou Palácio e parou o cavalo. Que ia dizer ao rei? Era melhor preparar a conversa. Deu de rédeas, andou uns passos, riscou o cavalo e disse:

Chego e digo assim. Pronto senhor, meu amo! Aqui está Quirino vaqueiro do rei. Ele diz: - como vai, Quirino? Eu respondo: “Com a graça de Deus e o favor do meu amo” “A obrigação”? “Em paz e salvamento”. “As vacas”? “Umas gordas e outras magras”. “E o boi Barroso? Eu faço que estou triste e digo:- Saiba el-rei meu senhor que o boi Barroso saltou um serrote e quebrou o pescoço ...”

Interrompendo-se falava alto, indignado:

- Isto não é palavra de Quirino, vaqueiro do Rei!

- Posso dizer que o boi barroso ia passando no açude e se afogou. Só pude salvar o couro.

- Isso não é palavra de Quirino, vaqueiro do Rei!

E, chega-não-chega no pátio do palácio do rei. Quirino resolveu a questão. Pulou do cavalo, amarrou-o, subiu as escadas, pediu para falar ao rei. Entrou na sala e o rei estava com o dito fidalgo que fizera a aposta, todo satisfeito, certo de ganhar

- Pronto, meu amo!

- Como vai, Quirino?

- Com a graça de Deus e o favor do meu amo!

- A obrigação?

- Em paz e a salvamento.

- As vacas?

- Umas gordas e outras magras.

- O boi barroso?

- Saiba senhor meu amo que o bi barroso deu o fígado para meu filhinho não morrer.

- Que história é essa, Quirino?

- Assim é que fala Quirino, o vaqueiro do rei.

O fidalgo ficou preto de vergonha. O rei findou dizendo:

- Quirino, vaqueiro do rei, o que eu ganhei na aposta com esse amigo é o dote para casares com mãe do teu filhinho...

O que eu estava feito, estava feito. Quirino casou-se om Rosa e foram felizes como Deus e os anjos.

João Monteiro

Natal, Rio G. do Norte.

3. A raposa e o canção

Passará a noite chovendo e o canção todo molhado sem poder voar estava triste mente pousado à beira de uma estrada. Veio a Raposa e levou na boca para os filhinhos. Mas o caminho era longo e o sol ardente. Mestre canção enxugou e começou a cuidar do meio de escapar a raposa passam perto de um povoado uns meninos que brincavam começaram a dirigir desaforos a astuciosa caçadora. Vai o cão e fala:

- Comadre raposa, Isto é um desaforo! eu se fosse você não aguentava! Passava uma descompostura! ...

A raposa abre a boca num impropério terrível contra a criançada. o cão voa, pousa triunfantemente num galho e ajuda a vaiá-la.

Colhido no Ceará, Gustavo Barroso

4. O gato e a raposa

O gato e a Raposa e um por um caminho conversando. Contaram muita prosa, muita proeza e afinal de contas falaram no cachorro que era inimigo de ambos. Aí disse a raposa;

- Qual o quê! eu lá tenho medo de cachorro, nada? Para me livrar dele eu tenho mil expedientes.

- Pois eu só tenho um-disse o gato.

Nisso apareceu ao longe o cachorro que vinha danado farejando a raposa. O gato pulou no pé de árvore e ficou lá em cima, bem de seu, dizendo a raposa:

- O meu é este.

A raposa, coitada. Meteu o pé no mundo. Virou, mexeu, foi, veio, entrou num buraco saiu de buraco, escondeu-se ali, fez mil remondiolas, até que, já morta de cansaço, o cachorro pulou-lhe no cachaço e estraçalhou-a.

João da Silva Campos. Contos e fábulas Populares da Bahia, XV, P. 194. “O Folk-lore no Brasil”. Basílio de Magalhães, Rio, 1928.

5. A raposa e o timbu

A raposa convidou o Timbu para visitar em um galinheiro bem provido. A raposa iria as galinhas e o timbu aos ovos e pintos. Entraram por um buraco que mal permite a passagem. Comeram a fartar. A raposa, prudente, apenas satisfez o apetite. O Timbu voraz, empanturrrou-se, ficando com a barriga inchada. De súbito ouviram os passos do dono da casa. A raposa passou como um raio pelo buraco e sumiu-se no mato. O timbu meteu se tentar, mas ficou engalhado pelo meio do corpo, ganindo como um desesperado. O homem chegou, viu estrago e disparou a espingarda no timbu, que morreu por ser curioso

João Monteiro
Natal, Rio G. do Norte.

6. Adivinha, adivinhão!

Era uma vez um homem muito sabido, mas infeliz nos negócios. Já estava ficando velho e continuava pobre como Jó. Pensou muito em melhorar sua vida e resolveu sair pelo mundo dizendo-se adivinhão. Dito e feito. Arrumou uma trouxa com a roupa e largou-se. Depois de muito andar, chegou ao palácio de um rei e pediu licença para dormir. Quando estava ceando, o rei lhe disse que o palácio estava cheio de ladrões astuciosos. Vai o homem e se oferece para descobrir tudo, ficando um mês naquela beleza. O rei aceitou. No outro dia o homem passou do bom e do melhor e não descobriu coisa nenhuma. Na hora de cear, quando o criado trazia o café, o adivinho exclamou, referindo-se ao dia que passara:

- Um está visto!

O criado ficou branco de medo, porque era justamente um dos larápios. No dia seguinte veio outro criado, ao anoitecer, e o adivinhão repetiu:

- O segundo está aqui!

O criado, também gatuno, empalideceu e atirou-se de joelhos, confessando tudo e dando o nome do terceiro cúmplice. Foram presos, e o rei ficou satisfeito com as habilidades do adivinho.

Dias depois roubaram a coroa do rei, e este prometeu uma riqueza a quem adivinhasse o ladrão. O adivinho reuniu todos os criados numa sala e cobriu um galo com uma toalha. Depois explicou que todos deviam passar a mão nas costas do galo. O ladrão seria denunciado pelo canto do galo. Todos os criados passaram a mão. O adivinho cada vez alguém ia meter o braço debaixo da toalha, fazia umas piruetas e dizia alto:

Adivinha adivinhão,

A mão do ladrão!

Todos acabaram de fazer o serviço, e o adivinho mandou que mostrassem a palma da mão. Dois homens estavam com as mãos limpas, e os demais, sujos de fuligem.

- Prendam estes dois que são ladrões da coroa!

Os homens foram presos e eram eles mesmos. A coroa foi achada. O adivinho explicou a manobra. O galo estava coberto de tisna, de panela, emporcalhando a mão de quem lhe tocasse nas costas. Os dois ladrões não quiseram arriscar a sorte, e por isso fingiram apenas o que faziam, ficando com as mãos limpas.

O rei deu muito dinheiro ao adivinhão, e este voltou rico para sua terra.

Benvenuta de Araújo
Natal, Rio G. do Norte

7. Os rins da ovelha

Quando Nosso Senhor andava no mundo, ia, de uma feita, com São Pedro e São João, comer uma ovelha que recebera de presente. S. Pedro encarregou-se de assar, mas, ao tratar, provou os rins e achou-os tão gostosos que os comeu. Na hora do almoço, Nosso Senhor pediu os rins e São Pedro procurou, procurou, e acabou dizendo;

- Esta ovelha não tem rins!
- Não pode ser, Pedro. Todos os animais têm rins!
- Eu sei, mas essa ovelha não os tinha.

Por mais que Nosso Senhor perguntasse, S. Pedro teimou em dizer que a ovelha não tinha rins. Nosso Senhor não quis discutir e seguiram viagem.

Lá adiante encontraram um rio e não havia ponte. Nosso Senhor meteu o pé em cima d'água e saiu como se pisasse em terra firme. São João fez o mesmo. São Pedro deu os primeiros passos, mas foi-se afundando. Começou a gritar:

- Acode-me, senhor!

Nosso Senhor dizia:

- Quem comeu os rins da ovelha?
- Sei lá quem os comeu! A ovelha não os tinha! E ia afundando, afundando. Nosso Senhor puxou-o pelos cabelos e continuaram viagem.

Depois, iam atravessando um tabuleiro comprido quando apareceu fogo por todos os lados. Estavam queimando para fundar os roçados e a queima pegara no pasto. As lavaredas foram subindo e cercando os três homens. Nosso Senhor foi com o mesmo passo, pelo meio do fogo. S. João acompanhou-o. S. Pedro foi-se queimando todo e gritou:

- Senhor, acode-me!
- Quem comeu os rins da ovelha?
- Sei lá? A ovelha não os tinha!

Nosso Senhor, vendo que S. Pedro ficava estorricado, afastou o fogo e seguiram caminho.

Pela tarde, deram numa casa rica onde o filho único estava morrendo, cercado de médicos. Nosso Senhor aproximou-se do doente, abençoou-o e ele levantou, bonzinho de saúde.

O fazendeiro, morrendo de alegria, deu um saco cheio de moedas de ouro a Nosso Senhor.

Depois da ceia, Nosso Senhor botou as moedas em cima da mesa e dividiu o dinheiro em quatro lotes.

- Para que dividistes o dinheiro em quatro partes? Somos três! – perguntava S. Pedro.

- Não se agonie, respondeu Nosso Senhor – uma parte é minha, outra de João, a terceira é tua e a quarta é de quem comeu os rins da ovelha.

- Fui eu, Senhor, fui eu! – gritou S. Pedro.

E ficou com as duas partes.

O homem resiste mais à água e ao fogo do que ao dinheiro. O que o dinheiro não arrumar, não tem mais arrumação.

João Monteiro
Natal, Rio G. do Norte.

8. A festa no céu

Entre todas as aves espalhou-se a notícia de uma festa no Céu. Todas as aves compareceriam e começaram a fazer invejas aos animais e a outros bichos da terra incapazes de voo.

Imaginem quem foi dizer que ia à festa também. O sapo! Logo ele, pesado e nem sabendo dar uma carreira, seria capaz de aparecer naquelas alturas. Pois o sapo disse que tinha sido convidado e que ia sem dúvida nenhuma. Os bichos só faltaram morrer de rir. Os pássaros então, nem se fala.

O sapo tinha um plano. Na véspera, procurou o urubu e deu uma boa prosa, divertindo muito o dono da casa. Depois disse:

- Bem, camarada urubu, quem é coxo parte cedo e eu vou indo porque o caminho é comprido.

O urubu respondeu:

- Você vai mesmo?

- Se vou? Até lá!

Em vez de sair o sapo deu uma volta, entrou na camarinha do urubu e, vendo a viola, em cima da cama, meteu-se dentro, encolhendo-se todo.

O urubu mais tarde, mais tarde, pegou na viola, amarrou-a a tiracolo e bateu asas para o céu rru-rru-rru ...

Chegando ao céu o urubu arriou a viola num canto e foi procurar as outras aves. O sapo botou um olho de fora e vendo que estava sozinho, deu um pulo e ganhou a rua, todo satisfeito.

Nem queiram saber o espanto que as aves tiveram vendo o sapo pulando no céu! Perguntaram, perguntaram, mas o sapo só fazia conversa mole. A festa começou e o sapo tomou parte da grande. Pela madrugada, sabendo que só podia voltar do mesmo jeito da vinda, mestre sapo foi se esgueirando e correu para onde o urubu havia se hospedado. Procurou a viola e se acomodou como da outra feita.

O sol saindo, acabou-se a festa e os convidados foram voando, cada um no seu destino. O urubu agarrou a viola e tocou para a terra, rru-rrru-rru ...

Ia pelo meio do caminho quando, numa curva, o sapo mexeu-se e o urubu espiando para dentro do instrumento viu o bicho lá no escuro, todo curvado feito uma bola.

-Ah, camarada sapo! É assim que você vai á festa no céu? Deixe de ser confiado...

E naquelas lonjuras emborcou a viola. O sapo despencou-se para baixo que vinha zunindo. E dizia, na queda:

Béu-Béu!

Se eu desta escapar

Nunca mais bodas no céu.

E vendo as serras lá embaixo:

- Arreda pedras, senão eu te rebento!

Bateu em cima das pedras como um jenipapo, espapaçando-se todo. Ficou em pedaços. Nossa Senhora, com pena do sapo, juntou todos os pedaços e o sapo enviveceu de novo.

Por isso o sapo tem o couro todo cheio de remendos.

Ana da Câmara Cascudo

Natal, Rio G. do Norte

9. O afilhado do diabo

Um velho tinha tantos filhos e era tão pobre que já não sabia mais a quem convidar para ser padrinho de seus rebentos. Quando nasceu o mais novo ficou atrapalhado. Estava pensando no caso, quando viu um homem muito bem vestido, montado num cavalo bonito, que parou e o salvou. O velho perguntou se ele queria ser padrinho de seu filhinho mais novo. O homem aceitou e deu uma bolsa cheia de ouro, indo embora logo. Todos os anos o desconhecido voltava para ver o afilhado e o compadre recebia uma bolsa de ouro. Estava rico e vivia muito tranquilamente quando o padrinho apareceu e disse que vinha buscar o menino para educá-lo. O velho não queria, mas o homem tanto insistiu que ele acabou cedendo e o menino lá se foi, na lua-da-sela do padrinho.

O padrinho morava numas serras altas e sem gente, num casarão enorme, cheio de quartos e salas. O menino tinha do bom e do melhor, muitos livros e aprendia tudo depressa, ficando instruído por demais. O padrinho tratava-o bem, mas era carrancudo, mas era carrancudo e de poucas falas, viajando sempre. Raramente estava em casa.

O menino examinando a casa encontrou numa estante, um livro grande que ensinava todas as sabedorias e mágicas. Por elas ficou sabendo que seu padrinho era o próprio Diabo. Nas escondidas do padrinho estudou as sabedorias e mágicas, ficando dia a dia preparado como um verdadeiro mágico. Quando achou que estava no ponto de lutar contra ele, fugiu de casa. O Diabo teve notícia e veio como um raio para pegá-lo. O rapaz já estava em casa e o Diabo não podia agarrá-lo à força.

Dias depois o rapaz disse ao pai que podia arranjar ainda mais dinheiro. Ia-se virar num cavalo que o velho deveria montar e ir passear nas ruas. Vendesse por muito bom dinheiro, mas não entregasse o animal com freio, senão não se desencantava mais. O velho prometeu tudo mas não resistiu aos oferecimentos de tanto dinheiro e vendeu o cavalo, esquecendo-se de tirar o freio.

O Diabo que era o comprador, passou três dias e três noites correndo em cima do afilhado, virado em cavalo, cortando-o de chibata e esporas. Chegou finalmente a uma casa para servir-se do jantar que lhe era insistentemente oferecido. Recomendou que dessem água ao animal, mas sem lhe retirar o freio. O criado vendo que o cavalo não queria e não podia beber água do rio com o freio no focinho, tirou-o. Logo o cavalo voltou a ser gente o rapaz disse: ai de mim, uma piaba! E tornou-se uma piaba, mergulhando no rio e desaparecendo.

O criado correu para o amo e contou o que se passava. O Diabo veio à toda e, sabendo onde a piaba sumira, gritou: ai de mim, uma traíra! E caiu n'água, virando traíra e correndo

atrás do afilhado. Este vendo que o padrinho o alcançava, veio para a tona e disse: ai de mim, uma rolinha! E saiu voando. O Diabo, por sua vez: ai de mim, um gavião! E botou-se no rastro da rolinha.

A princesa estava na varanda do palácio quando a rolinha a avistou e foi logo dizendo: ai de mim, anel no dedo daquela moça! E ficou anel no dedo da moça, a quem disse: Vai aparecer aqui homem rico querendo comprar este anel. Diga a seu pai que venda bem caro e não dê na mão dele. Rebole o anel no chão!

A moça assim fez. O homem rico chegou e ofereceu uma fortuna pelo anel. O rei aceitou, mas a princesa tirou o anel jogou-o no chão. O anel disse: ai de mim, cinco caroço de milho! Aparecera cinco caroços de milho. O homem gritou: ai de mim, um galo! E virou galo que pulou em cima, bicando com vontade. A moça, compreendeu tudo, pôs o pé em cima do caroço e, assim que o galo acabou de comer o milho, pensando que tinha acabado, a moça sentiu o caroço inchado debaixo da palma do pé, tirou-o de cima e o grão de milho disse: ai de mim, uma raposa! Apareceu uma raposa que imediatamente comeu o galo num bocado.

A raposa desencantou-se no rapaz que casou com a princesa e nunca mais quis saber das sabedorias e mágicas que aprendera com o livro do Diabo.

Clotilde Caridade Gomes.

Natal, Rio G. do Norte

10. Frei João sem cuidados

Frei João era um frade muito caridoso e simples e que não se envolvia com os negócios dos outros nem se preocupava com assuntos alheios à sua pessoa. Como dava muitas esmolas era estimado por toda gente que o chamava Frei João sem Cuidados.

Ora uma vez o Rei passou pela terra em que morava Frei João e sabendo da tranquilidade em que vivia o frade mandou um criado dizer a ele que no outro dia viesse procurá-lo para responder a três perguntas:

- Onde é o meio do mundo?
- Quanto pesa a lua?
- Em que pensa o rei?

O frade ficou desesperado sem atinar com a explicação e passou a noite estudando e chorando. Pela manhã um pastor que trabalhava para ele veio vê-lo e sabendo do caso

ofereceu-se para substituí-lo junto ao rei. Frei João aceitou e o pastor, vestido de frade, foi onde estava o rei nas horas combinadas. O rei, cercado de seus amigos perguntou:

- Onde é o meio do mundo?
- O meio do mundo fica onde está meu rei senhor.
- Por quê?
- O mundo sendo redondo qualquer lugar é o meio!
- Bem respondido. Quanto pesa a lua?
- Pesa uma libra porque se divide em quatro quartos!
- Respondeu bem. Em que estou pensando?
- Rei meu senhor está pensando que eu sou frei João sem Cuidados e sou apenas o seu pastor!

O rei achou muita graça no desembaraço do pastor, recompensou-o e deixou Frei João sem Cuidados em paz.

Francisco Cascudo
Natal, Rio G. do Norte

11. As testemunhas de Valdivino

Dizem que um homem chamado Valdivino atravessava uma mata, quando foi assaltado por dois ladrões que lhe tomaram todo dinheiro que conduzia. Depois, resolveram matá-lo para que o roubo ficasse impune. Debalde, rogou o assaltado que poupassem sua vida, mas os ladrões riam. Valdivino, erguendo o olhar, viu duas garças que passavam voando. Disse então:

- Garças, sede as testemunhas de Valdivino!

Os bandidos assassinaram Valdivino e o enterraram.

Anos depois, estavam os dois ladrões conversando numa roda de amigos em cidade próxima. Era pela tarde e duas garças voavam. Um deles, distraidamente, exclamou:

- Lá vão as testemunhas do Valdivino!

Os amigos que sabiam do desaparecimento de Valdivino cercaram os dois ladrões de perguntas e eles acabaram confessando o crime. Foram presos e condenados.

Ana da Câmara Cascudo
Natal, Rio G. do Norte

12.O macacão perdeu a banana

O macaco estava comendo uma banana num galho de pau quando a fruta lhe escorregou da mão e caiu num oco de árvore. O macaco desceu e pediu que o pau lhe desse a banana:

- Pau me dá a banana!

O pé de pau nem-como-cousa. O macaco foi ter com o ferreiro e pediu que viesse com o machado cortar o pau.

- Ferreiro, traga o machado para cortar o pau que ficou com a banana!

O ferreiro nem se importou. O macaco procurou o soldado a quem pediu que prendesse o ferreiro. O soldado não quis. O macaco foi ao rei para mandar o soldado prender o ferreiro para este ir com o machado cortar o pau que tinha a banana. O rei não prestou atenção. O macaco apelou para a rainha. A rainha não o ouviu. O macaco foi ao rato para roer a roupa da rainha. O rato recusou. O macaco recorreu ao gato para comer o rato. O rato nem ligou. O macaco foi ao cachorro para morder o gato. O cachorro recusou. O macaco procurou a onça para comer o cachorro. A onça não esteve pelos autos. O macaco foi ao caçador para matar a onça. O caçador se negou. O macaco foi até a Morte.

A Morte ficou com pena do macaco e ameaçou o caçador, este procurou a onça, que perseguiu o cachorro, que seguiu o gato, que correu o rato, que quis roer a roupa da rainha, que mandou o rei, que ordenou ao soldado que quis prender o ferreiro, que cortou com o machado o pau onde o macaco tirou a banana e comeu.

Benvenuta de Araújo
Natal, Rio G. do Norte

13.O compadre da Morte

Diz que era uma vez um homem que tinha tantos filhos que não achava mais quem fosse seu compadre. Nascendo mais um filhinho, saiu para procurar quem o apadrinhasse e depois de muito andar encontrou a Morte a quem convidou. A Morte aceitou e foi a madrinha da criança. Quando acabou o batizado voltaram para casa e a madrinha disse ao compadre:

- Compadre! Quero fazer um presente ao meu afilhado e penso que é melhor enriquecer o pai. Você vai ser médico de hoje em diante e nunca errará no que disser. Quando

for visitar um doente me verá sempre. Se eu estiver na cabeceira do enfermo, receite até água pura que ele ficará bom. Se eu estiver nos pés, não faça nada porque é um caso perdido.

O homem assim fez. Botou aviso que era médico e ficou rico do dia para a noite porque não errava. Olhava o doente e ia logo dizendo:

- Este escapa!

Ou então:

- Tratem do caixão dele!

Quem ele tratava, ficava bom. O homem nadava em dinheiro.

Vai um dia adoeceu o filho do rei e este mandou buscar o médico, oferecendo uma riqueza pela vida do príncipe. O homem foi e viu a Morte sentada nos pés da cama. Como não queria perder a fama, resolveu enganar a comadre, e mandou que os criados virassem a cama, os pés passaram para a cabeceira e a cabeceira para os pés. A Morte, muito contrariada, foi-se embora, resmungando.

O médico estava em casa um dia quando apareceu sua comadre e o convidou para visitá-la.

- Eu vou, disse o médico - se você jurar que voltarei!

- Prometo! - disse a Morte.

Levou o homem num relâmpago até sua casa.

Tratou muito bem e mostrou a casa toda. O médico viu um salão cheio-cheio de velas acesas, de todos os tamanhos, uma já se apagando, outras viva, outras esmorecendo. Perguntou o que era:

- É a vida do homem. Cada homem tem uma vela acesa. Quando a vela acaba, o homem morre.

O médico foi perguntando pela vida dos amigos e conhecidos e vendo o estado das vidas. Até que lhe palpitou perguntar pela sua. A Morte mostrou um cotoquinho no fim.

- Virgem Maria! Essa é que é a minha? Então eu estou, morre-não-morre!

A Morte disse:

- Está com horas de vida e por isso eu trouxe você para aqui como amigo, mas você me fez jurar que voltaria e eu vou levá-lo para você morrer em casa.

O médico quando deu acordo de si estava na sua cama rodeado pela família. Chamou a comadre e pediu:

- Comadre, me faça o último favor. Deixe eu rezar um Padre-Nosso. Não me leves antes. Jura?

- Juro -, prometeu a Morte.

O homem começou a rezar o Padre-Nosso que estás no céu... E calou-se. Vai a Morte e diz:

- Vamos, compadre, reze o resto da oração!

- Nem pense nisso, comadre! Você jurou que me dava tempo de rezar o Padre-Nosso, mas eu não expliquei quanto tempo vai durar minha reza. Vai durar anos e anos...

Morte foi-se embora, zangada pela sabedoria do compadre.

Anos e anos depois, o médico, velhinho e engelhado, ia passeando nas suas grandes propriedades quando reparou que os animais tinham furado a cerca e estragado o jardim, cheio de flores. O homem, bem contrariado disse:

- Só queria morrer para não ver uma miséria destas! ...

Não fechou a boca e a Morte bateu em cima, carregando-o. A gente pode enganar a Morte duas vezes, mas na terceira é enganado por ela.

João Monteiro
Natal, Rio G.do Norte

ANEXO F - TEXTOS PRODUZIDOS PELOS ALUNOS A PARTIR DO CONTO O
COMPADRE DA MORTE

Português - 25/12/19

Prosa de Texto

Era uma vez uma moço que decidiu casar com o morto
alívio e a morte

Era uma vez um moço que decidiu casar com a irmã
do morto alívio, um dia ele falou que queria se casar. Para o pai
o pai da mãe, do irmão, o pai dele falou com a mãe
você quer se casar? O alívio disse não. O pai dele
disse um treco de se casar o homem. Para você se casar
no outro dia o alívio disse passando em frente
do cemitério ele viu a morte alívio viu o da
morte e disse você se casar com mim? a morte disse
claro - alívio disse então disse do pai
mim já estou no céu e eu o um o dia a
morte disse do pai vai passando dias e dias
quanto eu sou no dia. O pai de alívio disse você
vai se casar com a morte - alívio disse
vou sim que da morte como por hoje a morte
pode no por do do cemitério alívio o pai
a morte e disse entre por favor a morte entrou
e falou o pai de alívio disse vamos se casar
logo. Eu sou o pai de alívio com você. Alívio
Eu estou aqui - a morte disse para ele

Era uma vez uma linda Princesa chamada
 Lavinha mais a vida dela não era fácil
 Ela não tinha com quem conversar
 Em um belo dia ela estava sozinha em
 seu castelo ai chegou a morte
 Ela foi assim a morte e ela foi encantada
 com a morte a morte disse que estava bonita
 Então ela - lá pra minha casa
 a Princesa disse claro vamos chegar na casa
 a morte disse que ela estava comigo a Princesa
 muito feliz disse sim a morte muito feliz
 disse vamos conversar sim disse Lavinha disse
 Lavinha disse tudo que eu sei a morte disse
 não sei qual destino aqui hoje ai Lavinha
 decidiu e ela viveu muito feliz
 Juntou todos os seus amigos e ela se casou
 mais não se lembra foi na casa da morte
 Por que o rei não sabia da morte
 e a morte falou Matou o rei mais
 Lavinha não disse a morte mata o rei ela
 e depois foi a História

Atividade de Português Produção Textual

Por: [nome]

Antanella é assim mesmo!

Uma vez, uma moça que queria se casar com
o pai dela é Antanella, ela queria se
casar com a morte, porque ela não tinha mais
nada de vida, para morrer, tudo era bom, que
ela morresse um pouco, não tinha nada, um
dia dando mais um final para uma vida.
Ai então ela resolveu morrer com a morte,
mas não foi a morte que ela queria, a morte
ela também tinha medo, não queria, ela
não tinha nada, não tinha nada, não tinha
nada, a Antanella a morte queria de sua mãe,
tudo o que ela queria era morrer, e ela resolveu
morrer, ai então a morte disse: "Antanella,
mas a gente vai ter que trabalhar em um
emprego, não porque temido de trabalhar,
mas, o meu trabalho, não pode mais, não
vai dar para trabalhar, não tem mais nada,
calma porque eu vou dar a vida para
poder viver, ai Antanella, disse: e agora morte
Vou poder me casar ai a morte disse: Vou
dar a vida para trabalhar, ai se quiserem
alguém mais, e ela se casou e viveram
felizes por sempre!

Fim?

Parque - 25/11/2019

Produção Textual

Foi uma vez uma moça que decidiu casar com morte.

O nome da moça era Paula e ela tinha dois filhos. Ela amava muito a morte no cemitério. Quando estava olhando a morte do seu ex-marido quando ela ouviu um barulho e disse:

- quem está aí? disse Paula e a morte disse quem é você? linda jovem?
- disse Paula e disse sou a Paula
- você é? morreu? ou no meu cemitério? disse Paula?

Muito triste Paula

- m-mãe morte, não sei o que é. Uma boneca com barbilho e pauva
- o meu nome é mãe e Paula é Paula?
- falece, que ela pode com meu marido
- disse Paula morte, você pode com meu marido? pode não ah ah meu coração
- e que morreu? filhos lá. E assim depois
- disse a morte minha mulher também vive
- lava, você, morte, que marido pode me
- vá o fim do céu e lá não?



MINECRAFT

Parla Gui - 25-11-2019

Produção textual

Era uma vez uma noiva que decidiu casar com a morte o nome da noiva era Julia e ela teve Brand de filho a igreja a morte conheceu Julia por acaso na praça de frente a igreja do centro e foi falar com ela e ela começou a namorar com ela e ela foi apresentando a namorada dela para mãe a pai de Julia tudo feliz até a sair avó e ela ficou no o mãe dela não era feliz a Sima não e ela foi namorando a Sima não com os outros irmãos e falando não dela namorando com a morte e a morte pediu Julia em casamento e ela não quis depois de muito de casamento e ela e a família dela e todos na igreja foi chegar do o dia do casamento e cada dia eles ficaram mais felizes e tinham muito chegou o dia do casamento e a morte e os convidados já estavam lá na praça a noiva e chegou a hora da noiva entrar na igreja e a noiva na hora de entrar com a noiva noiva e ficaram muito felizes por causa da parte da noiva e ela foi interagir com os familiares dela ficaram muito muito felizes por a vida e fim.

Português

25/11/19

Anna Paula

Éra uma vez uma menina
chamada Bela um dia sua mãe
encheu Bela de roupas lindas em
muito quando deu Tinha passado um tempo
acumulado e um capoteu um garoto muito
bonito mas não sabia de que era a morte.
Bela começou a se comportar como morte,
por quem ela se apaixonou que um dia
o capoteu para visitar o cumulo, de lá foi.

Bela na casa da morte

E Bela passou a falar:

vão estar celebrando a morte

Por que não com a morte?

E a morte suspirou:

Continuamos a nos comportar

E Bela suspirou:

vão ficar quando alguém vive que

na casa em casa e de fora.

Assim a morte desistiu e Bela

com o passar dos anos se comportou alguém

em pouco com a morte mas que

na vida vive e consertou sua família

e foi feliz para sempre

Anna

Precursores tatalual-28/11/19

Era uma viúva um moço que decidiu
casar com a Monte.

Era uma viúva uma moça o nome
dela era Ana ela morava numa vila
muito bonita Ana queria casar mas ninguem
queria casar com ela Por que ela era muito
falta até que um dia Ana estava
fazendo na Pacinha a Monte também
estava fazendo e eles começaram a ficar
Nam começaram a Monte gostava de festas
as chatas e ano depois eles iam casar
no dia do casamento a Monte não estava
vendo a Monte pois que ela estava
trabalhando fazendo as festas até que ele
chegou a noite ele estava agitado
e eles se casaram tiveram filhos e viveram
felizes.

ANEXO G - PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: LEITURA LITERÁRIA: UMA PROPOSTA INTERVENTIVA PARA SALA DE AULA

Pesquisador: TATIANA SIMÃO DE CARVALHO

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 22458619.8.0000.5294

Instituição Proponente: UERN

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.735.145

Apresentação do Projeto:

Esta pesquisa trata-se de projeto de mestrado profissional em letras da UERN. Apresenta como objetivo intervir na formação leitora dos alunos e de forma secundária utilizar a leitura literária de contos populares como estratégia para promover a melhoria da formação leitora do estudante; formar a competência leitora, considerando a perspectiva do letramento literário e elaborar e aplicar uma proposta metodológica que possa auxiliar o docente no processo de formação de leitores. Isso se dará por meio de oficinas literárias a serem desenvolvidas com/para os alunos. Serão cinco (5) oficinas utilizando o gênero Conto Popular. A análise de dados será constituída a partir de questionário sobre os tipos de leitura que os alunos realizam e para que a realizam; os registros coletivos e individuais do gênero conto popular/literário em caderno de registro; o registro fotográfico das atividades realizadas; as oficinas literárias e a construção de Diário de Bordo pelo docente.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

• Intervir na formação leitora dos alunos.

Objetivo Secundário:

• Utilizar a leitura literária de contos populares como estratégia para promover a melhoria da

Endereço: Rua Miguel Antonio da Silva Neto, s/n

Bairro: Aeroporto

CEP: 59.607-360

UF: RN

Município: MOSSORO

Telefone: (84)3312-7032

E-mail: cep@uern.br



Continuação do Parecer: 2.725.145

formação leitora do estudante;

- Formar a competência leitora, considerando a perspectiva do letramento literário;
- Elaborar e aplicar uma proposta metodológica que possa auxiliar o docente no processo de formação de leitores.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: Os riscos mínimos que o participante da pesquisa estará exposto são de possíveis constrangimentos/vergonha de ter seus textos expostos à pesquisadora e os alunos estarem submetidos ao risco de se constrangerem ao verem um estudo realizado na classe em que eles estudam ser publicados no meio acadêmico. Fato este minimizado pela preservação dos nomes dos alunos quando nas atividades a serem realizadas.

Benefícios: O benefício desta pesquisa se dá com a possibilidade de os discentes ampliarem suas competências na leitura e na escrita. Além disso, também oportuniza aos estudantes através dos contos literários (re)conhecer sua cultura, sentir-se mediador de sentido consigo e entre os sujeitos do mundo real e estimular a imaginação e senso estético.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa é relevante.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos foram apresentados sem óbice éticos.

Recomendações:

Recomenda-se que acrescente o que fará para minimizar os riscos da pesquisa no projeto de pesquisa, uma vez que menciona apenas no TCLE e no TALE.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto não apresenta óbice éticos.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P	11/11/2019		Aceito

Endereço: Rua Miguel Antonio da Silva Neto, s/n
 Bairro: Aeroporto CEP: 59.607-360
 UF: RN Município: MOSSORO
 Telefone: (84)3312-7032 E-mail: cep@uern.br

 CEP Comitê de Ética em Pesquisa UERN	UERN - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE	
--	---	---

Continuação do Parecer: 3.735.145

Básicas do Projeto	ETO_1416245.pdf	16:52:27		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	ANUENCIA.docx	11/11/2019 16:51:30	TATIANA SIMAO DE CARVALHO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEETALE.docx	11/11/2019 16:48:30	TATIANA SIMAO DE CARVALHO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMOIMAGEM.doc	11/11/2019 16:38:39	TATIANA SIMAO DE CARVALHO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	pesquisadora.jpg	16/09/2019 19:32:35	TATIANA SIMAO DE CARVALHO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto pronto.docx	03/09/2019 23:00:37	TATIANA SIMAO DE CARVALHO	Aceito
Folha de Rosto	folha.pdf	03/09/2019 22:28:13	TATIANA SIMAO DE CARVALHO	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

MOSSORO, 29 de Novembro de 2019

Assinado por:
Ana Clara Soares Paiva Tôres
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Miguel Antonio da Silva Neto, s/n
Bairro: Aeroporto CEP: 59.607-360
UF: RN Município: MOSSORO
Telefone: (84)3313-7032 E-mail: cep@uern.br